
Grama de vidro, grama de vidro
E o soco de um amigo
cacos
abrigo?
Você é grama, mas é vidro
Vidro transparente
Grama
Grama de vidro
Grama de vidro
?
cacos
Deitar na grama ao luar
Pingente de vidro no colar
O aconchego de perigo
Grama de vidro, grama de vidro
Tão bela e intrigante
Convidativa, mas cortante
Você é ameaça, é abrigo
Grama de vidro, grama de
florido
GRAMA DE VIDRO
DÉBORA CIAMPI ELLER
05:12
Sexta-feira, 20 de janeiro
BLA
Carol
Amg, viu o post da Glass??
GRASS OF GLASS
28 JANEIRO 2023
PISTA PREMIUM
GRASS OF GLASS
PISTA PREMIUM
28 JANEIRO 2023
AO VIVO


GRAMA
DE
VIDRO
DÉBORA CIAMPI ELLER

Copyright © 2023 Débora Ciampi Eller

Todos os direitos reservados

Os personagens e eventos narrados neste livro são fictícios. Qualquer semelhança com qualquer pessoa, viva ou morta, é coincidência e não intencional.

Todas as músicas sem a devida referência são autorais.

Nenhuma parte deste livro deve ser reproduzida por qualquer meio ou formato digital ou impresso sem a autorização expressa da autora.

Capa: Clara Costa
Revisão textual: Fabiane Ciampi Colenghi e Débora Ciampi Eller
Diagramação: Débora Ciampi Eller

ISBN: 978-65-00-70372-6

CONTENTS

Copyright
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
CAPÍTULO EXTRA
BÔNUS
AGRADECIMENTOS
About The Author
Books In This Series

Books By This Author

Para aqueles em busca do seu lugar de paz.

Presa em laços de trevas
Sua luz os nós desfaz

— “Lugar de Paz”, de Madu Rios

CAPÍTULO 1

Você Consegue Me Ver?

É claro que isto iria acontecer. Falando em termos óbvios.

Recorramos à matemática básica para explicar tal fenômeno:

Melhor amiga podre de rica + essa mesma amiga ser completamente fissurada por uma *boyband* desde os nossos 12 anos = ir ao show dessa *boyband* em outra cidade com a sua melhor amiga.

E é isso aí.

— Tá, Madu, qual playlist você quer ouvir? — Não apenas a voz de Carol como todo seu corpo exalam animação enquanto ela conecta o celular ao rádio do carro pelo bluetooth. — A da Glass geral, a específica do Peter, a do Drew, a do Derek ou a do Josh?

Nenhuma das alternativas anteriores, respondo mentalmente, manobrando para sair da garagem da loja de aluguel de automóveis do aeroporto.

Sim, minha amiga tem uma playlist específica para cada um dos garotos da Grass of Glass. Todas as músicas da banda têm um solista principal e Carol as juntou em playlists de acordo com esse critério.

E, sim, minha amiga é tão, mas tão fã que, mesmo eu não curtindo tanto a banda, sei tudo o que se tem para saber sobre eles. Sei cada letra de cada música e cada informação inútil que se possa imaginar sobre a vida pessoal de cada um dos quatro meninos da banda. Não é como se eu tivesse alguma outra opção. Qualquer pessoa que conviva o mínimo com a Carol já vai saber o máximo sobre a Glass.

— E se a gente ouvisse a playlist de *O rei do show*? — sugiro, dando um sorriso incerto, mas com um pinguinho de esperança,

considerando que esse é nosso musical preferido.

Não é nem que eu não goste de Grass of Glass, é só que eu não sou fã. Eles têm algumas músicas bem legais e uma ou duas que eu realmente gosto, mas o ponto é que o som deles não é o estilo de música que eu costumo ouvir.

— Ai, amiga, é que estamos a exatamente três semanas do show! — Carol solta com um muxoxo. — Já queria ir entrando no clima!

Vamos ter 21 dias intermináveis para isso!

Além do mais, não é como se essa fosse a primeira vez que ela estava indo a um show da Grass of Glass! Considerando que Carol é milionária, ela já foi a tantos outros shows deles que eu já perdi as contas.

Até *eu* já fui a alguns shows da Glass. E só por mera consideração à minha amiga, já que eu não gosto de muvuca, nem de som alto, nem de muita interação social.

De qualquer forma, resolvo ser legal e ceder:

— Tudo bem… — Não consigo conter um suspiro. — Vamos ouvir a do Peter, então.

Essa, para mim, foi a escolha mais óbvia, porque, dos quatro integrantes da banda, Peter é o mais alegre, o que se reflete até nas músicas que ele sola — com exceção de uma. E, sempre que eu posso, escuto coisas que ajudem a aflorar esse lado mais otimista dentro de mim.

Sem precisar de outro incentivo depois da minha resposta, Carol coloca a playlist com as músicas da Glass soladas pelo Peter para tocar. E é claro que é justamente a única música dele que eu não gosto que ecoa pelos alto falantes do carro.

— Ah não, Carol… Essa não…

— Mas “If No One” é a minha preferida dele! — Carol faz até um biquinho.

— Mas ela é uma das mais pesadas da Glass! — Recorro ao meu argumento de sempre.

— Tá bom, tá bom…

Carol suspira e passa para a próxima música da playlist.

A voz aveludada do cantor preenche o carro pelo restante do caminho, acompanhada pela Carol, que não erra sequer os momentos em que ele pausa para respirar. Cantarolo cada música também, distraída, dedicando minha atenção ao trajeto indicado pelo Maps até nosso hotel, que é só um dos principais do Rio de Janeiro.

“O maior de Copacabana”, segundo o carinha que pega nossas malas assim que deixamos nosso carro alugado com o manobrista. Coisa pouca, como podem ver.

Seguimos o moço carregando nossas coisas até a recepção, enquanto eu admiro, impressionada, tudo ao meu redor. Não é a primeira vez que viajo com a Carol, então não é a primeira vez que fico em um hotel de gente rica, mas ainda assim não me acostumei a todo esse luxo.

O ar-condicionado está no talo e fico com frio assim que pisamos no interior do hotel. As molduras dos quadros, as paredes e os móveis são todos em tons de dourado, e as superfícies ou são espelhadas ou são de vidro, dando um ar ainda mais sofisticado ao local.

As pessoas ao redor falam baixo, como se sons altos não pertencessem a um lugar requintado como este. Amei, claro.

Os sussurros preenchem o ar ao nosso redor com os mais diversos idiomas. Escuto um pouco de espanhol, francês e outras línguas que não identifico, mas a que mais se sobressai é o inglês. Para a minha surpresa, a única língua que não ouvi pelos corredores até agora (com exceção do funcionário que está com nossas malas) foi o português.

— Tem certeza de que brasileiros podem se hospedar aqui? — pergunto para Carol em tom de brincadeira.

Ela revira os olhos com um sorrisinho de canto.

— Não, Madu, eles selecionam os hóspedes com base na nacionalidade.

Dou uma risadinha.

Depois do que pareceram *horas*, considerando que é janeiro e o hotel está cheio por ser alta temporada, vamos para o nosso quarto, que é na ala dos mais ricos, pelo que posso perceber, já que é de acesso restrito e há vários guardas na frente da maioria das portas.

Felizmente, Carol nunca precisou de guarda-costas, porque, ainda que seja podre de rica, ela não é famosa; então sem brutamontes na nossa cola!

Observando o corredor, vejo mais guardas do que portas, o que me faz questionar quem são os nossos vizinhos.

Querendo sair da vista desses homens do tamanho de armários, coloco o mais rápido possível meu cartão na frente da maçaneta, para destravar a tranca magnética, e abro a porta, entrando logo em seguida.

Assim que a fecho e relaxo, quase perco o ar com nosso “quarto” — entre aspas, porque, na verdade, está mais para um apartamento.

Logo que entramos, damos de cara com a sala e somos recebidas por uma vista fenomenal da praia. Uma porta de correr de vidro conduz até uma varanda que fica de frente para a praia, dando a impressão de que bastaria estender a perna para mergulhá-la no oceano.

Ainda na sala, há uma bancadinha e um frigobar (que mais parece uma geladeira pequena). De frente para a bancada, há um sofá e uma mesa — bem grande, com lugar para, pelo menos, seis pessoas.

Da sala, se virarmos para a esquerda, encontramos o banheiro. À direita, fica o resto do apartamento, que consiste em dois quartos apenas — enormes, claro —, com uma cama de solteiro em cada. Na verdade, preciso ser justa: as camas podem até ser de solteiro, mas tenho certeza de que o tamanho é de uma *king size*. Além disso, a aparência é tão confortável que me faz querer deitar na hora!

Ainda estou embasbacada com a grandiosidade de tudo aqui quando Carol me vem com a seguinte frase:

— É, até que é um quarto bem razoável.

— Razoável?! — Arregalo os olhos, beirando a indignação.

— É, já me hospedei em melhores. — ela fala, não para se exibir, porque a Carol não é assim. É só que, para ela, ser rica é algo tão normal que, de vez em quando, ela faz comentários ostensivos sem nem sequer perceber.

— Bom, esse é definitivamente o melhor hotel que eu já fiquei — constato. — Muito obrigada de novo por tudo isso! Sério! Não sei nem como te agradecer pelo tanto que você me mima!

Dou um abraço nela.

— Imagina, amiga! Você sabe que eu odeio viajar sozinha, então, no fim, é bom para nós duas! — Carol diz, retribuindo meu abraço.



A primeira coisa que fazemos é ir para a praia, claro. Como boas brasilienses, nosso maior desejo, ao chegar em qualquer cidade litorânea, é matar as saudades do mar!

Afundo meus pés na areia e desfruto do vento salgado soprando em minha pele. O som das ondas se quebrando ao meu redor e em minhas panturrilhas é como uma sinfonia da natureza, mais eficaz que qualquer calmante.

Fecho os olhos e ergo o rosto para o céu, absorvendo os raios solares que aquecem minhas pálpebras. Respiro fundo, inalando os aromas marítimos de que tanto senti falta.

Na minha cabeça, sempre tomada por alguma música, em uma espécie de trilha sonora eterna e particular, está tocando "Volver", do João Manô. A letra se encaixa com perfeição ao momento: "Quero o mar/ Quero a areia e seus lençóis/ Quero o pôr do sol/ E as correntes de ar/ Pra me lavar do que/ Tanto me prende aqui/ Meu Deus me bastará".

Sorrio. A natureza sempre me lembra da grandeza do nosso Criador. Os céus de fato proclamam a glória de Deus[1]. Bem que Jesus nos disse para observar os pássaros e as flores do campo para nos livrarmos das ansiedades da vida[2].

Sentindo-me nova depois de ser lavada pelas ondas, deito-me na canga que trouxemos. Carol me acompanha, estirando-se ao meu lado. Aproveito para ler um livro e minha amiga mexe no celular.

— Madu, você *precisa* ver a foto que o Drew acabou de postar! — Carol fala empolgada, como se alguém tivesse acabado de descobrir a cura para o câncer.

"*Precisar" é uma palavra muito forte*, penso, e meu rosto acompanha minha linha de raciocínio, assumindo um ar irônico. Felizmente esse foi o máximo de opinião que expressei, deixando a resposta mais grossa para dentro de mim, como a menina educada que sou (ou, pelo menos, tento ser).

Pego o celular que Carol me estende e vejo a foto sem um pingo de interesse. Drew, que era quem segurava o celular para tirar a selfie, estava sentado ao lado de Peter em um jatinho. Do outro lado do corredor, estavam Josh e, no banco mais afastado da foto, Derek.

Com exceção de Derek, cuja capacidade de esboçar qualquer emoção remotamente feliz parece não ter sido incluída no pacote quando foi

criado, os outros três estão sorrindo para a foto. Drew está com um sorriso charmoso típico dele, Josh com um mais sóbrio e Peter com a língua para fora, do seu jeito travesso de sempre. Derek, que só devo ter visto sorrindo no máximo três vezes em todos esses oito anos acompanhando a banda, apenas ergueu as sobrancelhas, como se o mundo não fosse digno de vê-lo.

Os quatro integrantes da Grass of Glass com certeza explicam o motivo de Carol ter surtado ao ver o *post* de Drew.

— Você já tirou um *print* dessa foto, né? — pergunto em um tom monótono, conhecendo bem a minha amiga.

— Assim que ela apareceu no meu *feed*. — Carol responde sem nem se abalar, estendendo a mão em um pedido silencioso para que eu devolvesse seu telefone.

Voltamos para o hotel horas mais tarde e já me sinto outra pessoa. Nada como um bom mergulho no mar para renovar nosso espírito!

Enquanto passamos pelo saguão, reparo que há muito mais seguranças espalhados por aí do que eu tinha percebido em um primeiro momento.

Conforme inspeciono os arredores, entendo o motivo para tantos guarda-costas: muitos famosos estão hospedados aqui. Em apenas uma caminhada rápida pelo hotel, vi uma cantora pop mundialmente famosa saindo do elevador e entrando em seu carro superchique, um jogador de futebol na recepção meio que discutindo alguma coisa com a pobre recepcionista e um senador conversando concentrado pelo celular.

Chegamos em nosso quarto, tomamos um banho para nos limpar da areia do mar e depois pegamos nosso carro alugado para explorar esta Cidade Maravilhosa.



Estamos no Rio há dois dias e nossa rotina tem sido basicamente ir à praia, comer e fazer compras. Não fomos nem ao Cristo Redentor nem ao Pão de Açúcar, porque ambas já estivemos aqui antes com as nossas famílias e já conhecemos esses pontos turísticos.

Então, aqui estamos nós, cumprindo nossa rotina horrível e indo ao shopping depois de um dia no mar. Ah, que vida cruel. Que pena de nós duas.

— Madu — Carol me chama —, a gente precisa comprar roupas novas para arrasar daqui a dezenove dias.

— Dezenove dias? — Não sei por que pergunto, já que seu tom de voz deu a entender que ela poderia me dizer também quantas horas e minutos faltavam.

— É, no show!

— Ah, sim, claro! — falo, um tanto confusa. Achava que ela já tinha uma roupa para o show.

Enquanto estávamos no shopping, Carol, de tempos em tempos, checava o celular. Reparando meu olhar feio, pelo fato de eu estar sendo trocada por uma tela, Carol assume um tom de lamento e diz:

— Desculpa, amiga! É porque eu tô tentando descobrir quando os meninos vêm para o Brasil! — Ela mexe o polegar, subindo o *feed* do Instagram. — A equipe deles não está divulgando muito sobre a agenda dos meninos nos dias antes dos shows aqui. A gente tá ficando doida, tentando descobrir por nós mesmas, já que nem isso a assessoria da Glass fez o favor de nos avisar…

Em situações como essa, quando a Carol fala no plural, “a gente isso, a gente aquilo”, ela, na verdade, está se referindo a ela e às outras *glassies* brasileiras. Ao que tudo indica, nenhuma delas acha razoável que a banda queira se preservar o mínimo possível ao não revelar cada mínimo detalhe de cada passo que darão pelos próximos dias.

Carol estende o celular na minha direção, mantendo o polegar pressionado na tela, para me mostrar um *story*.

— Olha isso aqui — ela diz. — Para você, esse lugar é no Brasil?

Na foto, dá para ver apenas o Peter de frente para uma parede, com seu sorriso arteiro típico e sua pequena cicatriz perto de seu lábio inferior. Bem no cantinho da foto, aparece uma parte mínima de uma janela, em que é possível ver apenas uma rua asfaltada e parte de um carro em movimento.

Olho para Carol sem acreditar que ela está mesmo tentando especular onde eles estão a partir dessa foto.

— Eu não faço ideia, amiga — respondo. — Poderia ser literalmente qualquer lugar.

Carol suspira, inconformada.

Depois disso, ainda ficamos mais algumas horas no shopping. No fim, minha amiga não encontrou nada que a agradasse e preferiu manter a roupa que tinha se planejado originalmente para usar no show.

Quando voltamos ao nosso hotel, aproveito para tomar uma ducha. Mesmo estando à noite, estou toda suada e morrendo de calor. A *hashtag* Rio 40 graus não existe à toa e, após um dia inteiro zanzando por aí, eu já estava precisando de uma refrescada.

Tomo meu banho como sempre: cantando. Em alguns dias, gosto de acompanhar alguma das minhas playlists do Spotify; em outros, como hoje e a maior parte das vezes, prefiro cantar à capela mesmo.

Minha voz ecoa pelas paredes do box com minhas músicas preferidas, que vão desde *O rei do show*, passando por louvores e terminando em músicas mais antigas, como Celly Campelo ou Vencedores Por Cristo.

Mas, então, acontece algo que *não* é como sempre: eu tinha plateia, e não era a Carol nem o povo lá de casa.

Tudo bem, "plateia" não é a palavra certa, porque dá a impressão de que alguém estava me assistindo. Acho que a palavra mais adequada seria "ouvinte", já que tinha um ser me ouvindo, sabe-se lá de onde.

— Wow, não para de cantar, não! — A voz em inglês ecoa um tanto distorcida pelo banheiro.

Fico tão chocada que escorrego em sei lá o quê — provavelmente na água com restos de sabonete e shampoo no chão — e quase caio. Meus pés devem ter feito um som de "estou deslizando", e o meu tapa espalmado no vidro do box para evitar minha queda deve ter feito um barulho maior do que eu imaginava, porque a voz vinda do além pergunta:

— Está tudo bem?

— Hãã… — resmungo, incapacitada de formular qualquer frase.

Que que tá rolando, meu Senhor?

AIMEUDEUS!

SERÁ QUE ELE TÁ ME VENDO?

AIMEUDEUSAIMEUDEUSSS!!!!!!!!

Enrolo-me na toalha, meio desesperada, e olho em volta — no exaustor em cima do box, em algum possível buraco embaixo da privada ou da pia — em busca de algum rosto, ou olhos, ou até uma câmera! Mas não vejo nada. Só uma pequena janelinha para ventilar o banheiro, na parte de cima de uma das paredes do box, que dá para o interior de concreto do prédio.

Por via das dúvidas, tento checar essa janela também, para descobrir se dá para ver alguma coisa. Só que essa foi uma péssima ideia, considerando que a janela está uns muitos centímetros acima de mim, e eu estou molhada, e não tem nada para eu subir, então eu tenho que *pular* para tentar ver o que tem do outro lado da janela — o que, como eu já disse, foi uma *péssima* ideia, porque o chão *também* está molhado! — e eu acabo de fato caindo desta vez.

— Você está bem…? — a voz pergunta ao ouvir o baque do meu corpo encontrando o chão — Você fala inglês?

— Sim. — Finalmente digo alguma coisa, só que na língua errada. Corrigindo-me, continuo: — Sim, estou bem, e sim, falo inglês.

Como eu estava dizendo isso no idioma em questão, minha resposta ficou um tanto redundante, mas não posso fazer nada, não me encontro no meu estado normal no momento.

Estou em um banheiro que não é meu, enrolada numa toalha, toda molhada e encharquei o banheiro todo, TUDO PORQUE UM ESTRANHO COMEÇOU A FALAR COMIGO NO MEIO DO MEU BANHO!

— Desculpa se eu te assustei — ele diz, como se meu surto fosse audível no silêncio que pairava entre nós.

— Hã... Não é nada... — respondo, porque eu não sei o que dizer, apesar de ser, sim, *alguma coisa!*

— Mas está tudo bem? Ouvi o barulho de algo caindo.

— Tudo ok.

Ficamos em silêncio por alguns segundos, então eu aproveito para fazer a pergunta que não quer calar:

— Hã... Você consegue, tipo… me *ver?*

Tenho que parar de ficar falando “hã…” o tempo todo.

— Não.

Graças a Deus!!!

Meus ombros relaxam e solto o ar que ficou entalado em meus pulmões pelos últimos minutos.

— Você consegue? — ele pergunta. — Me ver, quero dizer.

— Não.

— Ainda bem.

Ninguém fala nada por uns dois segundos, até que ele quebra o silêncio:

— Foi mal te assustar assim, mas é que sua voz é muito bonita. Tipo, muito mesmo. Não deu para ouvir e não falar nada.

— Ah, tá. — *Nossa, como eu sei interagir com pessoas.* Percebo que falei em português, então, tentando corrigir minha falta de tato, digo, agora em inglês: — Obrigada.

— Pode continuar cantando. Não quis te interromper nem nada assim.

Demoro um pouco para responder, decidindo se falo a verdade ou se digo que já estava de saída e vou embora com condicionador e sabão no corpo mesmo... Mas aí as circunstâncias decidem por mim e cai um pouco do produto para cabelo nos meus olhos, obrigando-me a ser sincera:

— Na verdade, não estou exatamente à vontade para cantar agora... — Solto uma risada nervosa.

— Ah, entendi. Que pena, então... Eu que saio perdendo. Mas, realmente, isso foi um pouco bizarro, imagino. — Ele pigarreia. — Me desculpa mais uma vez, não foi minha intenção ser sem noção nem qualquer coisa do tipo.

O ar sai por minhas narinas em uma lufada estranha, que era para ter sido uma espécie de risada, e escuto uma porta sendo aberta.

— Acho que vou indo, então... Foi um prazer — ele fala, mantendo aquela cordialidade usual de quando você conhece alguém, EXCETO QUE ISSO NÃO FOI NEM UM POUCO NORMAL!

Então, como ainda estou consideravelmente surtada com isso tudo, respondo de forma brilhante com um:

— Aham.

E, não tenho certeza, mas acho que ouvi uma risadinha.

— Tá, e você ficou desesperada por causa disso? Até parece que você nunca ouviu ninguém de algum banheiro alguma vez na sua vida! Fala sério, isso é a coisa mais normal do mundo… — Carol revira os olhos.

— É, tá, mas acontece que NINGUÉM NUNCA *FALOU* COMIGO DURANTE MEUS BANHOS!

— Ai, Madu, para de drama, eu, hein. Ninguém viu nada... nem dá para ver nada, inclusive.

Respiro fundo e reflito sobre o que ela falou.

— Tudo bem. Você tem razão, talvez eu tenha surtado à toa.

— Tá, mas e esse cara é americano? Você disse que ele falou em inglês com você, né?

— É, mas não dá para ter muita certeza de onde ele é. Todas as vezes em que interagi com algum dos hóspedes aqui no hotel foi em inglês, então ele meio que pode ser de qualquer lugar do mundo.

— E quantos anos ele tem? Qual o nome dele?

— Sei lá, Carol. A gente não teve exatamente uma conversa, sabe…

Minha amiga balança a cabeça em descrença.

— Fala sério, Madu! Como assim acontece um negócio desses e você nem faz nada? Não é como se isso acontecesse todo dia.

— Não era você que tava me falando agorinha que ouvir as pessoas pelo banheiro é a coisa mais natural do mundo? — Cruzo os braços.

— Sim, mas *conversar* com alguém pelo banheiro não é comum.

— Ahá! — Aponto um dedo na cara dela. — Então você *admite* que o que aconteceu não foi normal!

Minha amiga revira os olhos, mas percebo seus lábios erguendo-se de leve nos cantos.

— Sim, eu admito, ok? Mas não acho que isso seja um motivo para surtar. Acho que, na verdade, é uma oportunidade incrível.

— Oportunidade de quê? — Dou uma risada de escárnio. — Fazer amizade com um completo desconhecido pela janelinha de um banheiro de hotel?!

Carol ergue as sobrancelhas em desafio.

— E por que não?

— Porque isso seria loucura! Além do mais, você sabe muito bem que eu não saio por aí fazendo amizade com qualquer um.

— Não… — Carol me corrige, erguendo um dedo. — A Madu *do passado* não saía por aí fazendo amizade com qualquer um. A Madu de hoje está bem mais sociável e precisamos reconhecer seus avanços nessa área.

Reviro os olhos, mas acabo sorrindo. Realmente, eu melhorei bastante — depois de muito esforço e oração — nesse quesito ao longo dos últimos anos.

— Tudo bem — digo —, pode ser que você esteja certa. Mas, de qualquer forma, fazer amizade pelo banheiro já seria um pouquinho demais para mim.



No dia seguinte, eu e Carol acordamos mais tarde, quase na hora do almoço, e resolvemos andar pela cidade o resto do dia e ir para a praia à noite, para dar uma variada.

Assim, aqui estamos nós, deitadas em nossas toalhas e tomando um banho de lua. A Celly Campello ficaria orgulhosa de nós — e esse é justamente o tipo de comentário que nem me dou ao trabalho de fazer com outras pessoas. No geral, ninguém da minha idade pega esse tipo de referência mais antiga. Até eu explicar que Celly Campello foi a cantora brasileira que gravou “Banho de Lua”, muito da minha bateria social (que já é pouca) teria sido usada.

— Amiga — A voz eufórica de Carol me tira da minha linha de raciocínio. —, esse lugar com certeza é o Brasil!

Ela enfia o celular no meio da minha cara, mostrando um *story* de Drew.

Deixo meu *kindle* ao meu lado, em cima da toalha em que estou deitada, e pego o celular para ver o que minha amiga está me mostrando.

Drew está apontando com animação para um pôster enorme com a divulgação da turnê da Glass. Como não é possível enxergar as letras do pôster pela foto, fica difícil tentar descobrir o país em que eles estão pelo idioma que está na imagem.

— Não tô vendo nada de mais… — comento, ainda observando a foto.

— Como não?! — Carol pergunta, indignada — Olha isso aqui!

Ela aponta para o cantinho da imagem. Estreito os olhos e aproximo meu rosto do celular, tentando ver o que quer que seja que ela está indicando.

— Tá vendo? — *Não.* — É claramente uma pichação ali embaixo!

Franzo o cenho para Carol. Minha amiga não pode estar falando sério.

Tem umas duas linhas pretas no canto inferior direito da foto que poderiam ser quase qualquer coisa.

— Onde mais teria uma pichação senão no Brasil?! — Carol arregala os olhos para mim, como se seu argumento tivesse sido irrefutável.

Balanço a cabeça, sem acreditar.

— Amiga, sinto muito por ser eu a ter que te dar essa notícia, mas, diferente do que dizem por aí, a pichação não é patrimônio brasileiro, ok?

Carol revira os olhos.

— Aff, esqueci que não dá para conversar com você sobre essas coisas! — Minha amiga se levanta, juntando seus pertences.

— Aonde você vai?

— Voltar para o quarto, onde eu posso fazer minhas teorias da conspiração em paz com as minhas amigas *glassies*!

Dou uma risada, mas me levanto e começo a juntar minhas coisas também.

Chegando ao nosso apartamento, vou direto para o banheiro enquanto Carol já está fazendo chamada de vídeo com algumas amigas que ela fez pelos *fandoms* da Glass de que ela participa, em especial o @glassielidades, o perfil no Instagram voltado para o universo da banda que a Carol administra.

Tomo meu banho com tranquilidade, cantando minhas músicas preferidas e aproveitando para tirar bem a areia e o suor da minha pele.

Quando fecho o chuveiro e começo a me secar, ouço de novo o cara de ontem:

— Aee! Fico feliz de te ouvir cantar de novo.

Ok. Momento constrangedor.

Eu tinha esquecido *completamente* que eu podia ser ouvida aqui!

Mas calma, Maria Eduarda, não há motivos para surtar.

Como foi que a Carol me disse ontem? “Ninguém viu nada, não dá para ver nada”.

Esse surto, por incrível que pareça, durou apenas um milésimo de segundo, então decido agir normalmente (ou o mais perto disso que consigo). Resolvo ver toda esta situação inusitada pela ótica da Carol. Decido entender isso tudo como uma oportunidade não para surtar, mas para, quem sabe, e contra todas as expectativas, fazer alguma espécie — bem estranha — de amizade nova.

Por isso, me forço a levar tudo com mais leveza.

— Obrigada, eu acho.

— Você é cantora?

Uma risada escapa de mim.

— Não… Sou apenas uma grande fã de música.

— Nossa, e onde você aprendeu a cantar assim?

— Com a vida e com vídeos no YouTube, acredita?

— Sério? Você nunca fez aula de canto nem nada do tipo?

— Não… — *Nunca tive dinheiro para isso.* — Eu já participei do coral da escola, vale?

— Vocês aprendiam técnicas vocais lá?

— Não, a gente só fazia aquecimento e coisas assim.

— Então, não.

No silêncio que se aloja entre nós, o que ele me disse momentos atrás vem à tona na minha mente e rumino suas palavras por uns dois segundos, até que me vejo perguntando:

— Você achou mesmo que eu fosse cantora profissional?

— Com essa voz? Fico admirado que não seja.

Ainda bem que ele não está me vendo, porque sinto meu rosto assumindo um tom rosado.

— Obrigada — digo em um fio de voz.

No prédio dos meus pais, vira e mexe os vizinhos me ouviam cantando pelo banheiro e me elogiavam também (*para os meus pais*, e não durante o meu banho, diga-se de passagem!), mas é diferente vindo de um desconhecido e com tanta ênfase assim.

— Bom, preciso ir — ele diz —, mas foi um prazer te ouvir de novo.

Dou uma risada. Ele foi cirúrgico: foi um prazer me *ouvir*, e não me ver, porque, né?, nós nunca nos vimos de fato.

— Foi um prazer te ouvir também — respondo.

— Então até a próxima serenata.

— Ai, espero que não.

— Por quê?!

— Fico sem graça de saber que estou sendo ouvida.

— Não fique. Sua voz é linda e muito mais gente deveria estar ouvindo você cantar. Você tem um canal no YouTube ou algo do tipo?

— Não…

— Deveria ter. Eu seria o primeiro inscrito. — Uma voz distante grita alguma coisa do outro lado da janela do box. — Eu preciso mesmo ir, e eu acabei de perceber que não sei seu nome ainda, mas, se eu ficar aqui mais um segundo, eu provavelmente vou ser vítima de assassinato, então, na próxima serenata, eu te pergunto seu nome e a gente se apresenta direito, pode ser? — Ele está com tanta pressa que nem espera pela minha resposta: — Até mais!

CAPÍTULO 2

Amber e Henry

Três dias se passaram e meu ouvinte anônimo não apareceu mais.

Meu cérebro ainda está com dificuldades para interpretar esse fato — parte de mim está aliviada e outra, desapontada. Aliviada, porque a situação é estranha demais para mim; desapontada, porque, apesar disso, eu estava até gostando um pouco. Vamos ver qual lado meu vai sair ganhando nesta.

No quarto dia, desconfiando de que o Cara do Outro Lado da Janela do Box nem esteja mais hospedado aqui, volto a cantar de forma despreocupada — diferente dos dias anteriores, em que eu apenas cantarolei, quase sussurrando, ao mesmo tempo temendo e desejando ser ouvida.

Assim que acabo a última música, já vestida, com os cachos penteados e definidos e pronta para sair do banheiro, a voz que está se tornando familiar para mim ecoa pela janelinha:

— Achei que nunca mais ouviria essa voz de anjo.

Meu estômago dá uma cambalhota e o canto da minha boca se ergue em um pequeno sorriso contra a minha vontade.

— Não fui eu que sumi por três dias — rebato num tom de brincadeira.

— Ah, quer dizer que você sentiu minha falta, é?

— Claro que não. — Cruzo os braços.

— Bom, você estava muito atenta à minha ausência para alguém que não sentiu minha falta. Você até contou os dias…

Franzo o nariz em desagrado com o mole que eu dei.

— Talvez eu estivesse apenas contando os dias em que pude tomar meu banho em paz.

Ele dá uma risada.

— Sei… Mas, então, quantos anos você tem?

— Achei que você iria me perguntar meu nome na minha próxima serenata.

— Olha só quem estava prestando atenção ao que eu falava… — ele diz, bem-humorado. — Qual é o seu nome, então, ó voz angelical?

— Eu ia te perguntar: “eu tenho cara de quê?”, mas, considerando que nós nunca nos vimos, vou mudar a pergunta para: “minha voz parece com que nome”?

— Ok, porque isso não é nem um pouco confuso, né? — Ele ri.

— Mas você entendeu, e é isso que importa.

— Tudo bem, deixa eu pensar... Eu diria que seu nome é… Amber.

— Amber? — gargalho.

— O quê, acertei?

— Não chegou nem perto!

Ele ri de novo.

— Valeu a tentativa. — Quase consigo vê-lo dando de ombros. — E eu, pela minha voz, qual você acha que é meu nome?

Sorrio ao perceber que ele entrou no jogo e respondo:

— Hum... sei lá. — Tento pensar em nomes comuns nos Estados Unidos. — Henry...? Noah...?

Ele que gargalha dessa vez.

— Isso é difícil! — digo.

— E eu não sei?

A gente ri junto e o assunto parece acabar, até que Henry/Noah pergunta:

— E quantos anos você tem?

— Quantos anos você acha que eu tenho?

— Sei lá, é difícil estimar apenas pela voz... — Ele fica em um silêncio pensativo por alguns segundos. — Eu chutaria que você tem mais que dezoito, mas menos que vinte. Estou certo?

“Está. Tenho vinte cravado.” É o que eu penso, mas respondo:

— Quem sabe... E você, tem quantos anos?

— Quantos você acha?

Dou um sorriso travesso e repito:

— É difícil estimar apenas pela voz. Mas eu chutaria que você tem mais que dezoito, mas menos que vinte. Estou certa?

Ele dá uma gargalhada.

— Você realmente acha isso ou está apenas me copiando?

— Um pouco dos dois. Mas, de verdade, acho que você não passa dos vinte e cinco.

— Hum...

— Estou certa?

— Quem sabe… — ele repete minha resposta e quase posso sentir o sorriso em sua voz.

Mais uma vez o assunto parece morrer e, mais uma vez, Henry/Noah o traz de volta à vida:

— Então nós vamos ficar no anonimato, é isso?

— Aparentemente sim.

— Ótimo.

— Por que “ótimo”? Tem algo a esconder, Henry-barra-Noah?

Ele dá uma risada.

— Se eu te respondesse isso, acabaria com toda a nossa *vibe* misteriosa.

Dou uma risada, mas uma pontinha de preocupação surge no fundo da minha mente. Preciso dar um jeito de descobrir se ele é, sei lá, um psicopata. Sempre importante conferir (não converse com estranhos e tudo o mais).

— Madu! — Carol grita do apartamento.

Eu quase faço uma oração para que o Henry/Noah não tenha escutado. Felizmente o quarto da minha amiga é longe o suficiente do banheiro para que ele não a ouça — pelo menos, assim eu espero.

— Quê? — grito de volta para a Carol.

— Já tá pronta? Você tava pensando de ir almoçar que horas? É que eu já tô ficando com fome…

— Tô indo, vou só me despedir aqui. — Nem sequer espero que ela responda e já falo para meu colega de banheiro: — Tenho que ir. Até a próxima?

— Espero que sim.

Ao mesmo tempo sem graça e nervosa, e, sem saber o que responder, resolvo não dizer nada, simplesmente indo embora.

Assim que encosto na maçaneta, contudo, quase como se pudesse me ver, ele fala:

— Ah, Amber? Só mais uma coisa!

— Diga.

— Você precisa decidir meu nome. Não posso ter dois.

Dou uma risada.

— Ok, vou pensar sobre isso.

— Vou cobrar, hein. Todos merecemos um nome.

— Sim, senhor.

Saio do banheiro com um sorriso divertido.

— Você tava falando comigo? — Carol pergunta, olhando vidrada para o celular, assim que eu chego ao quarto dela.

— Não, tava falando com o Henry.

— Então você descobriu o nome dele?! — Ela ergue os olhos do celular e me encara com uma pitada de ironia. — E o que aconteceu com o seu papinho de "Ai, fazer amizade pela janelinha do banheiro é demais para mim"? — Ela me imita de forma infantil.

Reviro os olhos, contendo um sorriso.

— Resolvi pegar um pouco do seu otimismo e ver as coisas pelo seu ponto de vista, tá bom? — digo, como se não fosse nada, e Carol bate palminhas enquanto faz uma espécie de dança estranha, comemorando na cama. — E, na verdade, eu não descobri o nome dele.

Carol estreita os olhos em minha direção.

— Oxi, como assim?

Conto para ela a nossa conversa e explico como agora o meu nome é Amber.

— Então ele acha que você é americana? Uaaau, tá de parabéns, hein! Os anos que você passou estudando inglês não foram à toa!

Dou uma risada do exagero dela.

— Tenho certeza de que ele não acha que eu sou americana. Ele já me ouviu cantando em português.

— Tudo bem, mas isso não muda o fato de que seu inglês é muito bom.

Antes que eu consiga abrir a boca para falar qualquer coisa, Carol se ajeita na cama com um pulinho, ficando de joelhos para concentrar toda sua atenção em mim:

— Mas e aí, como você vai chamá-lo?

— Henry.

— Por quê?

— Porque eu acho mais bonito que Noah.

— Justo.

Carol olha para o lado, mordendo o lábio e estreitando os olhos por um instante, então diz:

— Agora só falta uma coisa para vocês terem minha bênção.

Gargalho.

— O quê?

— A gente descobrir se ele é um psicopata.

Na mesma hora, Carol me arrastou até a recepção do hotel e está há cerca de 15 minutos insistindo com a pobre atendente do balcão:

— Mas eu tô te falando… É uma questão de segurança, sabe?

— E eu estou te falando, senhora, que eu não posso te fornecer esse tipo de informação.

Olho para o crachá da moça, que deve ser um ou dois anos mais velha que eu e Carol, tentando descobrir seu nome.

— Com licença… Thaynara, certo? — Interfiro na conversa, quando percebo que as duas não estão indo para lugar nenhum. — Desculpa a insistência, mas é que a gente realmente precisa saber… Você pode pelo menos nos falar se nossos vizinhos são psicopatas ou algo do tipo?

A recepcionista me olha por dois segundos, processando minha pergunta, antes de gargalhar.

— Não mesmo! — Ela ri mais um pouco. — O que te fez pensar que eles eram psicopatas?

— Nada. — Carol responde, cruzando os braços. — Mas a gente só queria confirmar.

— É que dá para a gente se ouvir pelo banheiro, e a gente conversou um pouco. — Explico e Thaynara arregala os olhos. — Aí a gente queria ter certeza de que não era nenhum maluco, sabe?

A garota ainda me encara com as sobrancelhas erguidas.

— Vocês *conversaram* com os… seus vizinhos? — Thaynara pergunta sem acreditar.

— Sim? — Minha resposta acaba saindo como uma pergunta.

Thaynara sacode a cabeça.

— Bom, em todo caso, como eu ia dizendo, não posso fornecer informações pessoais dos nossos hóspedes. Mas posso garantir para vocês duas que em nosso hotel não hospedamos psicopatas.

— E você tem certeza de que nossos vizinhos não são malucos? — Carol insiste.

— Tenho.

— Como? Você os conhece?

A moça faz uma careta, sem saber como responder.

— Nossa equipe tem informações o suficiente para saber que não há perigo algum para nossos hóspedes — Thaynara diz, por fim. — Podem conversar com eles com tranquilidade. Inclusive, aproveitem.

Estreito os olhos para ela, tentando entender seu tom de voz e o brilho em seus olhos.

Dando-se por satisfeita, Carol diz:

— Ótimo. Muito obrigada, moça. — Então ela agarra meu pulso e volta a me arrastar, agora para fora do hotel. — Vem, amiga. Já que esclarecemos esse ponto importantíssimo, podemos resolver um outro problema, que se chama estômago vazio.



— Você tá ouvindo isso? — pergunto para a Carol.

— O quê? — ela questiona, mas já estou saindo da sala e indo para o banheiro.

Por um momento, eu achei que tinha ouvido alguém resmungando alguma coisa e pensei que poderia estar ficando doida.

Conforme me aproximo do banheiro, contudo, concluo que não preciso me preocupar com minha sanidade mental. Tem alguém cantando. Muito bem, inclusive.

Sento na tampa da privada e aproveito para apreciar a voz familiar cantando músicas que eu não conhecia em um tom rouco e agradável. Poderia escutá-lo por horas.

Quando a música acaba, eu falo:

— Henry?

— Amber? — ele exclama, como se tivesse levado um susto — Não sabia que você estava aqui…!

— E eu não sabia que você cantava tão bem! Por que você não me disse?

— Você não perguntou...

Reviro os olhos, mas aí lembro que ele não pode ver, então dou um suspiro dramático, para ele ouvir.

— Ma...! — Carol começa a me chamar.

— SHHH! — Berro, se é que é possível berrar um “shh”, para evitar que a Carol grite meu nome para qualquer um escutar.

— Iiih, que foi, louca? — ela pergunta vindo para o banheiro também.

Aponto enfaticamente para a janelinha.

Carol arregala os olhos para mim e abre um sorriso malicioso.

— O quê? — sussurro.

— Vocês dois — ela diz, movendo o indicador de mim para a janela —, inventando de ficar conversando só pelo banheiro... Se conheçam logo!

Ela fala mais alto do que um sussurro, quase no tom de voz normal, e eu agradeço mentalmente por Henry não falar português. *Quer dizer, ele não fala português, né?*

Tão rápido quanto veio, Carol voltou para o sofá. Com um suspiro um tanto dramático, digo para Henry:

— Desculpa por isso.

Ele dá uma risada.

— Quem era aquela?

— Minha amiga.

— Só vieram vocês duas para cá?

— Não sei se eu devia te dar essa informação, ainda não estou certa de que você não é um doido psicopata nem nada do tipo — falo em tom de brincadeira.

Apesar de ter ido tirar essa história a limpo na recepção, não me sinto à vontade (nem acho que seja sábio) de sair dando tantas informações

sobre mim para ele. Eu nem sei quem ele é!

Henry deve ter percebido meu desconforto, porque fala:

— Eu também tô aqui com meu amigo.

— Legal. Os pais da minha amiga sempre vão com a gente para os shows da Grass of Glass. — O que não é mentira… Essa é a primeira vez que eles não vieram com a gente, mas o estranho do outro lado da janelinha com certeza não precisa saber disso.

— Ah, então é por isso que vocês estão aqui no Rio?

— A Ca… minha amiga é muito fã deles. — Dou uma resposta meio evasiva.

— E você, não é *glassie*?

— Você considera uma pessoa que sabe tudo sobre a Grass of Glass uma *glassie*?

— O que você quer dizer com "tudo"?

— Por exemplo, eu sei que o nome original da banda não era Grass of Glass, mas GarageSound. "Grass of Glass" era o nome apenas de uma das músicas, a primeira deles que estourou, que fazia parte do primeiro álbum que eles lançaram com músicas originais, o *UpSound Down*. — Jorro as informações com naturalidade. — "Grass of Glass" ficou tão famosa que as pessoas começaram a se referir à banda pelo nome da música, e aí pegou. No fim, foi bom para eles. Grass of Glass é bem melhor que GarageSound.

— Saber esse fato não te qualifica como *glassie* — Henry diz num tom brincalhão. — Qualquer pessoa sabe disso.

— Na verdade não. Quase ninguém sabe.

— Sério?

— Sério.

— Bom, de qualquer forma, só saber disso não faz de você uma *glassie*.

— O que me faria uma *glassie*, então? Saber o nome de todos os integrantes, a data de nascimento de cada um, o nome dos pets deles, quais tatuagens eles têm e por que, e todas essas outras coisas bizarras para se saber sobre alguém que você nem sequer conhece de verdade?

— Depende. Você gosta deles?

— Não tenho nada contra.

— E essa é a resposta típica de alguém que *não* é *glassie*.

Dou uma risada.

— E você — continuo a conversa —, está fazendo o que aqui no Rio?

— Vim a trabalho.

— É mesmo? Você trabalha com o quê?

Ele hesita meio segundo antes de falar:

— Sou uma espécie de produtor. E vocês são aqui do Rio mesmo?

— Não, senão a gente não estaria hospedada em um hotel, né?

Ele ri.

— Bom ponto.

— E você, de onde é?

— Não sou do Rio. — É o que ele responde e quase consigo ver um sorriso divertido em seu rosto.

— Tudo bem, desculpa, pergunta pessoal.

— Não esquenta.

Ficamos em silêncio.

É difícil puxar assuntos que não revelem tanto sobre nós.

— E qual é o nome da sua amiga? — Henry pergunta por fim.

— O que você acha que eu vou responder? — Indago séria, mas com um tom de brincadeira, o que o faz rir.

— Tá... Hum... Eu falaria que o nome dela é Chloe, apesar de eu saber que vocês não são americanas.

— Certo. Mas e aí, você vai manter esse nome americano, então, ou vai tentar chutar um outro?

— Não sei nomes típicos do seu país.

— Claro que não, você não sabe nem de onde eu sou — provoco.

— Eu desconfio — ele diz no mesmo tom.

— É? De onde, então?

— Se eu te falar agora, perde a graça. — De novo, quase consigo vê-lo sorrindo enquanto fala isso.

— Sei… E o seu amigo se chama Noah, né? — pergunto, brincando.

— Claro! Mas, então, calma aí, se meu amigo se chama Noah, quer dizer que eu me chamo Henry?

— Fico surpresa por você não saber seu próprio nome.

Ele ri.

Continuamos conversando pelo que pareceram horas até que Henry se despede, dizendo ter um compromisso.

Mal piso para fora do banheiro e já sou interceptada pela Carol:

— É oficial. — Minha amiga enfia o celular na minha cara. — Eles realmente estão no Brasil. Olha o *story* que o Josh acabou de fazer!

O menino tinha literalmente acabado de postar a foto. No topo da tela diz que foi há apenas “alguns segundos”. Às vezes me pergunto se eu deveria me preocupar com a Carol e seu aparente vício em redes sociais, mas nem tenho tempo de desenvolver esse pensamento, porque minha amiga diz em um tom agitado:

— Tá vendo? Me diz agora que isso não é o Rio!

Os quatro meninos da Grass of Glass estão dentro de uma van com janela de vidro fumê, passando na frente do Cristo Redentor com o sol quase a pino como um halo dourado na mão direita da estátua.

— O sol tá muito alto na foto. — Afasto com um empurrãozinho o celular que está quase enfiado no meu rosto.

— E daí?

— E daí que o sol está se pondo agora. — Aponto para a janela.

Carol revira os olhos.

— Caramba, amiga, é tão difícil assim só admitir que eles estão mesmo no Rio? — Carol suspira. — Eles devem ter tirado a foto no caminho, mas resolveram só postar agora, sei lá.

— Tudo bem, então eles chegaram. — É a *minha* vez de revirar os olhos. — Fico feliz por você.

Ainda que eu não veja que diferença isso possa fazer na vida dela. Não é como se ela fosse esbarrar com eles por aí…

CAPÍTULO 3

Por Amor

Dois dias se passam sem notícias de Henry.

Dessa vez, eu cantei alto nos dois dias, na esperança de chamar sua atenção de alguma forma, caso ele estivesse por aqui; mas sem resultado.

Sem ter expectativa de que ele vá aparecer hoje também, canto sem pensar em mais nada. Solto a voz e me entrego à sensação maravilhosa de ser envolvida pelas notas que ecoam pelas paredes do box.

Depois de umas 2 ou 3 músicas, resolvo cantar “Rewrite The Stars”, de *O rei do show*. Como eu não tinha ninguém para ser meu par no dueto, fiz toda a primeira parte do Zac.

Puxo ar pelo nariz, preparando-me para cantar a parte da Zendaya também, quando um tom rouco faz isso antes de mim. O susto que levei foi tão grande que minha voz sumiu.

Henry dá uma risadinha com meu sobressalto, mas continua cantando o que teoricamente seria minha parte como se nada tivesse acontecido. Levo o tempo de ele chegar ao refrão para me recompor, então já entro na segunda voz, voltando a fazer a parte da Zendaya, e Henry vai de forma bastante natural para a voz de Zac.

Nosso dueto fica tão lindo que até desligo o chuveiro para me concentrar no que estava cantando e aproveitar melhor o resultado. Minha voz de soprano se mistura com seu tom rouco com tanta familiaridade que é como se cantássemos juntos há anos. A harmonia entre as nossas vozes é

tão perfeita que a única sensação possível em meu peito é o deleite em sua forma mais pura.

— Nossa, ficou sinistro! — A voz de um outro menino perfura nossa bolha. — Me manda esse vídeo depois, D…

— LALALALALA! — Henry grita como um alucinado.

— Cara, você está bem? Está parecendo eu… — ouço a voz do outro menino se aproximando.

Então escuto cochichos, uma risada e o som de um tapa, o que me faz rir.

— Oi, Amber! — o outro menino, que suponho que seja o amigo que Henry mencionou outro dia, me cumprimenta.

— Oi, Noah! — falo de volta.

— Quê? — Carol berra para mim do quarto.

— Nada, tô falando com o Noah e com o Henry! — grito de volta para ela, em português.

— Quem é Noah?

— O amigo do Henry!

— Ah, é? Se até o amigo dele tá participando da conversa, eu quero também!

Aproveito que já tinha terminado o banho e me enrolo em uma toalha e meu cabelo em outra.

— Oi, meninos! — Carol chega segundos depois.

— Noah, essa é a minha amiga. Minha amiga, esse é o Noah.

— Oi, amiga da Amber — Noah responde.

— É Chloe — Henry fala, se divertindo.

— Meu nome é Chloe? Por que você não me falou, Ambs? — Carol me pergunta num tom de voz debochado, mas com uma expressão um tanto pensativa.

— Que foi? — pergunto para Carol em voz baixa, apesar de estar falando em português.

— A voz do Noah me lembra a de alguém que eu conheço... — ela também cochicha.

— Mas e aí, vocês são brasileiras? — Henry puxa assunto, interrompendo nossa comunicação sussurrada.

— Vocês são americanos? — respondo ao mesmo tempo em que olho feio para a Carol, que tinha respondido com um “sim”.

Minha amiga me olha de volta com um ar inocente e mexe os lábios, formando as palavras “que foi?”. Reviro os olhos.

Os meninos demoram um pouco para responder, mas falam:

— Sim.

— Sei — respondo sem acreditar muito, já que eles tiveram que pensar na resposta.

— Mas agora será que dá para você ir embora? — Henry pergunta, imagino que para o amigo.

Noah dá uma risada travessa:

— Tudo bem, vou dar privacidade para vocês dois, pombinhos.

— Entendi o recado também! — Carol diz em um tom debochado e eu balanço a cabeça, sem acreditar.

Quando voltamos a ficar sozinhos, comento com Henry antes que um silêncio desconfortável se instalasse entre nós:

— Nunca iria imaginar que você gosta de *O rei do show*.

— É porque eu não gosto mesmo — ele diz, bem-humorado.

— Mas você conhecia muito bem a música para alguém que não gosta.

— Olha quem fala… — Henry retruca em um tom divertido. — A enciclopédia ambulante da Grass of Glass que nem curte os caras.

— O quê? — Dou uma risada, incrédula. — Vai me dizer que você só conhece as músicas porque seu melhor amigo é viciado também? O Noah é fã de *O rei do show*, por um acaso?

— Não, mas uma menina que eu conheço gosta e talvez eu tenha começado a ouvir porque me lembra dela.

Fico em silêncio, processando, por uns dois segundos.

— Ah. — Sou *muito* eloquente, como podem ver.

Sou muito sagaz também, porque ainda estou me perguntando se essa menina, por algum acaso, seria eu.

Considerando que quase todo dia eu canto alguma música desse musical, fica muito difícil pensar que ele *não* estava falando sobre mim…

E, por algum motivo, saber que Henry começou a ouvir *O rei do show* só porque o faz se lembrar de mim me deixa com um frio gostoso na barriga.

Depois disso, eu e Henry temos nos encontrado todo dia.

Na verdade, acho que “temos *nos falado*” seria mais correto, já que ainda não nos vimos pessoalmente, apesar de passarmos *horas* conversando um com o outro. Em uma dessas nossas conversas, que costumam começar depois que a gente canta algumas músicas juntos, ele perguntou:

— E aí, animada para o fim de semana?

Franzo o cenho, tentando lembrar o que tem no sábado e domingo. *Ah é, o show!*

— Aham…

Henry dá uma risada.

— Nossa, dá para sentir sua animação daqui.

— É só que eu não sou a maior fã de shows…

— Você não é a maior fã de shows ou da Grass of Glass?

— As duas coisas, mas principalmente de shows.

— Deve ser difícil não gostar da Glass e ser melhor amiga de uma *glassie*… — ele brinca.

— Em momento nenhum eu falei que não gostava deles, só não sou a maior fã.

— Não vejo a diferença, honestamente.

— Não tenho nada contra a Glass, só acho que eles são muito tristes, sabe?

Henry gargalha.

— Acho que posso entender. E o que você tem contra shows?

— Só o fato de que tem muita gente, muito animada, fazendo muito barulho. E eu não sou fã de muita gente junta fazendo muito barulho.

— É, então shows não são mesmo o seu ambiente… — Ele dá uma risada.

— Nem um pouco!

— Então por que você vai?

— Por amor — digo em tom de piada, mas há um quê de verdade nisso.

— Amor?

— É.

— Mas eu achei que você não fosse *glassie*…

— E não sou.

— Então, o quê? Você é muito fã só de um dos caras da banda?

— Não. — Solto uma risada. — Não tô nem aí para os caras da banda.

— *Ouch*.

— Isso saiu estranho. — Faço uma careta, ainda que ele não possa me ver. — Não tenho nada contra os meninos, é só que não tenho nada a favor também. Eu nem os conheço!

— Eu achei que você tinha dito que sabia tudo sobre eles.

— O que não é a mesma coisa que conhecer alguém. Além do mais, eu sei só o que a mídia divulga, e vai saber o que é verdade ou não…

— Você tem um ponto — ele diz. — Mas se você não é fã nem dos meninos nem da banda, então você vai por amor a *quem?*

— À Chloe. Como eu já disse, ela ama *muito* os meninos, ou a imagem que ela tem deles, e esses shows são *muito* importantes para ela. — Suspiro. — Então, sim, sempre que eu puder e ela me quiser junto, estarei com ela nos shows.

— Então esse não é o primeiro show da Glass que você vai?

— Ah, não — Dou risada. —, não mesmo. Já até perdi as contas de em quantos eu fui. E eu nem acompanhei a Chloe em todos os que ela já foi, só para você ter uma ideia de quanto ela é fã.

— Wow…

— Pois é...

— Então isso quer dizer que você conhece as músicas deles?

— Cada uma delas, de trás para frente — falo com um ar solene e ele ri.

— Canta aí uma, então.

— Ai, sério?

— Por mais que eu ache que eu vá me arrepender disso depois, sim — ele diz já com um pouco de pesar, o que me faz dar uma risadinha.

— Se você insiste...

Sem nem sequer parar para pensar, começo “Grass of Glass”. Essa é a minha escolha óbvia — não apenas porque é a mais famosa deles, mas porque eu fiz algumas adaptações nela.

A letra original era muito melancólica e, como a Carol vive escutando essa música perto de mim, resolvi acrescentar algumas partes, para que ela se tornasse mais esperançosa — ou, no mínimo, mais leve. De melancólica já basta minha cabeça, não preciso de nenhum incentivo para ser sombria.

Pouco depois que comecei a música, a voz rouca de Henry se juntou à minha, o que foi ótimo, porque assim eu poderia cantar os versos que

compus sem precisar me desdobrar.

Quando entoei minhas primeiras estrofes extras, Henry parou por um segundo, parecendo surpreso, mas logo se recuperou e voltou a cantar também. Sua voz, contudo, parecia menos enfática e mais mecânica, como se não estivesse prestando atenção ao que estava fazendo — como se todo seu foco estivesse na letra que eu acrescentava à original.

— Wow! Isso ficou muito bom! — ele diz, assim que terminamos. — Você que compôs esses versos?

— Sim, achava a letra original muito para baixo…

— Wow — Henry repete, parecendo sem palavras. — A gente pode cantar de novo? Queria ouvir mais uma vez a letra.

— Eu recito para você — digo, constrangida de repente.

— Mas também quero ouvir de novo a melodia. É espetacular como você conseguiu encaixar tão bem… Parece que a música foi feita desse jeito!

Seu elogio faz uma onda de serotonina invadir minhas veias, resultando em minhas faces coradas.

Eu amo compor músicas, mas morro de vergonha de mostrar para os outros. Para mim, nunca estão boas o suficiente.

— Tudo bem. — Concordo por fim. — Você puxa?

Ele me responde já começando a cantar de novo, do começo.

Dessa vez, que ele estava não apenas preparado, mas também esperando pela minha parte, a música flui ainda mais. Nossas vozes se conectam e ressoam harmônicas pelas paredes do banheiro. O resultado final me encanta — ficou ainda melhor do que eu esperava!

— Você tem outras músicas também? — Henry me pergunta após a última estrofe. — Tipo, você já compôs outras músicas?

— Já.

— Canta para mim?

Faço uma careta, insegura.

— Ah, não sei…

— Por quê?

— Acho que elas não estão prontas para serem mostradas para o mundo ainda…

— Se forem tão boas quanto esse trechinho que você inseriu em “Grass of Glass”, tenho certeza de que são ótimas e estão mais que prontas para serem ouvidas por mais pessoas!

Com um suspiro, digo:

— Queria ter meu violão aqui, mas…

Morrendo de vergonha, resolvo cantar minha música preferida dentre as que eu compus. Ela se chama “Lugar de Paz” e tem sido minha companheira fiel em meus momentos difíceis. Quando começo a ser engolida por mim mesma em preocupações e ansiedades, cantarolo minha canção e me lembro de onde e, mais importante, em *Quem* está minha paz.

— Wow! — Henry diz mais uma vez, com a última nota ainda ressoando pelo banheiro.

Escuto palmas vindas de seu lado da janela e solto uma risada num misto de nervosismo, orgulho, timidez e alegria.

— A melodia é linda — ele diz —, sua voz é angelical, o que não é nenhuma novidade, e a letra parece ser incrível também… Mas o que ela quer dizer?

Improviso uma tradução para ele, que me ouve com atenção. Assim que termino, ele pergunta:

— Então você é cristã?

— Sou — respondo, feliz que tenhamos chegado a esse assunto. — E você, tem alguma religião?

— Sou cristão também.

— Fico feliz.

Muito, muito feliz.

Já queria ter perguntado isso a ele há algum tempo, mas não sabia como introduzir esse tópico em nossas conversas.

— Eu também — ele diz. — Eu já estava imaginando que você era cristã, pelos versos extras que acrescentou em “Grass of Glass”, então quando você me mostrou sua música foi só a confirmação.

Dou uma risada.

— E você tem mais músicas originais? — Henry pergunta.

— Algumas…

— Canta para mim?

Seu tom é tão doce e empolgado, e seu pedido é tão sincero que não consigo — nem quero — recusar.

Passo os próximos minutos entoando para Henry cada um dos meus versos. Ele consegue se empolgar quase tanto quanto a Carol — a única outra pessoa para quem eu já tinha mostrado todas as minhas composições.

Se dependesse apenas da Carol, ela já teria me patrocinado e me feito gravar minhas músicas em estúdio há muito tempo. Mas sempre arranjo alguma desculpa e fujo. Só que a Carol é irredutível — segundo minha amiga, ela só vai desistir quando eu tiver gravado meu primeiro EP.

Vamos ver.

— Você vai assistir ao show do dia 28 ou do dia 29? — Henry me pergunta de repente.

— Do dia 28, por quê?

— Você topa fazer alguma coisa no domingo, então? — Ele faz uma pausa, parecendo um tanto nervoso. — Tipo, a gente se conhecer de verdade e tal.

Levo alguns segundos para responder. Ele me pegou completamente de surpresa.

Assim que meu cérebro processa o que Henry falou, meu coração acelera e tenho medo de que ele exploda meus pulmões e saia de mim galopando.

Tentando manter a compostura, digo:

— Claro, seria muito bom. — "*Seria muito bom?*" *Sério?!* Sacudo a cabeça e tento fingir naturalidade: — Que horas?

— Umas 17h?

— Onde? — E essa era a pergunta mais importante.

— No restaurante do hotel, o que você acha?

Um lugar público, ótimo. Atendeu a um dos meus únicos pré-requisitos para eu aceitar a esse convite.

— Combinado! — digo.

— Combinado.

Nós dois ficamos em silêncio. Um parecendo mais sem jeito que o outro.

— Bom, acho que eu vou indo então — Henry diz.

— Até domingo!

— Ou até a próxima, caso a gente se escute antes disso.

Dou uma risada.

— Até!

Na véspera do show, Carol passa o dia atualizando o @glassielidades, seu perfil no Instagram sobre a Glass. A cada cinco minutos, mais ou menos, ela me dá alguma informação super-relevante, tipo

“O Josh foi visto tomando sorvete hoje. Espero que ele não gripe, porque o show é amanhã!”, ao que eu respondi: “Amiga, aqui é o Rio. Ninguém gripa tomando sorvete…”.

— O Derek acabou de postar um *story*! — Carol anuncia, já compartilhando no seu próprio perfil e lendo em voz alta o que ele escreveu: — “Indo dormir. Antes, espero encontrar minha voz preferida.” Como assim? Será que ele tá rouco? — Ela estreita os olhos. — Ele não pode faltar ao show amanhã! Espero que ele encontre mesmo a voz dele! E ele já tá indo dormir? Se bem que ele costuma dormir mais cedo em vésperas de shows mesmo…

Assinto, mas sem erguer os olhos do meu livro, pouco interessada na vida dos meninos da Glass.

— O Peter tá comendo feijoada *agora?!* — Carol balança a cabeça em sentido negativo. — Esse menino é doido mesmo, espero que não passe mal. — Minha amiga me olha por meio segundo antes de voltar sua atenção para a tela. — O Peter *precisa* estar no show amanhã. Você sabe que ele é meu preferido!

— Uhum — respondo, sem interromper minha leitura.

A essa altura do campeonato, já aprendi que, nesses momentos, Carol não quer realmente conversar; ela quer apenas compartilhar as informações.

— Olha, o Drew tá fazendo uma live! — Carol dá um gritinho empolgado, já entrando na transmissão.

Suspiro, enfadada com todas essas informações sobre os mínimos detalhes da rotina da banda.

Carol está surtando com a live do Drew. Ela convida outras amigas *glassies* para uma chamada de vídeo, para assistirem juntas à transmissão. Elas conversam aos gritinhos, comentando cada coisa que Drew, um dos preferidos das *glassies* em geral, faz ou fala.

Reviro os olhos e saio do seu quarto sem que ela perceba. Resolvo me preparar para dormir, porque amanhã vamos levantar antes do sol — literalmente para a minha infelicidade.

Escovo os dentes e prendo meu cabelo em um coque frouxo e alto, tentando preservar meus cachos para o dia seguinte, enquanto cantarolo distraída.

— Amber? — O motivo da minha distração me tira de meus devaneios.

Sua voz repentina me faz ter um pequeno sobressalto.

— Oi, Henry!

— E aí, animada para amanhã? — ele pergunta em tom de provocação.

— Talvez *preparada* fosse uma palavra melhor — resmungo. — Mas, ainda assim, acho que a resposta seria não.

Ele gargalha.

— Você vai ao show também? — pergunto.

— Quem sabe…?

— Evasivo até nisso? — Os cantos dos meus lábios se erguem. — Bom, então *quem sabe* a gente se encontra lá, não é mesmo?

Ele solta uma risada.

— Quem sabe?

Ficamos em silêncio alguns segundos.

— Preciso ir. — Ele parece dividido, como se quisesse continuar aqui mais um pouco. — Nos vemos no domingo?

— Com certeza!

— Ótimo. — Ele diz, satisfeito. — Boa noite, Amber.

— Boa noite, Henry.

CAPÍTULO 4

O Show

O show é só daqui a onze horas, mas já estamos no local, em uma fila quilométrica, há umas três.

— Só estou aqui por pura consideração a você — falo para a Carol, cruzando os braços e olhando desconfortável para a multidão, que só cresce a cada minuto.

— Fala sério. Eu sei que você curte a Glass.

— Não o suficiente para ficar mil anos numa fila embaixo do sol.

— Que sol? — Carol pergunta com uma expressão petulante.

Eu faço uma careta e minha amiga sorri, porque sabe que ganhou a discussão.

Por ironia do destino, já faz uns três dias que não tem sol no Rio e, nesses três dias, choveu. Além disso, ainda não são nem oito da manhã direito. Sim, chegamos aqui às 5h e, de acordo com a Carol, isso já era muito tarde.

Ela queria ter dormido aqui na fila, mas consegui convencê-la de que não era a opção mais segura — e, muito menos, a mais confortável — e que, como estávamos nas primeiras fileiras, mesmo que chegássemos não tão cedo quanto ela gostaria, ainda teríamos os melhores lugares, na cara do palco — literalmente!

Ergo o rosto para o céu e percebo que está nublado. Apesar de termos uns guarda-chuvas pequenos em nossas mochilas, torço para que não chova. Ficar no meio de uma multidão com mais ânimo do que eu teria

em cem vidas já é ruim o suficiente sem o céu caindo sobre nós, muito obrigada.

Quando volto minha atenção para o nível dos demais seres humanos, percebo os olhos castanhos de Carol sobre mim, me encarando, como se esperasse uma resposta.

— O quê? — pergunto, tentando pegar o que eu perdi.

— Eu falei que eu quero dar um jeito de entrar no camarim.

— E eu quero que a Disney faça uma princesa brasileira e me chame para ser a dubladora.

— Eu tô falando sério, Madu.

— Eu também.

Carol coloca as mãos na cintura, me levando a suspirar.

— Tá — Me dou por vencida. —, e como você quer fazer isso exatamente? Por arrombamento?

— Ha, ha. Como você é engraçadinha.

Reviro os olhos.

— Você tem alguma ideia melhor?

— Na verdade, sim. — Minha amiga cruza os braços, em uma pose um tanto cheia de si. — Falar com os seguranças.

— Ah, tá. Porque a chance de eles deixarem duas completas estranhas entrarem no camarim realmente é muito grande, né?

— Eu posso tentar comprar nossa entrada!

— Para o camarim?

— É, Madu, presta atenção!

Respiro fundo, me recusando a perder a calma.

— E eles vendem entrada para o camarim? — pergunto, sem conseguir conter meu ceticismo.

— Não, mas quase tudo no mundo está à venda.

Balanço a cabeça, sem acreditar no que estava ouvindo.

— Tudo bem — Dou de ombros. —, esse foi um comentário bem mesquinho, caso você queira saber. Mas se você diz…

— Eu vou lá, então. Não custa nada tentar.

— Quer que eu vá com você?

— E perder nosso lugar na fila? Tá doida?! — Ela me olha com horror. — De jeito nenhum! Não ouse sair daqui, ok?

Concordo, dando um suspiro.

Ela dá a volta no quarteirão, indo em direção à entrada do que supostamente seria o camarim da banda. Perco minha amiga de vista poucos metros depois de ela ter se afastado.

Uns 30 minutos se passam sem notícias da Carol. Começando a ficar meio preocupada com a demora, mando uma tonelada de mensagens para ela. Depois de mais dez minutos sem ela nem sequer visualizá-las, passo a ligar.

Já estou cogitando seriamente ir atrás de algum policial de plantão para ver se consigo notícias da minha amiga desaparecida quando vejo Carol vindo em minha direção. E ela não está sozinha.

Umas cinco meninas, que devem ser um pouco mais novas que a gente, acompanham minha amiga, conversando de forma animada sobre o show. Quando digo “de forma animada”, quero realmente dizer isso. Elas estão quase saltitando e, a cada frase, a voz delas sobe um tom.

— O que aconteceu? — pergunto para Carol assim que ela chega onde estou. — Por que você demorou tanto?

— Eles obviamente não nos deixaram entrar. — Minha amiga revira os olhos, como se fosse algo ridículo não permitirem toda e qualquer fã visitar o camarim.

— E eles levaram mais de meia hora para te dizer isso?!

— Não, mas acabou que eu conheci outras meninas tentando entrar lá também. — Ela aponta para suas novas amigas e nos apresenta umas às outras.

Depois disso, elas voltam a conversar sobre a banda.

É impressionante como elas conseguem falar tanto tempo seguido sobre um mesmo tópico sem enjoar. Sorrio de forma sociável, mas estou revirando meus olhos e batendo a cabeça na parede por dentro. Eu realmente estou tentando aproveitar o dia, mas, sendo sincera, esse excesso de animação não está me incentivando muito a ser uma pessoa melhor.

Finalmente — finalmente! — entramos na porcaria do estádio. Carol segura minha mão e nos conduz em meio à multidão peculiar. Metade do público da Glass é fã porque gosta da música e a outra metade é fã porque gosta dos meninos; a diferença entre esses dois grupos é gritante.

Quem é fã da Glass por causa da música costuma ser jovem (na casa dos vinte anos), e estar vestido com diferentes tons de preto, e coturnos, e jaquetas de couro, e todo o combo que acompanha o estereótipo clássico dos roqueiros. Quem é fã da Glass por causa dos meninos costuma ser

adolescente, e estar vestido com uma blusa com o rosto de seu membro da banda preferido, e segurando faixas com dizeres como “Josh, eu te amo!”, e todo o combo que acompanha o estereótipo clássico dos *fandoms* de bandas famosas.

Carol é uma mistura perfeita dos dois grupos. Vestida com uma calça jeans escura, jaqueta de couro e um coturno preto, minha amiga se misturaria bem em meio aos fãs por causa da música. Ao mesmo tempo, por baixo de sua jaqueta, ela veste uma camisa cinza com uma foto dos meninos, em que Peter está em destaque, com os dizeres: “glassie to the bones” (*glassie* até os ossos).

Já eu, escolhi minha roupa mais confortável para *suportar* passar o dia em pé no meio de um monte de gente. Um jeans macio de tanto ser usado por mim, um All Star azul marinho (sei que não é a opção mais confortável de calçado, mas o que eu posso fazer se eu gosto dessa marca?), uma blusa grafite sem estampa e um casaco de moletom enrolado na cintura compõem o meu look nada planejado para o dia.

Sem soltar minha mão, Carol abre nosso caminho até a pista em que vamos ficar enquanto eu continuo observando as pessoas por quem passamos e classificando-as entre fãs da música da Glass, fãs dos meninos e fãs da muvuca (sempre tem quem está ali apenas pelo agito, o que eu não sei se algum dia vou conseguir entender).

Chegando *láaa* na frente, assumimos nossas posições na cara do palco — *literalmente*, já que estamos na pista mais privilegiada de todo o estádio.

Avisto algumas cadeiras, que duvido que serão usadas por alguém — além de mim, que tenho bons planos para elas.

Arranjamos lugares logo na primeira fileira. *Bem no meio* da primeira fileira, para ser mais exata. Estamos tão perto do palco que tenho medo de acabar me molhando com o suor ou com a baba da banda. Esse meu medo, obviamente, é uma esperança para a Carol e as outras fãs.

Comento isso com a Carol, que apenas ri e volta a conversar com as amigas novas que fez.

Ainda faltam três horas para o show e eu já não aguento mais estar no meio de tanta gente. Acho que vou ficar louca.



Finalmente — FINALMENTE! — o show começa.

Os meninos mal sobem no palco e todo mundo começa a berrar — e assim continuam durante todo o tempo que eles levam para se ajeitar com seus respectivos instrumentos.

A Grass of Glass é composta por quatro integrantes.

Peter Harrison, o guitarrista (mas que também toca violão, dependendo da música), cujo cabelo castanho parece estar sempre intencionalmente bagunçado. Ele é o mais animado da banda, o mais alegre, o mais espontâneo, o mais divertido. Além de seus olhos e cabelos castanhos e rostinho de anjo, o charme de Peter está em seu constante bom humor. Para ele, parece não haver tempo ruim, o que eu acho bem admirável. Pessoas naturalmente otimistas me intrigam.

Por outro lado, Peter nunca leva nada a sério, o que às vezes me irrita — por exemplo, ninguém sabe ao certo a história da sua famosa cicatriz perto do lábio inferior. Sempre que perguntam como isso aconteceu, Peter inventa uma história diferente — uma mais absurda que a outra! —, o que faz com que os curiosos, como eu, morram por dentro.

Derek Duncan, outro integrante da Glass, seria o perfeito contraponto de Peter. Ele é o mais mal-humorado e carrancudo dos quatro. Está sempre sério, calado, quase nunca interage com os fãs e parece constantemente infeliz com alguma coisa. Derek tem olhos verdes e seu cabelo é preto e longo, quase alcançando os ombros. Ele o usa penteado para trás e, para ser bem honesta, eu não gosto desse estilo — preferia quando ele usava o cabelo curto.

Derek é um dos vocalistas principais e se reveza entre a guitarra, o piano e o violão, dependendo da música. Até entendo que ele tem motivos para ser um dos mais queridinhos pelas fãs, mas, ainda assim, sua aura melancólica para mim fala mais alto que todo o resto.

Josh e Drew Saunders, os últimos integrantes da banda, são irmãos. Drew é o baterista e Josh, o baixista e um dos vocalistas principais. Os dois têm cabelos castanho-claros, mas o cabelo de Josh é mais curto, estilo corte militar, e o de Drew é mais longo, com uma franja atraente caindo sobre seus olhos, fazendo com que ele jogue o cabelo para o lado, em um movimento charmoso da cabeça, com certa regularidade.

Drew é o mais bonito e o mais carismático dos quatro, o que justifica ele ser um dos preferidos das fãs. Ele é o mais tranquilo, mas também o mais vaidoso. Uma de suas características mais marcantes é passar constantemente a mão por sua franja, para arrumá-la. As meninas, no geral, vão ao delírio quando ele faz isso, mas honestamente não entendo qual é o encanto — *fala sério! É só um cara arrumando o cabelo!*

Josh é o mais velho dos quatro e, como esperado, o mais sensato. Ele é o pai da Grass of Glass (em muitos sentidos, considerando que foi ele quem formou a banda), sendo o mais responsável e o mais certinho. Até o jeito como ele se veste revela esse seu lado mais nerd. Ele costuma ser o porta-voz da banda nas entrevistas, entendendo mais não apenas de música como também de oratória.

Depois de os quatro subirem e se posicionarem no palco, ainda em meio aos gritos alucinados da plateia, Drew bate as baquetas uma na outra e então a música explode pelas caixas de som, fazendo os fãs irem (ainda mais) à loucura.

As meninas ao meu redor, incluindo a Carol, se esmagam com motivação redobrada e ficam na borda do palco, com as mãos estendidas, na esperança de que um dos meninos (ou, se tiverem sorte, *os quatro*) as aperte.

No calor do momento, acabei sendo arrastada pelo furacão e estou espremida contra o palco, sendo obrigada a lidar com gente demais invadindo meu espaço pessoal e gritando no meu ouvido — sem contar o volume altíssimo saindo das caixas de som.

Achando tudo isso um pouco demais para meu estado de espírito especialmente rabugento, me esgueiro entre as meninas até sair do meio da muvuca.

Consigo chegar na terceira fileira de bancos, onde a confusão está um pouco menor, e respiro fundo, tentando recobrar minha paz de espírito.

O show vai indo, e até que é legal — na medida do possível. Os meninos tocam bem, as músicas são boas e a interação deles com o público

é espetacular.

Tento me concentrar nas melodias, e nas notas, e nas vozes harmônicas e agradáveis dos cantores (o que, em situações normais, me acalmaria), mas fico tão incomodada — acho que “perturbada” seria uma palavra melhor — com a confusão em volta de mim que acabo ficando em pé, de braços cruzados boa parte do show.

Mesmo assim, cantarolo a maioria das músicas, sempre balançando a cabeça no ritmo. Nas que eu mais gosto, consigo relaxar de leve, tentando me envolver com a melodia, como sempre acontece com uma música boa, e até danço um pouquinho — bem pouquinho mesmo, sem sair do lugar e sem mexer meus pés, apenas me balançando de um lado para o outro.

Quando meu nível de exaustão mental atinge seu ápice e estou cogitando seriamente me sentar em um canto isolado e ler um livro no meu Kindle para recarregar minha bateria social, finalmente — *FINALMENTE!* — o show acaba.

Minha vontade é voltar para o hotel na mesma hora, mas Carol tem outros planos. Minha amiga me arrasta com ela atrás das outras fãs para tentar ver os meninos enquanto eles vão até a van que irá levá-los para onde quer que estejam hospedados.

Depois de perseguir a van deles por mais tempo do que eu gostaria — que é tempo nenhum — e continuar surtando com outras fãs, falando do quanto o show foi incrível e tudo o mais, Carol enfim se sente pronta para ir embora e eu respiro aliviada.

Chamo um Uber (preferimos não vir de carro, por medo de não ter onde estacionar ou acabarmos sendo assaltadas) enquanto a Carol segue conversando empolgada com as meninas remanescentes no estádio.

— FOI SIMPLESMENTE MARAVILHOSO! — Carol continua surtando dentro do Uber, falando o tanto que os meninos são maravilhosos, e as vozes deles são maravilhosas, e sei lá mais o que é maravilhoso.

Eu apenas sorrio e concordo com a cabeça, mas não falo nada, no meu esforço para não deixar meu lado mais desagradável acabar transparecendo.

CAPÍTULO 5

Clientes Especiais

Depois de ter tomado um banho relaxante, colocado meu pijama confortável e deitado na cama de plumas do hotel em um escuro silencioso, sou outra pessoa. Minha mente parece zumbir, como consequência de ter sido hiperexposta a tanta gente por tanto tempo.

Respiro fundo, me acalmando, sentindo a textura macia do colchão, esticando minhas costas doloridas e cansadas de passar o dia inteiro em pé, aliviada por poder, enfim, me isolar um pouco do resto do mundo.

Depois de um dia inteiro na muvuca, cercada por muito mais pessoas do que eu gostaria (ou do que é meu costume), minha bateria social está esgotada.

Minha vontade é passar as próximas horas (se possível, *dias*) isolada do mundo. Pretendo ficar na minha toca — me recuperando de hoje — por muito, muito tempo.

Fecho os olhos e desfruto do silêncio. Sou movida a música, mas há momentos, como agora, em que não há som melhor do que o mais profundo nada.

A tranquilidade que me envolve me ajuda a me acalmar após esse dia agitado, mas esse tipo de paz, baseado em ambientes, dura pouco.

Como se para provar meu ponto, o toque estridente do telefone do hotel perturba minha breve calmaria.

Carol, que ainda está ligada no 440V, vai atender quase saltitando e escuto sua voz passando pelas frestas da minha porta fechada:

— Alô?... Sim... Sim!... *O quê?!* — Minha amiga arfa. — Sério?... Sério mesmo?! — Ela praticamente grita de tão empolgada. — Aham... Aham!... Sim, sim!... Claro... Tá bom. Nossa, muito obrigada, moça!... Não, eu que agradeço! De verdade, não sei nem como te agradecer o suficiente!... Sim, mas foi *você* que me deu essas notícias maravilhosas! — Ela ri. — Muito obrigada mesmo, e que sua noite seja tão maravilhosa quanto a minha!… Beijo, tchau!

Carol acabou de mandar um beijo para a recepcionista?!

Antes que minha curiosidade me coma de dentro para fora, pergunto em um tom alto o suficiente para ser ouvida:

— O que aconteceu?!

Carol vem até meu quarto, abre a porta e arregala os olhos para mim, enquanto declara, à beira de um colapso:

— Os meninos da Glass estão hospedados aqui!!!

— Quem te disse isso?! — Sento na cama e franzo o cenho.

— A recepcionista! Eles estão hospedados aquiiii!!!!

Carol dança saltitando pelo meu quarto.

— Mas por que a recepcionista te ligaria por causa disso? Ela sabe que você é *glassie*?

Ao invés de me responder, Carol continua pulando e dando risadinhas quase maníacas, então prossigo com meu interrogatório até que ela me dê alguma resposta satisfatória:

— E por que você ficou tão agradecida com a recepcionista? Por que você tá tão animada? Tudo bem que eles estão hospedados aqui e tal, mas e daí?!

— E daí que um cara podre de rico, dono de uma empresa aí e superinfluente, que, por um acaso, é um dos patrocinadores da turnê da Glass, está hospedado aqui também! Ele veio para assistir ao show com a filha dele, que é *glassie*, óbvio. Aí ele resolveu fazer uma festa privada aqui no hotel, hoje à noite, para comemorar o show. Ou sei lá. Na verdade eu sei que é mais para a filha dele conhecer a Grass of Glass, mas eu não me importo muito, já que esse empresário, ou seja lá o que ele for, RESOLVEU CONVIDAR TODOS OS CLIENTES ESPECIAIS DO HOTEL PARA ESSA RECEPÇÃOZINHA!!!

Por “clientes especiais”, leia-se: as outras pessoas podres de ricas e/ou megafamosas hospedadas no hotel.

— Claro que essa é uma forma de ele se promover também — Carol continua, ainda eufórica —, fazer novos contatos e tal, MAS EU REALMENTE NÃO ME IMPORTO!!! NÓS VAMOS CONHECER A GRASS OF GLASS!!!

Forço um sorriso feliz e animado no meu rosto. Por dentro eu gemo de desânimo — tudo que eu mais queria era descansar um pouco. Dormir por uns três dias seguidos, talvez.

— Amiga — Carol me lança um olhar suplicante, como se pudesse ler meus pensamentos. —, eu sei que esse dia foi megapuxado, principalmente para você, mas… Por favor, Madu, vem comigo! Eu preciso de você! É emoção demais para mim!

Honestamente não sei como eu poderia ser de alguma ajuda para a Carol, mas concordo com a cabeça, um sorriso sincero saindo com mais naturalidade em meu rosto.

Como resposta, Carol me dá um abraço empolgado e agradecido, que me mostra que esse pequeno sacrifício vai valer a pena.

Depois de se acalmar um pouco, Carol assume um ar mais sóbrio e se afasta alguns centímetros para me observar com atenção antes de dizer:

— Amiga, se você não quiser ir não precisa, ok? Eu entendo, de verdade.

— Eu sei, mas eu *quero* ir. Acho que vai me fazer bem.

Não que eu queira estar no evento em si, mas quero continuar desenvolvendo esse meu lado mais sociável.

Eu entendo que Deus nos criou para nos relacionarmos uns com os outros. Estar com pessoas é difícil para mim, mas igualmente (se não mais) satisfatório. Eu ganho muito na convivência com o outro, por mais que isso também me desgaste na maior parte das vezes.

Não é porque algo exige muito de mim ou me deixe cansada que esse algo seja ruim. Na verdade, a maior parte das coisas que valem a pena tem um custo. Eu, como cristã, tenho o dever de amar o próximo — mas como fazer isso se não interajo com ele? Então, ainda que minha obediência ao segundo maior mandamento[3] exija tudo de mim, estou disposta a isso.

Às vezes achamos que o chamado de Jesus para negarmos a nós mesmos, tomarmos nossa cruz e segui-lO[4] se aplica apenas a contextos que consideramos grandiosos e extraordinários, mas acredito que o vivemos muito mais ao abrirmos mão de nossas próprias preferências no dia a dia. É no cotidiano que se evidencia quem realmente amamos, a quem realmente

seguimos. Obedecer a Jesus apenas de vez em quando é fácil; difícil é cumprir Seus mandamentos a cada dia, sem se deixar perder dentro da rotina.

— Fico tão feliz em ouvir isso, amiga! — Carol aperta minha mão, com um sorriso carinhoso estampado em seus lábios. — Sei como essa tem sido sua luta há anos, mas vejo também como Deus tem te dado vitória.

— E você tem sido um instrumento do Senhor nesse sentido. — Retribuo o sorriso de Carol, um tanto emocionada.

Carol é uma das pessoas que mais me ajudam a sair de mim mesma, por isso tenho um carinho enorme por ela.

Por ser filha única e meus pais trabalharem tanto, eu sempre fui muito sozinha. Passei minha infância inteira com um violão e, de vez em quando, com um piano. De alguma forma, acabei me tornando amiga da Carol, quando minha mãe foi chamada para dar aula de Inglês no colégio em que ela estudava e eu ganhei uma bolsa para estudar lá também, por ser filha de funcionária.

Alguns anos depois de ir para a escola da Carol, eu passei por um momento muito difícil. Nunca fui muito sociável, mas chegar em um colégio em que todo mundo parecia se conhecer desde sempre e serem melhores amigos uns dos outros desde pequenos, sem espaço para mais alguém, principalmente uma novata como eu, fez com que eu entrasse em um estado de melancolia, em que eu não queria sair com ninguém — a verdade é que eu mal queria sair do meu quarto.

Carol, providencialmente, já era minha amiga nessa época. E continuou insistindo em me ver e em me convidar para sair (mesmo eu recusando seus convites em quase todas as vezes) — e eu nem sei expressar como sou grata a Deus por nossa amizade.

Quando eu fiquei bem o suficiente — depois de muitas conversas com a minha mãe, que percebeu que eu estava mal e me orientou nesse sentido —, pedi para a Carol me ajudar a sair mais da minha toca (ainda que não com essas palavras, porque na época a gente devia ter uns 14 ou 15 anos). Pedi que ela me ajudasse a socializar mais, interagir mais com mais pessoas. Desde então, ela vem insistindo comigo sempre que pode, orando por mim e comigo e me estimulando a estar com nossos amigos.

Esse simples ato de me dispor a estar com os outros, por mais desgastante que seja para mim na maior parte do tempo, me ajudou de uma forma além do que sou capaz de explicar. Ter coragem para compartilhar

com outras pessoas minhas lutas, minhas dificuldades, mas também minhas alegrias e meus prazeres foi um dos principais fatores que me fizeram começar a enxergar a vida de forma mais colorida.

Ainda há alguns momentos em que me sinto mal — como hoje, em que me expus mais do que estou acostumada —, mas nunca mais foi tão grave nem tão difícil quanto há cinco anos. Hoje, meu esforço é para manter sempre em mente o que me traz esperança e perseverar em estar com meus amigos, mesmo que isso não seja a coisa mais natural para mim.

A notícia boa é que, quanto mais eu me exponho ao mundo exterior, menos desgastada eu fico. Ainda acho exaustivo ter que socializar, mas com certeza já está bem mais fácil e até mais agradável do que antes.

Hoje posso afirmar que, mesmo que ainda seja um pouco cansativo em alguns momentos, estar com os outros é algo de que eu gosto e que faz bem para mim.

Obedecer ao Senhor sempre vale a pena, porque Seus mandamentos sempre são para o nosso bem.

Carol está tão surtada e fora de si que temo que ela exploda a qualquer momento. Nunca vi minha amiga nesse estado antes.

Enquanto ela joga todas as suas roupas na cama e as revira, em busca do “look perfeito”, nas palavras dela, eu visto minhas roupas básicas de sempre.

Coloco meus jeans pretos com minha regata azul marinha, mas deixo para calçar meu all star mais perto do horário de sair.

Aproveito que ainda faltam uns minutinhos para o evento e me esgueiro para o meu quarto, a fim de tirar uma sonequinha. Qualquer minuto é precioso neste momento.

Ainda assim, esse cochilo foi uma mera ilusão. Mal fechei os olhos (ou foi o que pareceu) e comecei a ouvir cochichos agitados:

— Onde tá minha base, onde tá minha base…?

Conforme volto à consciência, escuto com mais clareza Carol conversando baixinho consigo mesma:

— Por que eu sou assim, hein? Que que custava eu deixar as coisas no lugar certo…?

Com uma risadinha, resolvo acudir minha pobre amiga.

Chego no quarto e me deparo com uma explosão de tecidos, sapatos e maquiagens.

Ergo as sobrancelhas, achando graça da situação.

— Uma mãozinha, talvez?

Carol faz uma cara de desespero e alívio ao mesmo tempo.

— Sim, por favor!

Ajudo Carol a terminar de se arrumar.

Minha amiga decidiu usar um vestidinho branco que contrasta com sua pele dourada. Como estamos no Rio, ela coloca uma rasteirinha bem praiana, com pedrinhas, e conchas, e tudo o mais. Faço um delineado de gatinho em seus olhos e ela termina de fazer a fitagem em seu cabelo, ficando com os cachinhos perfeitos. Carol queria fazer fitagem no meu também, mas não temos mais tempo, então vou com meus cachos não tão perfeitos quanto os dela, mas por mim tudo bem.

Quando enfim se dá por satisfeita, tanto com a sua aparência quanto com a minha, Carol nos declara prontas.

Estamos uns 15 minutos atrasadas. Minha amiga quase tem um treco e vai me puxando para fora do quarto, falando que temos que chegar o mais cedo possível, para ela ter chance de falar com pelo menos um dos meninos.

Quando entramos no elevador, fico de frente para Carol, seguro seus ombros, olho bem dentro dos olhos dela e falo:

— Respira fundo. Não surta. Relaxa. — Minha amiga me obedece, inspirando e expirando algumas vezes. — Isso. Você tem que estar calma, ou pelo menos *parecer* calma, para conseguir ter uma conversa digna com os meninos. Você acha que consegue fazer isso?

Carol ainda está respirando fundo, se controlando, mas assente.

— Consigo — ela fala, por fim, com a voz firme.

As portas do elevador se abrem.

— Muito bem. — Dou um último apertão em seus ombros. — Então vai lá e arrasa. O momento é seu, amiga!

Carol assente mais uma vez, tentando manter o foco.

— O momento é meu… — Ela repete, quase em transe.

Fico surpresa ao perceber que não fomos umas das primeiras pessoas a chegar, considerando que estamos apenas 15 minutos atrasadas. Eu diria, inclusive, que fomos umas das últimas. Estou mal-acostumada com o esquema brasileiro de marcar um horário já se programando para o atraso de, pelo menos, meia hora dos convidados.

Os garotos da Glass estão espalhados pelo salão, o que eu acho estranho. Não sei por que, mas, na minha cabeça, os quatro ficariam juntos

para lá e para cá. Pensando agora, acho que nunca os vi separados, mas, realmente, seria bizarro se eles não desgrudassem nunca um do outro...

Um trovão explode lá fora, fazendo-me pular. Não tenho medo de trovão, mas me assusto com barulhos altos inesperados.

O clarão do raio iluminou um canto da sala, mostrando que Peter está, para minha grande surpresa, sem ninguém por perto.

— Carol! Olha o Peter ali sozinho! Vai! É sua chance! — falo quase a empurrando.

— Não consigo! — minha amiga diz, esganiçada, e me olha com um ar suplicante e desesperado.

Suspiro.

— Eu vou lá e já volto.

— Não... — Carol segura meu pulso.

— Não, você. Você vai se arrepender se não aproveitar essa oportunidade!

Sem nem esperar pela sua resposta, me dirijo o mais rápido possível até onde Peter está antes que alguém faça isso. Sento ao lado dele na bancada em uma dessas cadeiras altas de bar.

— Oi — falo em inglês.

Ele vira em minha direção e me dá um de seus sorrisos abertos, tão característicos dele, que acaba destacando a cicatriz discreta no canto direito de seu lábio inferior.

— E aí!

Dou um sorriso sem graça com seu jeito intenso e resolvo ir direto ao ponto:

— Tem uma amiga minha que é muito fã sua.

— Uma amiga, é? — ele diz num tom brincalhão, não convencido do que eu falei, achando que essa "amiga" sou eu.

Dou uma risada, já que isso de chegar e falar "minha amiga tá a fim de você" é uma das cantadas mais manjadas do mundo (ainda que esse obviamente não seja o caso agora).

— É sério. — Arregalo os olhos para frisar. — Minha amiga é sua fã mesmo, mas ela ficou meio nervosa de vir aqui falar com você.

— Sério, por quê?

Olho para ele como se dissesse "por que você acha?" e, ao invés de me dar ao trabalho de responder, digo apenas:

— Não sai daqui. — Pulo para fora do banquinho. — Sério. Fica aqui.

— Sim, senhora. — Ele finge fazer continência.

Reviro os olhos, mas acabo sorrindo.

Ao que tudo indica, Peter é tão gente boa na “vida real” quanto parece ser pelas mídias sociais.

Vou rápido até Carol, que estava observando nossa conversa a alguns passos de distância, e a arrasto até lá bem rápido, antes que outra pessoa surja e ocupe nosso espaço.

— Peter, Carol. Carol, Peter. — Faço as apresentações.

— E aí! — Peter fala em seu tom animado e desce do banco para dar um beijinho na bochecha da Carol, que cora e fica olhando encantada para ele.

Quando minha amiga vira para mim, falo em português:

— Foco.

— É, tá. Foi mal. — Ela inspira fundo.

— Isso é português? — Peter pergunta, para puxar assunto.

— É — Carol responde, mais centrada.

— Que legal! Então, vocês são brasileiras?

— Somos — Carol diz.

Eles engatam em uma conversa e, como vejo que Carol está mantendo as pontas, resolvo deixá-los conversando sozinhos.

Antes de sair, sussurro para minha amiga:

— Tenta descobrir a real história por trás da cicatriz dele! E não se contente com nenhuma baboseira do tipo “tava nadando no rio, fui brincar que era peixe e o anzol me fisgou”. — Algo que Peter, de fato, já havia dito antes, em uma das mil entrevistas em que perguntaram sobre sua famigerada cicatriz.

Carol assente, mas me pergunto se ela me ouviu mesmo, considerando que toda a sua atenção está no cantor.

Solto uma risadinha e me afasto discretamente.

Rodo por alguns minutos pela festa, que continua enchendo — e eu pensando que já estava todo mundo aqui... Pego alguns dos salgados que encontro espalhados pela sala, tomo alguns copos de drinks e refrigerantes e observo a interação das pessoas ao meu redor.

Todos direcionam sua atenção para os meninos da Grass of Glass — o que é bastante óbvio. Onde quer que um deles esteja, uma pequena

multidão se forma ao redor; se Carol antes estava sozinha com Peter, agora tem pelo menos mais umas dez pessoas com eles.

Me dirijo a um canto da sala e me encosto na parede, analisando o ambiente enquanto beberico uma bebida que parece ser de iogurte.

Peter se desdobra, dando atenção a todas as fãs que o cercam. Ele está sorrindo, como sempre, mas parece cansado, o que me faz me perguntar se ele estaria sozinho quando o encontrei porque estava tentando fugir um pouco da multidão. Ficaria surpresa se fosse o caso (porque jamais esperaria isso dele, considerando que ele está sempre animado e bem-humorado), mas entenderia demais — quer dizer, ele acabou de literalmente fazer um show, né? Acho que deve ser cansativo cantar, tocar e pular na frente de uma multidão por horas seguidas…

Derek também está cercado, principalmente por meninas, que parecem competir por sua atenção. Ele responde a todas e mantém uma expressão educada — ainda que séria — no rosto, mas me parece um tanto artificial.

Tudo bem, vou dar um desconto, porque Derek ao menos está tentando. Ele poderia ter simplesmente se isolado e ficado de cara fechada no canto da festa.

Dou uma risada com a minha hipocrisia.

Bem nessa hora, Derek vira o rosto na minha direção e nos olhamos por cerca de meio segundo. Meu coração dispara, por ter sido pega em flagrante enquanto o espiava, e logo desvio os olhos, voltando a observar a festa.

Josh está conversando com um monte de engravatados e mantém sua postura sóbria de sempre. Ele parece um verdadeiro cavalheiro, honrando seu posto de pai da banda.

Drew, do outro lado da sala, interage de forma animada com o grupo ao seu redor, dando seus sorrisos charmosos tão característicos e arrancando suspiros de meio mundo de garotas quando ajeita sua franja com a mão. Reviro os olhos, ainda sem entender qual é a graça em assistir a um cara arrumando o cabelo.

De repente, uma ideia súbita me ocorre. Será que Henry está aqui, neste salão, também?

Considerando que ele está hospedado no quarto ao lado do meu e que eu já vi alguns guarda-costas em sua porta de vez em quando, concluo

que ele deve ser um dos “clientes especiais” do hotel e, por consequência, deve ter sido convidado para esta recepçãozinha também.

Será que eu e Henry estamos no mesmo ambiente?

Um frio envolve minha barriga apenas com a possibilidade.

Circulo os olhos pelos arredores mais uma vez, agora com um interesse renovado.

Como será que ele é? Será que eu conseguiria reconhecer alguém que eu nunca vi?

Ando mais uma vez pelo salão, analisando com cuidado cada um dos rapazes presentes, tentando ver se eu sentiria algum tipo de ligação especial com alguém, ou se algum clique estalaria em minha mente quando eu olhasse para a pessoa certa, mas não acontece nada, claro.

Com um suspiro frustrado, sento em uma das muitas cadeiras vazias espalhadas por aí. Para não morrer de tédio, abro o aplicativo do meu tão amado Kindle e começo a ler no meu celular mesmo.

Não devo ter avançado nem três páginas quando percebo que não adiantaria tentar. Ainda que a história seja cativante, meu cansaço do dia somado ao som da chuva, que aumenta cada vez mais lá fora, fazem com que meus olhos pesem e eu acabo pescando algumas vezes. Assim, desisto de ler e de tentar ficar aqui e vou até a Carol.

Me enfio no meio das milhares de garotas que estão ao redor de Peter — e, por consequência, da Carol — e digo no ouvido da minha amiga, alto o suficiente para que ela me escute em meio ao barulho das conversas pelo salão:

— Eu tô subindo, ok?

— Ok. — Ela faz um esforço para desviar seu olhar vidrado de Peter para mim. — Você quer que eu vá junto?

— Claro que não! — Reviro os olhos. — Eu jamais faria isso com você! Como eu já disse, esse é o seu momento! É só que eu realmente tô exausta.

Nessa hora, Peter faz alguma gracinha e as meninas riem. Carol olha para ele encantada, tentando pegar a piada que perdeu, mas o momento já tinha passado. Voltando sua atenção para mim apenas de forma parcial, ela diz:

— Tudo bem, te encontro mais tarde, então!

— Qualquer coisa me liga. — Dou um beijo na bochecha dela.

Quase corro para fora do salão e, quando me vejo diante dos elevadores, suspiro, deliciando-me com o silêncio que me acolhe.

Aperto o botão para chamar minha carona até meu andar e massageio meus ombros, tentando desfazer os nós de tensão presentes ali com mais constância do que eu gostaria.

Respiro fundo e solto o ar em um fôlego longo, daqueles que parecem sair de nossos pulmões e alcançar os dedos do pé. Uma sensação muito estimada por mim e da qual senti bastante falta ao longo do dia retorna aos poucos.

Paz.

A tão preciosa paz, enfim, enche meu peito e alivia meu cérebro cansado do esforço de permanecer tranquilo o dia inteiro.

Madu, Madu… converso comigo mesma. *Você precisa se lembrar de qual é seu verdadeiro lugar de paz… Se você continuar buscando a calma e a tranquilidade em ambientes serenos e isolados, você vai estar sempre perturbada. Sim, é importante ter nossos momentos de solitude, mas não podemos depender deles para estarmos bem. Vá para seu lugar de paz, Madu. Seu verdadeiro lugar de paz.*

Antes que eu sequer consiga começar a cantar a música que eu compus justamente em um momento como este (e *para* momentos como este), uma melodia breve e suave de duas notas reverbera pelo ambiente, indicando que o elevador chegou.

Assim que as portas de metal se abrem, eu entro, já apertando o botão do meu andar, doida pela minha cama.

As portas começam a se fechar, mas, pouco antes, uma mão se coloca na pequena fresta, mantendo o elevador aberto.

Dou um passo para o lado, a fim de abrir mais espaço para o recém-chegado, que entra, enquanto eu encaro uma plaquinha na parede perto de mim, para evitar qualquer tipo de contato visual.

Contudo o barulho de alguém apertando de forma ininterrupta o botão de fechar as portas do elevador chama minha atenção. Enfim olho para a única outra pessoa dividindo esta pequena cabine metálica comigo.

Para a minha completa e total surpresa, vejo diante de mim ninguém mais, ninguém menos que Derek Duncan.

CAPÍTULO 6

Conversa de Elevador

— Oi — Derek diz com educação.

— Oi — respondo um tanto embasbacada, porque: 1) ele é americano, mas se deu ao trabalho de me cumprimentar em português; 2) ele é famoso e eu jurava que ele era antissocial, mas ele foi até simpático!; e 3) ele é, tipo, muito bonito, mas eu tinha me esquecido disso por causa do seu corte de cabelo atual, do qual eu realmente não consigo gostar.

Balanço a cabeça e me forço a parar de encará-lo.

Ficamos um tempo sem falar nada e eu observo fixamente o mostrador de andares conforme subimos.

— Você fala inglês? — Derek me pergunta em sua língua materna.

— Sim.

— Que ótimo, isso facilita bastante as coisas, já que “oi” é uma das únicas palavras que eu sei em português.

Solto uma risada tímida e volto a encarar o painel.

Estou oficialmente chocada: Derek Duncan acabou de fazer uma espécie de *piada?!* Eu nem imaginava que ele soubesse o que é isso!

— Nunca vi um elevador tão lento quanto este — Derek comenta e fico ainda mais surpresa por ele estar puxando assunto. Principalmente porque, alguns minutos atrás, ele parecia estar fazendo um esforço sobre-humano apenas para interagir com suas fãs lá no salão.

Quando vi que ele estava aqui comigo no elevador, eu não esperava que ele fosse sequer *falar* comigo, quanto mais desenvolver uma conversa!

— Nem eu. — Me forço a responder com naturalidade, já que o cara que eu julgava ser antipático estava se dando ao trabalho de falar comigo.

— Este elevador é tão devagar que fico admirada que ele consiga arranjar força o suficiente para continuar subindo.

Derek solta o ar pelo nariz em uma espécie de risada contida.

Olho para ele chocada — Derek Duncan quase *riu?!*

Um trovão retumba do lado de fora, fazendo-me dar um pequeno pulo.

— Você tem medo de chuva? — Derek pergunta com uma sobrancelha erguida.

— Não, mas me assusto com barulhos altos e inesperados.

Derek abre a boca para falar alguma coisa, mas, bem nessa hora, o elevador para. E não foi uma parada normal. A porta não se abriu, as lâmpadas se apagaram, sendo substituídas pelas luzes de emergência, que mergulharam o ambiente em uma meia-luz, e o painel enlouqueceu, exibindo uns traços que, com certeza, *não* são números!

Ouço a chuva caindo ainda mais forte lá fora.

— Acho que estamos presos... — Derek comenta, observando os arredores do elevador assim como eu.

Concordo com a cabeça e continuo olhando da porta para o mostrador de andares completamente doido, esperando que o elevador dê sinal de vida.

— Daqui a pouco ele volta a funcionar, relaxa — Derek diz, observando-me.

— Eu estou relaxada, já fiquei presa em elevadores antes. Só não é a melhor experiência do mundo.

Ele ergue uma sobrancelha como resposta e, ainda me analisando com atenção, fala:

— Acho que eu te conheço de algum lugar.

— Pouco provável, mas acho que *eu* já te vi antes... — Dou uma risada. — Derek, certo?

Ele franze a testa de leve.

— Você sabe quem eu sou?

Reviro os olhos.

— Bom, eu não moro em uma caverna, então claro que sim.

Um dos cantos dos lábios de Derek se repuxa para cima. Acho que isso é o mais próximo de um sorriso que ele consegue esboçar, então vou entender como uma pequena vitória.

— Por que ficou tão surpreso? — pergunto — Não é como se as pessoas não te reconhecessem na rua...

— Eu sei — Dá de ombros. —, mas é que hoje você parecia meio entediada lá no show.

— Como você me viu no meio de outras milhares de pessoas? — Entrelaço um braço no outro.

— Bom, você era a única de braços cruzados — Ele aponta para mim, que estou na mesma posição em que passei a maior parte do show. — e com cara de quem não queria estar ali, então meio que se destacava na multidão.

Estreito os olhos, tentando decidir se acredito ou não nele.

— Mas e aí? Você não estava gostando? — Derek pergunta em um tom casual demais para parecer desinteressado.

— Na verdade, estava. Suas músicas são legais e tal...

— Mas...?

Enrugo o nariz, sem saber como desviar o rumo da conversa.

— Mas eu tenho um espírito idoso. O que já deve estar bem claro a essa altura…

— Por que você teria um espírito idoso? — Derek franze o cenho.

Faço uma careta.

— Não gosto de multidões, nem de som alto, nem de animação nível master…

Ele ergue as sobrancelhas com um brilho bem-humorado em seus olhos.

— É, então realmente fica difícil aproveitar um show.

— Exatamente!

Ficamos por uns dois segundos apenas olhando um para o outro. Tempo mais que suficiente para o meu estômago achar que seria legal fazer um *flip* ao mesmo tempo em que meu cérebro parecia bastante fascinado com o tom verde nos olhos dele.

— Desculpa, mas como é o seu nome? — Derek pergunta, parecendo sem graça. — É muito estranho, porque você sabe quem eu sou, mas eu não te conheço.

— Teoricamente, eu também não te conheço, eu só sei o seu nome e outras informações pessoais. — Dou um sorriso para amenizar minha constatação que poderia ter parecido grossa. — Mas meu nome é Maria Eduarda.

— Maria Eduarda. — Ele repete devagar, com o sotaque carregado.

— Pode me chamar de Madu, se preferir.

— Madu. — Ele testa mais uma vez, conseguindo falar com mais naturalidade.

— Então… é a primeira vez de vocês aqui no Rio? — Balanço a cabeça e me corrijo: — Na verdade, não sei por que perguntei isso. Eu *sei* que não é a primeira vez de vocês aqui. Eu poderia, inclusive, dizer quantas vezes vocês já vieram ao Brasil antes.

Derek ergue as sobrancelhas, impressionado, mas cruza os braços e pergunta:

— É mesmo? E quantas vezes eu já estive aqui, então?

— Você, Derek, especificamente, não tenho certeza. — Faço uma careta. — E, de qualquer forma, teria vergonha de falar.

— Por quê?

— Porque vai ser bizarro você ver que eu sei esse tipo de detalhe sobre a sua vida.

Para o choque geral da nação, Derek dá uma pequena risadinha — tão discreta e tão breve que quase passou despercebida, mas, ainda assim, uma risadinha.

— Por que isso seria bizarro?

— Porque a gente *nem se conhece!*

— Por que você não tenta? — Derek insiste, com um dos cantos dos lábios erguido de leve, o que, já percebi, é o máximo de sorriso que vou ver dele.

Suspiro e digo, rendendo-me, em um tom um tanto entediado:

— Considerando que a Grass of Glass tem 8 anos, mas vocês só estouraram há 6, vocês já vieram ao Brasil 5 vezes. — Despejo as informações como se fosse a Alexa, recusando-me a olhar para ele. — Mas você, Derek, sozinho, acho que veio aqui duas vezes além disso, se não me engano.

Crio coragem para espiar em sua direção e o vejo observando-me, parecendo ao mesmo tempo impressionado e assustado.

— Bizarro, eu sei. — Faço uma careta. — Desculpa por isso.

— Então você é *glassie*?

— Na verdade, não.

— Não?!

— É… Minha melhor amiga é *glassie* desde o começo da banda, quando vocês ainda só faziam *covers* no YouTube. Eu só caí aqui de paraquedas.

Um lampejo diferente cruza seus olhos e a coisa mais estranha do mundo acontece: Derek sorri. Com direito a dentes e tudo.

Estreito os olhos para ele, como se um chifre cor de rosa tivesse acabado de surgir bem no meio de sua testa.

Desde quando Derek Duncan sorri?! Eu nem sabia que isso era anatomicamente possível para ele!

Mal tenho tempo de reparar em como seu sorriso é bonito. Antes mesmo de eu conseguir terminar esse pensamento, seu rosto volta para sua expressão neutra de sempre, mas o sorriso raríssimo que eu acabei de testemunhar continua presente em seu tom de voz:

— Então você não é *glassie*? — Derek pergunta mais uma vez, cruzando os braços e apoiando-se na parede atrás de si.

Dou de ombros, achando um pouco estranho ele estar gostando tanto do fato de eu não ser fã deles.

— Desculpa, mas não.

— Por que “desculpa”?

— Sei lá… Acho que seria mal-educado eu dizer que não sou sua fã? — A afirmação sai como uma pergunta e estreito os olhos, meio confusa.

Esta está sendo uma das conversas mais complicadas que eu já tive — algumas vezes é muito difícil ser honesta e simpática ao mesmo tempo.

— Não vejo como isso poderia ser mal-educado — Derek responde. — Ninguém é obrigado a ter os mesmos gostos musicais dos outros.

— Você tem um ponto.

Percebo, pelo canto dos olhos, que ele me observa com atenção redobrada.

— Mas então você não gosta das nossas músicas?

— Na verdade, até que gosto. Só não sou fã.

— E por que não?

— Por que eu não sou fã?

— É.

Mordo os lábios, procurando alguma saída, então pergunto:

— Você sempre quis ser cantor?

Ele ergue as sobrancelhas com uma ironia bem-humorada.

— Você está mudando de assunto?

— Bem, eu estava tentando, se você pudesse cooperar…

Ele solta uma risadinha um tanto enferrujada, como se fizesse tempo que ele não risse. E é aí que eu começo a cogitar a possibilidade de eu estar em uma realidade paralela, ou sonhando, ou algo assim.

— Por quê? — Derek pergunta.

Apesar de ele ter acabado de falar sobre ninguém ser obrigado a ter os mesmos gostos musicais e tal, eu realmente não sou do tipo de pessoa que chega na cara da outra e diz que não curte muito o estilo dela, por isso resolvo dizer apenas:

— Não quero te ofender.

— Você não vai, acredite em mim.

— Tudo bem, você que pediu… — digo, mas fico em silêncio depois disso.

Derek abre a boca para falar alguma coisa, após esperar por alguns segundos que eu concluísse minha resposta, mas uma voz ecoa por um alto falante na parte de cima do elevador.

— Tem alguém aí? — A pessoa pergunta e me sobressalto.

Derek me vê pulando no lugar com o som inesperado e o canto dos seus lábios se repuxa de leve para cima. Olho feio para ele de brincadeira, que apenas ergue as sobrancelhas para mim, ainda parecendo se divertir com a situação.

— Se tiver alguém preso no elevador — a voz continua —, basta apertar o botão com um megafone para podermos nos comunicar.

Vou em direção ao painel com os botões, enquanto Derek pergunta:

— O que ele disse?

— Só para a gente apert…

A voz ecoa mais uma vez pelo elevador, dessa vez em inglês, interrompendo-me. Ficamos em silêncio ouvindo e, quando a pessoa termina de falar, eu brinco:

— Foi isso que ele disse.

Derek ergue a sobrancelha, no que estou aprendendo que é sua expressão equivalente a um sorriso de uma pessoa normal, e eu enfim aperto o botão.

— Oi — digo em inglês, para incluir o Derek. — Estamos presos aqui.

— Sentimos muito pelo inconveniente, senhorita — o homem diz, também em inglês. — Como vocês estão?

— Estamos bem. — Olho para Derek de forma indagadora, e ele apenas assente, confirmando minha resposta. — O que aconteceu?

— Ocorreu um apagão nos arredores. Ainda estão tentando descobrir o motivo — a voz responde. — Quantas pessoas exatamente estão presas aí, senhorita? As câmeras do elevador ainda não voltaram a funcionar.

— Apenas eu e mais uma.

Olho incerta para Derek, sem saber direito se ele quer que eu diga que é ele que está aqui ou não. Parecendo entender meu olhar, Derek nega com a cabeça. Dou de ombros, como se dissesse "você que sabe".

— Já estamos providenciando para tirar vocês do elevador — o homem diz. — Aguentem mais um pouco.

— Certo, obrigada.

Eu e Derek nos olhamos por um breve momento depois disso, até que eu quebro o silêncio:

— Não quis ser reconhecido?

— É… As coisas costumam ficar tumultuadas…

— Mas, se soubessem que é você, com certeza agilizariam o processo para nos tirar daqui.

— Não tinha pensado por esse lado. — Ele ergue um ombro. — Foi indelicado de minha parte. Se quiser, pode ligar de novo para eles, para virem nos tirar daqui logo.

Suspiro.

— Não, não estou tão desesperada. Acho que posso aguentar mais um pouco, pelo bem da sua sanidade… Sei como é querer evitar uma multidão.

Ele esboça o princípio de um meio-sorriso.

— Obrigado.

— Não há de quê.

Sento no chão, aceitando o fato de que vamos ficar presos aqui por mais um tempo. Derek também se senta no lugar em que estava, de frente para mim, do outro lado do elevador.

— Então quer dizer que você é *glassie* por tabela, mas não é nossa fã… — Ele retoma o assunto de momentos atrás e eu franzo o nariz.

— Você encucou com isso, né?

— Você não me respondeu quando eu te perguntei, então, sim, estou encucado.

— É algo tão impensável assim alguém não ser fã de vocês?

— Na verdade não, muito pelo contrário. — Derek apoia a cabeça na parede, o cansaço do dia parecendo pesar sobre seus ombros. — Estou tão acostumado a todo mundo puxando meu saco e da banda o tempo todo que quero ouvir alguma crítica para variar.

— Achei que vocês recebessem muitas críticas dos *haters*.

— Sim, na internet. — Ele me analisa com atenção. — Poucos têm coragem de falar na cara, principalmente quando estamos a sós.

— Só para constar, eu não sou uma *hater*. Eu gosto do som de vocês e acho vocês supertalentosos. É só que não sou fã, sabe…?

— Sim, essa parte eu já entendi. — Derek dá seu meio-sorriso, num misto de bom humor e ironia. — Estou querendo entender por qual razão você não é nossa fã. Por pura curiosidade, sério.

— Por alguns motivos… — Evito olhar para ele enquanto listo: — Um, o estilo de vocês não faz muito o meu tipo, ainda que eu ache vocês supertalentosos, como eu acabei de falar. Dois, não tenho paciência para ficar acompanhando banda, nem cantor, nem famoso nenhum, porque, três, eu não estou nem um pouco preocupada com a vida de vocês. Com todo o respeito.

Derek solta uma risada discreta e abafada, como se ela tivesse saído contra sua vontade. Por isso, arrisco olhar para ele, que me observa parecendo maravilhado.

— Justo — Derek diz, por fim.

Dou um sorriso amarelo e ajeito um cacho atrás da minha orelha, sem conseguir pensar em outro assunto. Felizmente ele resolve esse problema por mim:

— Então… Você não é *glassie*, mas sabe tudo sobre a Glass?

— É.

— E sobre mim?

— Considerando que você é da Grass of Glass, sei tudo sobre você também. — Assim que as palavras passam por minha boca, me pergunto por que admiti isso. É bem estranho conversar com um cara sobre quem eu sei mais detalhes do que eu gostaria, enquanto ele não sabia sequer o meu nome até minutos atrás.

— Mas o que seria “tudo”? — Derek continua cavando esse buraco, parecendo se divertir com isso mais do que eu esperava e, com certeza, muito mais do que eu gostaria.

— Me diga você… — resmungo. — Eu sei o seu nome inteiro, o nome dos membros da sua família, o nome do seu cachorro e das suas duas calopsitas, sua data de aniversário, sua cor preferida, sua comida preferida… — Suspiro. — Eu poderia continuar essa lista constrangedora pelo resto da noite.

— Impressionante. — Ele diz com os cantos dos lábios erguidos de forma discreta.

Dou um sorriso torto enquanto meu cérebro procura desesperado por algum outro assunto:

— Mas e aí, vocês gostam mesmo do Brasil ou é só marketing, porque as fãs brasileiras são um dos maiores *fandoms* de vocês? — Claramente não pensei muito bem antes de tacar essa pergunta na cara dele.

Derek cruza os braços, com um humor irônico.

— Você é o quê, uma jornalista?

— Não, foi mal, a pergunta foi sem noção mesmo… Finge que eu nem fiz.

— Vou deixar passar dessa vez — Derek diz em tom de brincadeira.

Outro silêncio toma conta do ambiente e eu aproveito para dar uma espiada no meu celular e descobrir que horas são. 23h55. Pelas minhas contas, já deve fazer uns 10 minutos que estamos aqui.

Quando ergo os olhos, percebo que Derek está me observando — mais uma vez. Pigarreio e tento continuar a conversa:

— Você não está exausto, não? — Observo seu rosto em busca da resposta. — Eu apenas assisti ao show e estou acabada, nem consigo imaginar como você ainda está se aguentando de pé.

— Teoricamente estou sentado.

Reviro os olhos, mas meus lábios teimam em se erguer mesmo assim.

— Você me entendeu.

Ele me dá um sorriso discreto, mas gentil.

— Depois de anos nesse estilo de vida, a gente acaba se acostumando.

— Bom, eu com certeza não nasci para ser fã. Acredita que minha amiga me fez acordar às 4h da manhã para estar na fila às 5h???

Ele arregala os olhos.

— Então você tem bem mais motivo que eu para estar exausta.

— Se você diz…

— Estou falando sério. Às 4h da manhã eu estava bem confortável na minha cama, dormindo. Eu só fui chegar no estádio poucas horas antes do show.

— Ah, eu sei muito bem disso. — Reviro os olhos. — As meninas foram à loucura quando vocês chegaram lá.

Ele solta um suspiro cansado.

— Imagino.

Sorrio de canto e fico em silêncio, com o cérebro exausto demais para pensar em algum outro assunto para puxar.

Agora que estou sentada, meu corpo começa a relaxar e o frio ao meu redor se torna mais perceptível. O hotel é sempre bastante gelado, com o ar ligado no máximo (ou seria no mínimo?), mas, agora que o elevador parou, ele parece ter concentrado todo o frio aqui dentro. O fato de eu estar usando uma regata não ajuda muito nesse quesito também. Dobro meus joelhos e me abraço em posição fetal, tentando me aquecer um pouco.

— Eu fiquei pensando… — Derek diz depois de um tempo em silêncio. — Como você sabe tanto sobre mim, nada mais justo que eu saiba mais sobre você também, não?

Meus olhos começam a pesar.

— Ah, não tem muito a saber sobre mim, acredite.

— Duvido. Mas podemos começar com o básico, para não te assustar.

Dou uma risada.

— Com o básico?

— É. Tipo… Quantos anos você tem?

— Vinte.

Os cantos de seus lábios se erguem sutilmente, como se se divertisse com alguma coisa.

— E você? Estou perguntando por mera educação. Vou fingir que eu não sei que você completou 23 no último dia 2 de setembro.

Derek ergue as sobrancelhas, parecendo achar graça, e continua seu interrogatório:

— Você tem irmãos?

— Não, sou apenas eu. — O canto dos meus lábios se repuxa em um sorriso brincalhão. — E como vai o Dylan?

— Meu irmão vai muito bem, obrigado. — Ele responde em um tom divertido. — Você tem algum animal de estimação?

— Acredite ou não, mas tenho uma calopsita. — Ele assente, impressionado. — Acho que a Juju se daria bem com o Cosmo e a Vanda. Isso se a Naia, sua rottweiler, não comesse a coitada antes.

Derek ergue as sobrancelhas mais uma vez.

Me dou um tapa mentalmente — *por que estou me colocando nessa situação constrangedora?* Derek não estava me perguntando se eu conhecia todas essas informações e eu com certeza não precisava mostrar que eu provavelmente sei mais sobre ele do que ele mesmo. Vou culpar meu cérebro cansado por esse momento sem noção.

Com um suspiro, tento voltar a um estado de espírito mais alerta e acordado. *Nada de ser esquisita sem motivo, Madu, vamos lá!*

— Qual é sua cor preferida? — Derek pergunta.

— Roxo.

— Não quis acrescentar a minha também ou você não sabia essa? — Ele provoca ao ouvir minha resposta concisa.

Franzo o nariz.

— Decidi parar de ser estranha.

Derek dá uma gargalhada.

Olho em sua direção como se ele tivesse se transformado em um ornintorrinco laranja com bolinhas verdes. Mais uma vez me pergunto se Derek está no perfeito funcionamento de suas faculdades mentais — eu já o vi sorrir e rir mais em poucos minutos do que em oito anos acompanhando a banda.

— Ah, acredite, você não estava sendo estranha — ele diz, ainda com resquícios de seu sorriso na voz. — Engraçada talvez, intrigante com certeza, mas estranha… Acho que não.

— Se você diz…

— Bom, minha cor preferida é verde, caso você esteja se perguntando. — Ele informa, um sorriso divertido se insinuando nos cantos de seus lábios.

Reviro os olhos, mas acabo sorrindo.

— Eu por um acaso já sabia disso, senhor Duncan. Mas tem uma coisa que eu sempre me perguntei e finalmente vou ter a chance de matar a

curiosidade.

— Diga.

— O fato de verde ser a sua cor preferida tem alguma relação com a música “Grass of Glass”? Porque, tipo, o que te levou a se comparar com a *grama*, sabe?

De novo, Derek gargalha, dessa vez com gosto, dando-me mais provas de que estou presa com um clone dele neste elevador.

— Eu ia perguntar como você sabia que fui eu que escrevi “Grass of Glass”, mas percebi que seria uma pergunta idiota — ele comenta em um tom divertido. — Sobre sua dúvida… Se eu gostar de verde teve alguma coisa a ver ou não com a música, eu não faço ideia. Se tiver tido, foi algo bem inconsciente.

— Entendi. Mas você se identifica mesmo com a grama?

— É uma poesia, Madu… — Seus olhos correm para o lado, assumindo um ar pensativo. — Mas na época que eu escrevi essa música eu estava passando por alguns momentos difíceis… Eu me sentia quebrado e idiota. Tão relevante quanto a grama. Então, talvez, de forma inconsciente, sim, eu me identificasse com a grama… — Ele dá de ombros. — Sei lá.

— Por quê? — pergunto. — Por que você estava se sentindo quebrado e idiota?

Ele passa uma mão pelos cabelos longos.

— Eu achava que as pessoas só me usavam, entende? Eu e os caras estávamos bem no início da banda e eu sentia que todo mundo estava tentando pisar em mim, passar por cima da gente de alguma forma... E eu queria deixar bem claro que eu não era passivo, nem indefeso... que eu iria revidar. Que, se alguém quisesse pisar em mim mais uma vez, eu iria furar seus pés em resposta.

— Mas por que *grama?* Por que não usar a figura clássica do tapete ou capacho?

Ele dá de ombros.

— A gente poderia dizer que eu gosto de fugir do esperado. Mas na verdade acho que foi mais pelo trocadilho entre *grass*[5] e *glass*[6]… Não me lembro mais tanto assim do processo criativo dessa música, sendo bem honesto. Eu tinha só 17 anos quando escrevi.

— O que diz muito sobre você enquanto compositor.

Derek me lança um olhar esperto.

— Sabe, é difícil acreditar que você não é *glassie* quando você faz comentários desse tipo.

Balanço a cabeça, mas acabo sorrindo.

— Você realmente cismou com isso de eu não ser *glassie*, né?

Derek me observa com um ar divertido, mas, ao invés de me responder, muda de assunto:

— Já que estamos falando sobre música… Você canta? Ou toca?

— As duas coisas.

Os olhos dele brilham.

— O que você toca?

— Violão. E um pouco de piano.

Ele assente, com admiração.

— Legal. Eu também.

Sorrio, apertando meus lábios para não falar algo como “eu sei”, mas provavelmente meus pensamentos ficaram estampados na minha cara, porque Derek ergue mais uma vez suas sobrancelhas, daquele jeito que mostra que está se divertindo, enquanto olha direto nos meus olhos.

Um tremor percorre meu corpo. Vou atribuir isso ao frio congelante em que o elevador se encontra neste momento. Não é nada além disso.

Percebendo meu calafrio, Derek se levanta, tira a jaqueta de couro preta que está usando, vem até o meu lado e a estende para mim.

— Obrigada — falo já vestindo a peça quentinha e sendo bombardeada por seu perfume. É claro que ele também era cheiroso...

— Disponha. — Ele se senta ao meu lado.

Ficamos um tempo em silêncio, então eu pergunto, tentando puxar assunto e me livrar de meu constrangimento:

— E aí, estão curtindo muito o Rio?

— Nem tanto.

— O quê? Por quê? — Viro o rosto em sua direção.

— Não é como se nosso agente nos deixasse sair por aí... Ele teve um trabalho danado para conseguir manter em sigilo, ou tanto quanto possível, em qual hotel a gente estava hospedado...

— Ah, entendi... Que pena.

— Faz parte. — Ele dá de ombros. — E você? Se divertindo bastante?

— Nossa, sim! Ainda que a minha definição de diversão seja bem diferente da de Carol, depois de anos de amizade, a gente aprende a se

adaptar e criar um cronograma que agrade as duas.

— Vieram só vocês?

Olho para ele de esguelha.

— Sabe… Não é porque eu sei tudo sobre você que eu te conheço de verdade — digo em tom de brincadeira, mas nem tanto. — Então vou ignorar essa pergunta, porque não acho seguro dar esse tipo de informação para estranhos.

— Justo — ele diz. — Mas espero que você não responda desse jeito para outros estranhos, porque essa resposta meio que já entrega que estão só vocês duas aqui.

Franzo o nariz, o que parece diverti-lo.

— É a primeira vez que vocês viajam sozinhas?

— É. — Meu tom sai um tanto derrotado por não ter conseguido ser discreta.

— E como está sendo?

— Nossa, tudo de bom, né?

Disparo a falar sobre a nossa rotina de praia, compras, comida… A vida regalada dos sonhos de qualquer um. Para minha surpresa, Derek me ouve com atenção, fazendo perguntas aqui e ali.

Quando termino meu relato, fico em silêncio, refletindo no tanto que eu tagarelei.

— Nossa, eu devo ter te cansado com isso tudo. — Observo seu rosto, tentando descobrir se sua expressão entregava alguma coisa. — Falei demais.

— Nada a ver, gostei de saber que você tem se divertido com a Carol. — Ele fala o apelido da minha amiga com o sotaque americano, “kérou”.

Dou um sorriso agradecido em resposta à gentileza dele.

De novo ficamos em silêncio, apenas nos olhando. Dessa vez bem mais perto, com apenas alguns centímetros entre nós.

Observo seus cabelos escuros e longos penteados para trás, seus grandes cílios fazendo sombra em sua maçã do rosto, e seus olhos… Me perco naquela imensidão verde e percebo detalhes que nunca tinha visto em fotos antes. No centro de suas íris, ao redor da pupila, há uma espécie de halo dourado e pequenos riscos, como raios de sol, se espalham pelo mar esverdeado.

— Você tem sardas. — A voz de Derek me tira de minha inspeção minuciosa.

Por algum motivo, sua constatação do óbvio me faz corar.

— Tenho.

Derek ergue a mão, como se fosse encostar nas pintinhas discretas que cobrem a parte de cima do meu nariz e das minhas maçãs do rosto. Seus dedos roçam de leve a minha pele, mas, de súbito, ele parece perceber o que está fazendo e retira sua mão de perto de mim.

Pigarreio, em uma tentativa estranha de acalmar meu coração acelerado. Então digo, para preencher o silêncio:

— A Carol vai pirar quando descobrir que eu fiquei presa no elevador com Derek Duncan.

— Não se esqueça do fato de que você também está usando minha jaqueta — ele diz, voltando a se recostar na parede atrás de nós.

Forço uma risada, tentando agir com naturalidade, ainda que meu estômago continue com um frio estranho.

— É, não posso me esquecer disso. — Encosto minha cabeça na parede também, já mais relaxada, e pisco de forma lenta. — Não sei para que esse ar-condicionado congelante aqui no hotel, inclusive...

Minha voz sai mais arrastada e meus pensamentos começam a assumir um ritmo devagar.

— Bom, considerando que o Rio é quente para caramba, acho que posso entender o motivo, Sardas…

Solto uma risada leve, com dificuldade para manter os olhos abertos.

Derek, ao invés de puxar mais algum assunto, começa a cantarolar baixinho uma melodia suave com seu tom rouco e agradável. Aos poucos, vou mergulhando no meu inconsciente, até que apago.

CAPÍTULO 7

É Só Uma Selfie!

— Sardas? — Uma voz um tanto distante ecoa em minha mente semiadormecida.

Dedos calejados nas pontas pressionam com suavidade minha mão e abro os olhos lentamente, tentando me situar.

Com um pouco de dificuldade, devido ao meu cérebro enevoado pelo cansaço, percebo que estou sentada em um elevador, apoiada em alguém. Para ser mais exata, estou deitada no ombro de *Derek Duncan*, um dos vocalistas principais da Grass of Glass.

Para ser mais exata ainda, não estou apenas com a cabeça no ombro dele: o braço esquerdo dele está ao meu redor, abraçando-me e aquecendo-me; meus joelhos, ainda dobrados em uma espécie de posição fetal, se encontram apoiados nas pernas dele, que estão cruzadas, e minha mão segura sua blusa em um aperto firme (como se estivesse retribuindo seu abraço).

Apesar do conforto de seu ombro forte, mas macio, e, no meu estado inconsciente, eu não ter a menor intenção de me mexer, quando acordo o bastante, me afasto de Derek com um sobressalto, envergonhada por ter apagado *nele!*

— Eu dormi muito? — pergunto, passando discretamente os dedos pela minha boca, para checar se eu não tinha babado.

— Acho que uns dez minutos.

— Nossa, foi mal.

— Não se preocupa. Acho que até eu dormi.

Assinto, ainda constrangida demais para falar alguma coisa.

— Te acordei, porque finalmente vieram nos tirar daqui — ele diz, num esforço para espantar o sono também, e aponta para cima, de onde escuto o som de algumas vozes.

Me levanto e me espreguiço.

Pouco depois, um facho de luz entra no elevador, cegando-me momentaneamente. Quando recupero minha visão, vejo Derek levantando-se e ficando ao meu lado, olhando para cima, na direção da lanterna.

— Vocês estão bem? — um funcionário pergunta em português.

Derek olha para mim, num misto de confusão, por não ter entendido uma palavra, e de expectativa, para que eu sirva de intérprete.

— Estamos bem! — respondo ao funcionário, também em português — Você fala inglês?

— Não, senhora — ele diz, encabulado. — Sinto muito.

— Imagina. Sou brasileira, fique tranquilo. É só que tem um americano aqui, então, se você soubesse inglês, a gente conversaria nessa língua para ele não ficar excluído.

— Entendi — ele diz, parecendo pouco interessado na minha explicação, antes de continuar: — Olha, moça, o elevador parou no meio dos andares e eu vou precisar que vocês pulem para alcançar o chão daqui, vocês conseguem?

— Sim, só um minuto.

Traduzo a situação para Derek, que assente.

— Licença — Derek me fala e, antes que eu possa perguntar o que ele quer dizer, ele me pega pela cintura e me ergue para cima, na direção do andar em que está o funcionário.

Quando alcanço o piso, me ergo em minhas mãos e me forço para cima, para sair do vão do elevador. Logo depois, Derek pula, alcançando o chão e impulsionando-se para fora da mesma maneira que eu alguns segundos antes.

— Você está bem? — Derek me pergunta, enquanto me analisa de cima a baixo, procurando por algum machucado.

— Tudo certo. E você?

— Também.

Um outro funcionário, que parece ter um cargo mais elevado, se aproxima de onde estamos.

— Boa noite, senhores — ele diz em português. — Meu nome é Cláudio, sou gerente do hotel. Em nome de toda a nossa equipe, gostaria de

pedir nossas sinceras desculpas. Sentimos muito pelo inconveniente, espero que vocês estejam bem e saibam que esti…

Ele para de falar de forma abrupta quando se aproxima o suficiente para ver melhor o rosto de Derek. Ao reconhecê-lo, Cláudio empalidece.

— Senhor Duncan! Mil perdões! — Cláudio exclama em inglês. Pelo seu tom desesperado, ele poderia muito bem se deitar aos pés de Derek a qualquer momento. — Houve um apagão nos arredores e...

— Relaxa. — Derek faz um movimento com a mão, desconsiderando. — Está tudo bem.

— Não, realmente peço desculpas. Foi um tremendo inconveniente um dos nossos principais hóspedes ficar preso no elevador. Espero que nos perdoe, não irá se repetir.

— Não foi nenhum inconveniente. Na verdade, foi bastante agradável — Derek fala e me olha de soslaio com um sorrisinho erguendo sutilmente seus lábios.

— Por favor, como nós poderíamos recompensá-lo por essa situação? — Cláudio continua, como se Derek não tivesse falado nada.

O pobre homem começa a chamar outros funcionários, exigindo coisas sem sentido, como que limpassem mais uma vez o quarto de Derek, lhe oferecessem uma refeição e outros exageros do tipo — que se tornam ainda mais sem noção se considerarmos que já passou da meia-noite...

Aos poucos, com o alvoroço nada discreto de Cláudio, outros funcionários que estavam por perto passaram a notar a presença de Derek, que começou a ser cercado. Pessoas vindas sabe Deus de onde — uma vez que estamos no 21º andar no meio da madrugada — foram se aglomerando ao redor do cantor famoso, querendo uma selfie ou um autógrafo.

Percebendo que ele estava ocupado, começo a me afastar, para seguir meu caminho de escada até o andar do meu quarto. Até pensei em tentar me despedir de Derek, mas tem tanta gente em volta dele e eu estou tão, mas *tão* cansada que tudo que eu quero é minha cama.

Quando estou a alguns passos da porta que leva para as escadas, uma voz rouca grita atrás de mim:

— *Hey, Freckles!*

“Ei, Sardas!”

Sardas? Pela primeira vez, reparo no jeito que o vocalista da Grass of Glass está me chamando.

Me viro e vejo Derek correndo em minha direção, sendo seguido por pelo menos uma dúzia de pessoas.

— Você estava fugindo de mim? — ele pergunta em tom de brincadeira.

— Acredita que não? — Respondo no mesmo tom que o dele. — Estava só querendo continuar o que a gente começou no elevador.

— Que coincidência! — Seus olhos brilham com diversão. — Eu estava querendo o mesmo!

Franzo o cenho, porque desconfio de que não estejamos nos referindo à mesma coisa.

— Você está falando sobre dormir? — pergunto.

— Não. — Ele mantém seu tom bem-humorado. — Eu estava falando sobre continuar conversando com você.

Arregalo os olhos e mordo os lábios.

Ok… Isso foi… completamente inesperado.

— Ah. — É a minha resposta genial, porque, honestamente, *ninguém tinha me preparado para uma situação como essa!*

As pessoas acompanham nosso diálogo com impaciência, tirando fotos, e filmando, e sei lá mais o quê. Notando meu desconforto com a atenção nem um pouco desejada, Derek se aproxima um passo de mim e sussurra em meu ouvido:

— Você se importaria de me esperar na escada enquanto tento me livrar da plateia? Que aí eu, pelo menos, te acompanho até seu quarto.

Estreito os olhos para ele, fingindo uma cara de desconfiada, para disfarçar o arrepio que percorreu meus braços.

— Tudo bem — digo por fim e ele parece soltar o ar.

— Te vejo em alguns minutos.

— Ok.

Derek volta pelo corredor, sendo seguido pelas pessoas que estavam determinadas a azucrinar um famoso no meio da noite.

Sigo devagar até as escadas e subo alguns degraus, para ficar mais escondida, sentando-me no topo. Apoio a cabeça na parede e acho que cochilo mais uma vez, porque a próxima coisa que percebo é um carinho gentil em meu braço.

— Ei, estou de volta, Sardas. — Derek me acorda em voz baixa. — Desculpa a demora.

Ele me olha com pesar, parecendo se sentir culpado.

— Eu não deveria ter te pedido para me esperar. Você está exausta.

— Não se preocupe com isso. — Esfrego os olhos, para espantar o sono. — Acredite, se eu não quisesse ter ficado te esperando, eu teria simplesmente ido embora sem nenhum peso na consciência.

Derek ergue as sobrancelhas.

— Não sei por que não fico surpreso. — Ele estende a mão para me ajudar a levantar. — Onde fica o seu quarto?

Estreito os olhos para ele, enquanto entrelaço meus dedos nos seus, aceitando sua ajuda para ficar de pé.

— Vou assumir que você não é psicopata, nem *stalker*, nem maluco, porque, depois de ter ficado presa no elevador com você e dormido no seu ombro, acho que você conquistou esse direito.

Derek me presenteia com uma risada.

— Não vou trair sua confiança.

— Bom mesmo. — Recolho minha mão, que ele ainda estava segurando. — Então vamos indo, temos um longo caminho pela frente.

Depois de subirmos os primeiros degraus em silêncio, Derek pergunta:

— Você e a Carol ainda vão estar no Rio amanhã?

— Aham, por quê?

— Porque vamos fazer outro show aqui.

— Não me diga… — brinco, enquanto tento entender aonde ele quer chegar.

Derek me olha com ar divertido, mas diz apenas:

— O que você acha de ir amanhã de novo?

— Onde?

— No show.

— Eu?!

— Sim, Sardas, você.

Sua pergunta me pega tão desprevenida que paro de andar e o encaro.

— Por quê? — Sim, meu cérebro demorou vários segundos para formular essa resposta brilhante.

Derek franze a testa, sem entender.

— Por que o quê?

— Você estava me convidando para ir ao show de vocês amanhã de novo?

Parecia inesperado demais para ser verdade.

— Sim… Ou pelo menos eu estava tentando fazer isso.

— Por quê?

— Por que o quê? — ele repete também, parecendo meio exasperado.

— Por que você está me chamando para ir ao show de novo?

Derek dá de ombros e passa uma mão pelo cabelo.

— Você disse que não curtiu tanto o de hoje por causa da multidão.

Estreito os olhos para ele, tentando entender o seu ponto. Ele dá de ombros mais uma vez e diz, como se não fosse nada:

— Eu pensei que você poderia assistir amanhã da coxia. Aí você poderia curtir ao vivo, mas sem todo aquele bando de gente em volta.

Meu queixo cai.

— Você está falando sério?

— Bem sério.

— Nossa, eu nem tenho como recusar esse convite!

Ele ergue as sobrancelhas (seu equivalente a um sorriso).

— Falando assim, você fica até parecendo uma *glassie*.

— Esse é o ponto! Você sabe o que a Carol faria comigo se ela soubesse que você me fez uma proposta dessas e eu *recusei?!*

Derek faz uma careta.

— Mas você está aceitando meu convite porque você está a fim de ir ou porque é o que a Carol quer?

— E faz diferença?

— Com certeza. Você já foi ao show por amor hoje. Se você for amanhã, quero que seja porque você *quer* ir.

Antes que eu possa pensar muito no que ele disse, Derek continua:

— Você não precisa passar por tudo isso de novo se você não quiser. Já entendi que você não gosta de ter muita gente em volta. — Ele coça a nuca. — Eu só achei que seria legal você poder aproveitar o show sem ter todos esses… incômodos.

— Eu… — Olho ao redor, procurando as palavras. — Uau. Eu não sei nem o que dizer.

— Um “aceito” ou um “cai fora” já seria o suficiente. — ele brinca e eu dou risada.

— Aceito, óbvio.

Derek sorri.

— Ótimo! Vamos te deixar no seu quarto, então.

— Sabe — provoco, enquanto voltamos a subir os degraus —, não imaginei que você faria esse esforço todo só para conquistar mais uma fã…

— Não estou querendo conquistar mais uma fã qualquer... — Derek joga isso para cima de mim e eu que lute para entender se ele quis ou não dizer alguma coisa com isso!

Abro e fecho a boca algumas vezes, mas, ao que tudo indica, meu cérebro colapsou e encontra-se indisponível para formular frases. Assim, continuamos subindo os lances de escada que faltavam em silêncio.

Quando chegamos ao meu andar, anuncio:

— É aqui.

Derek abre a porta da escada para mim e eu entro no corredor dos quartos, com uma coleção de guarda-costas espalhados por aí.

Atipicamente, os seguranças do apartamento ao lado do meu olham com curiosidade na minha direção — no geral, eles são indiferentes à minha presença. Imagino que o fato de ter uma pessoa famosa ao meu lado tenha chamado a atenção deles.

Conduzo Derek até a porta do meu quarto.

— É aqui? — ele pergunta, parecendo se divertir com algo.

Estreito os olhos para ele, sem entender qual seria a graça, mas respondo:

— É.

— Sei que isso talvez seja pedir muito agora, considerando o quanto você está cansada, mas será que você poderia, por favor, tentar *não* dormir? Vou passar no meu quarto rapidinho, pegar as pulseiras de acesso ao camarim para você e para a Carol e volto daqui a pouco, pode ser?

— Combinado. Muito obrigada, Derek!

— Não me agradeça, Sardas. — Ele ergue as sobrancelhas para enfatizar. — Apenas permaneça acordada.

Reviro os olhos, tentando manter a pose — mas o meu sorriso traidor quebra minha imagem de durona.

— Vou ver o que posso fazer.

Seus olhos brilham com diversão e eu entro no apartamento sem olhar para trás — ele realmente não precisa ver meu sorrisinho bobo.

Sigo em direção ao meu quarto, mas vejo que a luz da Carol está acesa, então vou até lá.

— Ué, você já tá aqui? — pergunto. Não achava que ela fosse voltar tão cedo.

— Pois é, depois do apagão, disseram para a gente retornar para os nossos quartos pelas escadas — ela diz, levantando os olhos do celular por uma fração de segundo para olhar para mim de forma inquisitiva. — Eu achei que você já estivesse dormindo.

— Não, acabei de chegar. — Sento na cama dela, preparando-me para passar bons minutos aqui. — Fiquei presa no elevador.

Carol me olha de novo, dessa vez por mais tempo e com uma expressão preocupada.

— Não acredito! Sério? Mas você tá bem? — Minha amiga volta a encarar seu celular, como se fosse mais forte do que ela. — E que jaqueta é essa?

— Sim, tudo certo. — Me aproximo de Carol, tentando enxergar a tela de seu telefone e ignorando sua última pergunta. — O que você tanto olha aí, hein?

Carol me lança um sorriso extasiado.

— Você viu a foto que eu acabei de postar no Instagram?! — Ela vira o celular para mim, exibindo uma selfie dela abraçada com o Peter, parecendo mais feliz do que nunca. — Melhor. Dia. Da minha. Vida!

Dou uma risada.

— Então espera só até eu te contar o que aconteceu comigo — falo com um sorrisinho.

Ela me olha na mesma hora.

— O quê?!

— Sabe quem ficou preso comigo no elevador?

Carol arregala os olhos, já sem acreditar, apesar de nem saber ainda a resposta.

— Quem?!

Ergo as sobrancelhas e mordo os lábios, fazendo mistério.

— Fala, amiga! — Carol agarra meu braço, sacudindo de leve.

— Derek Duncan.

O queixo dela cai.

— O QUÊ???

Carol solta um grito, levanta da cama e fica pulando pelo quarto.

— *O* DEREK DUNCAN?! — Ela me encara com os olhos arregalados, ainda berrando. — O *MEU* DEREK DUNCAN?!

— Bom, teoricamente, ele não é seu.

— TODOS OS MENINOS DA GLASS SÃO MEUS, MARIA EDUARDA, E VOCÊ SABE MUITO BEM DISSO!

Dou risada e ergo as mãos, rendendo-me.

— NÃO ACREDITO QUE VOCÊ FICOU PRESA COM ELE!!! — Carol se joga de novo na cama, bem perto de mim. — ME CONTA TUDO!!!

Destrincho detalhe por detalhe de cada milissegundo que passei com Derek. Meu relato demora muito mais do que deveria, porque, a cada frase que eu falo, Carol pergunta alguma coisa, como “Os olhos dele são tão incríveis pessoalmente quanto nas fotos?”, “Ele é mesmo tão sério quanto dizem?”, “Ele é legal? Ou é mesmo metido, como você sempre achou que fosse?” (Ela riu muito da minha cara depois dessa última pergunta, por eu estar redondamente enganada no meu julgamento sobre o cantor).

Sua última pergunta até agora foi:

— Ele cheira bem?

— Veja por si mesma.

Estendo o meu braço, ainda vestida com a jaqueta de couro dele, para que ela cheire. Seus olhos se arregalam tanto que eu tenho medo que seus globos oculares caiam no chão. Na mesma hora, Carol me agarra e começa a cheirar meu braço.

— Nossa, amiga! O cheiro dele é bom demais!

Ela provavelmente passaria mais trinta minutos discorrendo sobre a fragrância de Derek se a campainha não tivesse tocado.

Carol franze o cenho para mim de forma questionadora.

— Eu ia chegar nessa parte — digo. — Na verdade, eu já teria chegado a essa parte há muito tempo se certas pessoas não me interrompessem a cada vez que eu respirasse.

Levanto da cama e começo a andar com tranquilidade em direção à porta.

— Ei! Você não pode me dar esse tipo de notícia e esperar que eu fique indiferente! — Carol protesta, correndo atrás de mim. — Quem é, afinal?

Olho para ela com diversão e seguro a maçaneta.

— Só tenta não desmaiar, tá?

Ela franze a testa, confusa, prestes a perguntar alguma coisa, mas então eu abro a porta. Carol congela no lugar, com a boca aberta e uma

frase pela metade, e fica encarando o pobre garoto. Derek, por outro lado, parece bem tranquilo com a reação dela e diz com naturalidade:

— Você deve ser a famosa Carol.

Minha amiga parece prestes a ter uma síncope. Ela fica vermelha como eu nunca tinha visto antes e vira em minha direção com mil perguntas saltando de seus olhos. Apenas sorrio com calma e digo em português:

— Depois eu te explico tudo, prometo.

— Como se você tivesse alguma outra opção. — Ela retruca e eu rio.

Derek se apoia no batente da porta casualmente, observando-nos com curiosidade e diversão. Lembrando de ser educada, digo em inglês:

— Sim, Derek, essa é a Carol. E Carol, esse é o Derek, mas com certeza eu não precisaria ter feito essas apresentações.

— Eu posso te dar um abraço? — Minha amiga pergunta, contida, mas com os olhos mais vivos que nunca.

Derek dá de ombros e diz:

— Claro.

Carol quase pula em cima dele, agarrando-o pelo pescoço e contendo-se para não ficar dando pulinhos.

— Cara… Esse com certeza é o melhor dia da minha vida!!

Derek me olha de forma interrogativa, já que minha amiga tinha falado em português. Traduzo para ele, que ergue as sobrancelhas, achando graça.

— Como ela reagiu quando você contou sobre amanhã? — Derek me pergunta, já que Carol ainda está agarrada nele, que a abraça parecendo um tanto desconfortável por ter alguém invadindo seu espaço pessoal (não julgo, claro).

— Ela ainda não sabe.

— Cara, eu quero presenciar esse momento, então.

Carol se desvencilha de seu ídolo para lançar um olhar curioso de mim para ele.

— Do que vocês estão falando? — ela pergunta.

— Quer fazer as honras? — Derek oferece, estendendo para mim duas pulseiras de papel.

Com um sorriso de orelha a orelha, por saber como minha amiga vai ficar feliz com a notícia, digo para Carol:

— O Derek nos convidou para assistir ao show deles amanhã de novo.

— MENTIRA!!

Vendo que ela está prestes a começar a gritar de novo, ergo a mão, impedindo-a bem a tempo.

— Espera que tem mais!

Ela arregala os olhos, parecendo hiperventilar.

— TEM MAIS???

— Nós vamos assistir ao show… — Mostro as pulseiras para ela. — Do camarim!!

Por um momento, acho que Carol vai desmaiar e fico realmente preocupada. Mas então ela olha de mim para Derek, e dele para mim, e de novo, de novo, de novo, tentando processar a informação.

— VOCÊ TÁ FALANDO SÉRIO?? — A euforia de Carol é tanta que ela pergunta em português.

— Seríssimo.

— SÉRIO MESMO?

— Mesmo mesmo.

— MESMO MESMO MESMO???

— Mesmo mesmo mesmo.

— AI MEU DEUS, AI MEU DEUS, AI MEU DEUSSS!!!!

Eu e Derek nos entreolhamos, trocando um sorriso cúmplice. Ainda que ele não tenha entendido as palavras desse nosso último diálogo, não é preciso falar português para pegar a ideia geral do que elas significavam.

Enquanto minha amiga ainda está em seu momento de surto, comento com Derek:

— Você demorou. Seu quarto é longe?

— Pois é… — Ele dá de ombros. — Vocês têm como ir para o show amanhã? Se quiserem, podem ir de carona com a gente.

— Acho que não precisa, nós vamos de Ub…

— Aceitamos a carona! — Carol me interrompe, voltando a um estado mais sóbrio e lançando um olhar de censura na minha direção.

Ergo as sobrancelhas para ela, com um ar inocente, como se dissesse “Que foi?”, ao que minha amiga revira os olhos.

— Bom, então acho que eu já vou indo... — Derek diz, colocando as mãos nos bolsos da calça, mas não se mexe para, de fato, sair. — Hoje o dia foi cheio e amanhã tem mais.

— Antes, a gente pode só tirar uma foto juntos? — Carol dirige seu melhor olhar pidão para Derek.

O cantor ergue as sobrancelhas, achando graça da cara da minha amiga.

— Claro — ele responde, já abrindo um braço para ela abraçá-lo naquela posição típica de fotos.

Estendo a mão para Carol, pedindo seu celular:

— Deixa que eu tiro para vocês.

— Ou a gente pode tirar uma selfie, para você sair também, Sardas. — Derek ergue uma sobrancelha para mim, em provocação. — Sabe, também tiro foto com quem não é *glassie*...

Seguro o sorriso enquanto Carol cochicha alto para mim:

— Você contou para ele que não é *glassie*?! E que história é essa de *Sardas?!*

Sem nem ouvir minha amiga, respondo para Derek:

— Se você queria tanto tirar uma foto comigo, você poderia só ter falado. — Ergo uma sobrancelha, imitando sua expressão. — Sabe, não são só os fãs que podem pedir para tirar uma foto com outras pessoas.

Um pequeno sorriso se insinua no rosto de Derek.

— Ah, é? Então, ótimo. Você tira uma foto comigo, Sardas?

Por algum motivo, meu coração acelera e um frio se apossa de meu estômago. Ignorando isso, respondo:

— Claro, te darei esse privilégio.

Dessa vez, Derek ri de verdade — ainda que de forma contida —, chocando a mim e a Carol.

Minha amiga nos observa com os olhos estreitados, virando seu rosto de mim para Derek repetidamente, como se assistisse a uma partida de tênis.

Derek ergue seu celular com um braço e me puxa para perto de si com o outro, colocando a mão na minha cintura.

— Diga “xis”.

A cosquinha na boca do meu estômago aumenta e meu coração galopa em meu peito. Nervosa, olho para Carol e pergunto:

— Você não vem também?

Minha amiga me dá um sorriso malicioso e diz:

— Tira primeiro vocês dois, depois eu vou.

Arregalo os olhos para ela, em um pedido silencioso e desesperado de socorro, o que só faz o sorriso dela aumentar. Em português, Carol diz:

— Só vai, amiga! É só uma selfie!

Tento relaxar e sorrio para a foto, mas não sai nem um pouco natural.

— Boa. — Derek brinca, em seu tom monótono de sempre, tentando desfazer minha expressão tensa. — Assim ninguém vai ter dúvidas de que você só tirou uma foto comigo porque foi obrigada.

Sem conseguir evitar, solto uma gargalhada. Derek aproveita esse momento para tirar algumas fotos.

— Agora comigo também! — Carol diz, já abraçando Derek pelo outro lado.

Tiramos mais algumas selfies, depois Carol tira várias fotos sozinha com Derek e então ficamos em um silêncio levemente desconfortável. Derek coloca as mãos no bolso da calça e se apoia no batente da porta, olhando para mim e para Carol — e para mim um pouco mais.

Carol permanece atipicamente calada, lutando contra um sorrisinho irritante que insiste em surgir em seu rosto e esperando para ver o desenrolar das coisas. Eu luto entre olhar e *não* olhar para Derek, sem saber ao certo o que fazer.

— Bom, acho que agora eu vou mesmo… — Derek diz, por fim, e me olha com uma expressão que eu não sei identificar muito bem. Parece… expectativa?

De qualquer forma, respondo:

— Ok.

Sua expressão desmorona por um momento, mas, antes que eu consiga interpretá-la, Carol diz:

— Você quer entrar? — Ela aponta de forma enérgica na direção da sala. — A gente pode pedir alguma coisa para comer.

Derek me observa, sondando minha reação.

Engulo meu surto, forçando meu rosto a permanecer sob controle.

Não sei o que eu quero. Parte de mim quer se fechar e, sei lá, dormir, mas parte de mim quer continuar conversando com o Derek, porque ele é bem mais legal do que eu imaginava e, para a minha completa surpresa, sua companhia é bastante agradável… *Não sei o que fazer!*

Apesar dos meus esforços para parecer indiferente, minha confusão deve estar nítida em meu rosto, porque Derek dá um minissorriso de canto e

diz para Carol:

— Obrigado pelo convite, mas acho que eu vou indo mesmo. — Ele se desencosta do batente da porta. — Como eu disse, amanhã o dia vai ser cheio. Acho que é melhor eu descansar um pouco.

— Claro, você está certo! — Carol responde juntando as mãos na frente do peito. — Você precisa se recompor para o show de amanhã ser tão maravilhoso quanto o de hoje!

— Valeu. — Derek me olha de esguelha. — Bom, eu vou indo então. Até amanhã, meninas. Durmam bem.

— Tchau, D! — Carol não resiste e o abraça mais uma vez.

— Até amanhã. — Dou um aceno tímido, sem a menor chance de abraçá-lo também.

Derek me observa, intrigado, por alguns segundos, até que suspira.

— Saímos às cinco da tarde. — Ele informa.

— Às cinco da tarde?! — repito, perplexa.

Era como se, desde o elevador, eu estivesse em um estado letárgico e etéreo, mas, ao ouvir as palavras “cinco da tarde”, eu tivesse sido puxada de volta com tudo para o chão, despencando na realidade.

Henry.

Como eu pude me esquecer dele nessas últimas horas?

Será que eu sou uma pessoa horrível?

Eu sou uma pessoa horrível.

— Eu não posso às cinco — declaro.

Derek me observa com interesse e Carol vira para mim, horrorizada.

— O quê? Por que não?! — minha amiga questiona na mesma hora.

— Já tenho um compromisso...

Ela estreita os olhos para mim.

— Que compromisso?!

Olho desconfortável para Derek, que continua me observando com tanta atenção que mal parece estar piscando.

Me volto mais uma vez para Carol, tentando fugir da intensidade do olhar de Derek.

— Combinei de conhecer o Henry amanhã nesse mesmo horário — sussurro para a Carol em português.

— Remarca!

— Não tem como! Não tenho o contato dele nem nada.

— Bate na porta do apartamento, chama pelo banheiro, sei lá!

— Não dá, Carol... — Troco o idioma de volta para o inglês: — Mas olha, nada impede a Carol de ir com vocês. Eu chego lá depois. O show é só às 20h, certo?

Essa última pergunta dirijo a Derek, que me responde, atônito:

— Isso.

— Então, pronto. Combinado, tudo certo — digo, trocando o apoio do meu corpo de um pé para o outro.

Derek continua me observando com uma expressão impenetrável.

Acho que ele não está acostumado a ser dispensado, mas não vou desmarcar com o Henry só porque o Derek é famoso. E, ainda que Derek seja mais legal do que eu imaginava e me afete mais do que eu gostaria de admitir, eu já tinha combinado de encontrar o Henry amanhã.

Além disso, apesar de, segundo meus cálculos, eu e Henry nos conhecermos apenas há três semanas, eu me sinto tão próxima dele que é como se nos conhecêssemos há *anos*. E, por mais que eu relutasse em confessar isso para mim mesma, já faz muitos dias que eu estava querendo conhecer o Henry pessoalmente.

Então, não. Por mais gente boa e atraente que o Derek seja, não trocaria a chance de enfim conhecer o Henry por nada.

Suspiro, perdida com toda essa situação.

Ninguém me preparou para esse tipo de dilema!!

— Bom, então agora eu vou mesmo. — Derek diz, ainda em um tom insondável. — Boa noite, meninas, até amanhã!

Com um aceno breve e discreto, Derek fecha a porta de nosso apartamento atrás de si e vai embora.

CAPÍTULO 8

Ele é Bonitinho

Na manhã seguinte, acordo estranhamente animada. E feliz.

Talvez tenha sido porque eu dormi até tarde e consegui descansar do dia de ontem. Sim, com certeza é isso.

Como ficaremos no camarim, não precisamos madrugar dessa vez para garantirmos os melhores lugares da melhor pista.

Ainda sonolenta, vou até a sala pegar um copo d'água e encontro Carol sentada no sofá, mexendo no celular e vendo algum filme. Na verdade, o filme parece estar servindo mais como um ruído de fundo, porque minha amiga nem se dá ao trabalho de olhar para a TV.

— Bom dia, flor do dia! — Carol me cumprimenta, parecendo mais feliz que o normal.

— Bom dia.

— Dormiu bem?

— Muito bem, na verdade.

— Sonhou com o Derek?

Reviro os olhos. Está explicada sua dose extra de alegria nesta manhã.

— Claro. No meu sonho, ele se declarava para mim e dizia que queria passar o resto da vida comigo.

Carol dá uma risadinha.

— Isso pode até não rolar hoje, mas não ficaria surpresa se acontecesse algum dia.

Balanço a cabeça e vou pegar meu copo d’água enquanto resmungo:

— Você precisa parar de ler *fanfics*, sabe?

— Não é culpa minha se Madison Parker escreve bem.

Madison Parker é uma escritora famosa entre as *glassies*, principalmente no Wattpad, onde ela tem algumas *fanfics* da Glass publicadas. A Carol fala tanto dessa menina e seus livros que eu acabei ficando curiosa e li também; e, preciso confessar, as histórias da Madison realmente te prendem.

— "Ao Redor do Sol" é mesmo muito bom — admito —, mas isso não quer dizer que você tenha que reler essa história todo ano.

— Você também não precisa ficar relendo "Orgulho e Preconceito", mas cada um tem seus favoritos.

Com uma risada, desisto dessa discussão inútil.

Pego a jarra de água no frigobar, encho meu copo e volto para perto da Carol. Antes mesmo que eu me sente, ela diz:

— Se eu fosse você, já me arrumaria logo para a gente ir almoçar. Tava pensando de sair daqui a pouco, porque ainda quero passar no salão.

Impeço meus olhos de se revirarem no último segundo.

— Sim, senhora — digo em tom de brincadeira, mas já indo para o banheiro.

Como de praxe, canto o banho inteiro, mas minha mente se encontra mais distraída que o normal.

Quando estou quase pronta, fico em silêncio, concentrando minha atenção em definir melhor meus cachos hoje.

— Acho que isso quer dizer que o show ontem foi bom, certo? — A voz do meu amigo ecoa pelo banheiro assim que me calo, fazendo-me pular de susto.

— Henry! — Coloco uma mão sobre o peito, tentando desacelerar meus batimentos cardíacos.

— E aí, Amber?

— E aí! — digo, ainda no esforço de voltar ao normal. Estou tão aérea hoje que até tinha esquecido que Henry me ouvia cantando no banheiro.

— Mas você não me respondeu.

— O quê?

— Como foi o show.

— Ah! Foi legal. Os meninos são talentosos e tudo.

Henry solta uma risada.

— Ou seja: você odiou.

— Eu não falei isso! — Protesto e ele dá uma risadinha. — É só que tinha muita gente e isso me desgasta um pouco.

— Entendi.

Hesito por um segundo, decidindo se conto para ele que conheci o Derek ontem. Não sei por quê, mas isso me parecia estranho. Como não encontro uma razão plausível para ser esquisito eu conversar sobre o Derek com o Henry, resolvo falar:

— Sabe quem eu conheci ontem?

— Quem? — ele pergunta, e seu tom me parecia um tanto divertido.

— Derek Duncan.

— Isso explica o padrão das músicas de hoje.

— Como assim?

— Você só cantou músicas da Grass of Glass — Henry constata. — E, por um acaso, o vocalista principal de todas as músicas que você cantou hoje é o Derek.

— Ah.

Ah. Como o nosso cérebro é uma coisinha traiçoeira, né?

Muito obrigada, Carol, por me fazer ouvir sua playlist com as músicas da Glass soladas pelo Derek por todos esses anos. Olha no que deu!

Sacudo a cabeça, espantando esses pensamentos, pelo menos por agora, e resolvo focar no fato de Henry saber um detalhe tão específico sobre a Glass, como quem é o vocalista principal das músicas.

— Não sabia que você era *glassie* — provoco.

Henry dá uma risada.

— Mas e como foi? Conhecer o Derek.

— Ah… Ele é bem diferente do que eu esperava, na verdade.

— Como assim?

— Primeiro que eu tinha esquecido que ele é bonitinho. Segundo que ele é mais le…

— Como assim você tinha esquecido que ele é bonitinho? — Quase consigo ver Henry franzindo o cenho.

— Ah… — Minhas bochechas esquentam. — É que, com esse corte de cabelo, eu tinha dificuldade de lembrar que ele é bonito.

— O que você tem contra o corte de cabelo dele?

— Não gosto de homem com cabelo grande.

— Mas, até onde eu sei, todas as meninas curtem caras de cabelo grande.

— É, tá na moda e tal… — Suspiro, sem saber como me expressar direito. — É só que eu não acho bonito… Não faz o meu tipo, sei lá.

— Sério?

— É… Prefiro caras de cabelo curto. Tipo o corte do Derek de uns anos atrás. Ou então aquele estilo degradê, sabe?

— Sei. Mas você estava dizendo alguma coisa antes…

— Sim… — Remexo minhas mãos e mordo os lábios, pensando em como prosseguir com o assunto. — Eu estava falando que o Derek é diferente do que eu imaginava.

— Porque ele é bonito.

— Você cismou com essa parte, hein!

— Não — Henry se defende —, é porque foi o que você acabou de dizer!

— Na verdade, esse era só *um* dos pontos. E nem era o principal.

— Qual era o ponto principal, então?

— Ele é mais legal do que eu esperava — digo de uma vez. — Eu achava que ele era meio antipático ou qualquer coisa assim.

— Sério, por quê?

— Sei lá, era a impressão que passava… Ele está sempre de cara amarrada e quase nunca o vejo interagindo com os fãs…

— Talvez ele só seja mais fechado.

— Talvez. — Suspiro. — Ele também é mais bem-humorado do que eu imaginava.

— Como assim?

— Sei lá… Eu achava que ele seria mais sério ou mais… triste.

Henry gargalha.

— Por que você achou que ele seria triste?

— Porque foi ele que escreveu a música “Grass of Glass”, que é megadeprê.

— Por causa de uma única música você classificou o cara como gótico, é isso?

— Talvez. — Dou uma risadinha sem graça e resolvo mudar o tópico da conversa. — Mas enfim. Você não vai acreditar. Eu fiquei presa com ele no elevador e ele acabou me convidando para assistir ao show hoje de novo, acredita?

— Sério? Que ótimo!

— Pois é…

Ficamos em um silêncio estranho.

— E você está animada dessa vez, pelo menos? — Henry quebra o momento um tanto desconfortável.

Considero bem a pergunta antes de responder. Vai ser uma experiência única e, só de a Carol estar mais feliz do que nunca, já me sinto igualmente feliz, então…

— Sim, estou bem mais animada do que ontem. Com certeza. Principalmente porque não vou precisar ficar no meio da multidão de novo… Derek nos chamou para assistirmos do camarim.

— Wow, olha só, que legal! Fico feliz por você.

— Obrigada.

Ficamos mais um momento sem dizer nada, até que eu reúno toda a minha coragem e pergunto:

— E tudo certo para hoje?

— Ah… — Henry hesita. — Sobre isso… Eu estava mesmo precisando falar com você… Eu tive um imprevisto, na verdade foi mais uma mudança de planos… Aí eu queria saber se… a gente poderia remarcar?

Ele estava me dando um fora ou ele realmente não podia hoje?

Resolvo acreditar no que ele disse, porque, se eu for começar a desconfiar de tudo o que me falam, não vou confiar em mais ninguém. Assim, respondo com um suspiro:

— Claro, tranquilo.

— Desculpa mesmo, Amber.

— Imagina, acontece.

— Então hoje, depois do show, a gente combina nosso novo encontro, pode ser?

Nosso novo encontro.

O fato de ele ter usado a palavra “encontro” dá um peso bem maior para tudo e meu coração acelera no mesmo instante. Mas decido focar em outro ponto que também me chamou atenção no que ele disse:

— Depois do show?

— É. Podemos nos falar pelo banheiro, certo?

— Ah. Ok.

— Desculpa mesmo.

— Tudo bem.

— Amber! — Carol me chama da sala, usando meu pseudônimo por ter percebido que eu estava conversando com o Henry. — Falta muito aí? Meu estômago está ameaçando me comer viva se eu não arranjar algo para ele em breve!

— Tô indo! — respondo para a minha amiga, com uma risada. Voltando para o inglês, digo para Henry: — Preciso ir. Mas a gente se fala hoje depois do show, então.

— Combinado. Até mais tarde!

— Até!

Se a conversa com o Henry me deixou meio desanimada, qualquer indício de sentimento mais para baixo foi embora assim que voltei a ficar no mesmo ambiente que a Carol. Hoje minha amiga não está apenas alegre, ela está radiante. Sua felicidade suprema contagia todos ao redor e nem mesmo eu fui imune a seu estado de espírito.

Fomos em um salão especializado em cachos (já que Carol tem cabelo crespo e eu, enrolado), onde uma mulher com mãos de fada cuidou dos meus cabelos como se eu fosse uma princesa. Meus cachos ficaram superdefinidos, lindos e brilhantes, e a moça que me arrumou aproveitou e fez um penteado simples, prendendo algumas mechas para trás.

Quando chega a hora do show, estou animada para reencontrar Derek (por mais que eu esteja relutante em admitir isso). Além do mais, como ele falou ontem, talvez, sem toda a multidão ao meu redor perturbando minha sanidade mental, pode ser que eu consiga aproveitar mais o show. Mal posso esperar para ver se sua teoria está correta.

Quando eu e Carol chegamos à recepção do hotel, onde Derek disse que deveríamos nos encontrar, ficamos surpresas ao perceber um SUV preto esperando por nós.

Não ficamos surpresas com o carro necessariamente, mas porque estávamos sozinhas. Nós tínhamos entendido que iríamos com os meninos, mas descobrimos que seríamos apenas nós e o motorista — não que isso tenha abalado a Carol de alguma forma; hoje ela só deixaria seu estado de felicidade plena caso algo realmente horrível acontecesse.

Logo que entramos no carro e começamos a ir em direção ao estádio, a euforia de Carol alcança um novo patamar. Ela está nas nuvens.

Sua alegria é tão palpável que até uma idosa enrustida como eu sou contagiada.

O motorista para o carro na entrada do local em que fica o camarim. Eu e Carol descemos, mostramos nossas pulseiras VIPs para os seguranças, que abrem a passagem para nós, e entramos em uma área restrita do estádio, apenas para o *staff* e afins.

Carol vira para mim com os olhos brilhando e sorri. Percebo que ela está se contendo para não sair pulando por aí e dando gritinhos eufóricos. Solto uma risada discreta enquanto continuamos seguindo uma mulher com um rádio na orelha, que nos guia até o final de um longo corredor.

Carol estaca no chão e seus olhos, transbordando admiração e êxtase, encaram a placa acima da porta: “CAMARIM DA GRASS OF GLASS”.

— Ai, Madu, não acredito que isso tudo é real! — Carol continua olhando extasiada para os escritos da placa. — Eu tô sonhando?

— Não, amiga. Tá acontecendo mesmo. — Pego a mão dela e aperto. — É o seu momento! Aproveita bastante.

Carol vira para mim, alegria em sua forma mais genuína vertendo de seu olhar.

— O momento é nosso! — Ela respira fundo e dá um passo para frente, assentindo para o guardinha, em um pedido silencioso para que ele abra a porta. — Vamos lá! Vamos começar o melhor dia das nossas vidas!

Dou uma risada com a empolgação dela.

Não acho que esse vai ser o melhor dia da minha vida, porque os acontecimentos de hoje não têm nem de perto o mesmo impacto para mim que têm para ela. Mas, de qualquer forma, só de vê-la feliz assim já me faz ganhar o dia.

O guarda abre a porta e entramos, um tanto relutantes.

Dentro do camarim, há movimentação por todos os lados. A galera do *staff* vem e vai, ocupados com os mais diversos afazeres. Meia dúzia de pessoas da equipe está falando alguma coisa com alguém pelos fones pendurados em seus ouvidos enquanto andam apressados pelo ambiente; outros tantos estão checando partes mais técnicas dos microfones, por exemplo, ao mesmo tempo que umas três pessoas discutem em um canto sobre alguma coisa relacionada à imprensa.

Damos passos incertos (eu) e maravilhados (Carol), entrando na sala. De repente, minha amiga aperta minha mão com força, sua atenção

voltada para um único ponto.

Sigo seu olhar e vejo Peter, Drew e Josh conversando com um homem alto, de cabelos curtos e escuros, que está de costas para nós. De forma instintiva, meu olhar vaga ao redor, procurando pelo quarto integrante da banda, mas não vejo Derek em lugar nenhum.

Carol encara os meninos da Grass of Glass conversando com o homem. Ela parece experimentar o melhor momento de sua vida e, provavelmente, poderia continuar apenas observando seus ídolos por mais muitas horas se Peter não tivesse reparado em nossa presença.

Assim que seus olhos castanhos passam por mim e por Carol, um sorriso divertido e brilhante se espalha em seu rosto. Ele cutuca Drew com o cotovelo e fala alguma coisa para seus companheiros de banda, que, ao mesmo tempo, viram na nossa direção com expressões iguais de expectativa e divertimento.

Abro a boca para comentar alguma coisa com Carol, mas as palavras vagam perdidas por minha língua. Nessa mesma hora, o cara que estava conversando com a Grass of Glass se vira em nossa direção também.

Receio que meu maxilar tenha perdido as forças e se encontre caído, pendurado de forma ridícula, deixando-me com uma expressão abobalhada de boca aberta. O homem era ninguém mais, ninguém menos que Derek Duncan. E ele cortou o cabelo.

Suas mechas escuras agora formam pequenas ondas que despontam para todas as direções em uma bagunça charmosa e intencional. Com esse novo corte, o rosto de Derek está mais visível e até seus olhos verdes se destacam com maior intensidade. É como se seu rosto estivesse mais leve e mais harmônico — e, com certeza, mais atraente.

Derek vira para nós já com sua atenção fixa em mim, observando minha reação ao seu novo visual.

Pelo canto dos olhos, percebo Carol me encarando em choque e resmungando alguma coisa tipo “amiga, ele cortou o cabelo!”. Pensei em responder algo como “sim, eu tô vendo” ou “mentira! Jurava que ele tinha tirado para lavar!”, mas não sei se algo de fato saiu pela minha boca, que permanecia aberta.

Ninguém me preparou para isso!!

Quando percebo que estou agindo igual uma idiota, me controlo, para fazer meu rosto voltar a uma expressão mais neutra e segura, mas acho

que foi tarde demais. Um sorriso de canto satisfeito e um tanto presunçoso se espalha pelo rosto de Derek.

Faço uma careta involuntária, insatisfeita comigo mesma por ter deixado transparecer tanto em meu rosto.

— Então você é a famosa Madu? — Drew me pergunta com um ar curioso e divertido, interrompendo minha troca de olhares com Derek.

— Não sei sobre essa parte de ser famosa — respondo, esforçando-me para agir com naturalidade e não deixar minha timidez levar a melhor sobre mim. —, mas meu nome, por um acaso, é Madu.

Os meninos riem.

— Então você deve ser a Carol, certo? — Josh fala com minha amiga, que quase desmaia.

Seguro sua mão e aperto, para que ela volte a si. Parece funcionar, porque Carol responde:

— Sim, sou eu. — Minha amiga olha para cada um dos meninos como se estivesse no céu. — Muito obrigada mesmo por essa oportunidade! Não sei nem como dizer o quanto eu estou feliz, sério! É um sonho se realizando!

Vendo o ar exultante da minha amiga, Peter, Josh e Drew sorriem ao mesmo tempo, com gentileza e talvez até um toque de carinho. Derek permanece sério, como sempre, mas é possível notar que nem mesmo ele permaneceu indiferente à fala de Carol.

— A alegria é nossa — Josh diz.

— Posso tirar uma foto com vocês? — minha amiga pede, os olhos brilhando.

— Claro! — Drew responde com um sorriso charmoso.

Estendo a mão para a Carol, pedindo, sem falar nada, que ela me dê seu celular, para eu tirar as fotos para ela. Percebendo isso, Derek revira os olhos e comenta:

— Achei que a gente já tinha conversado que nós também tiramos foto com quem não é *glassie*, Sardas.

Arregalo os olhos para Derek. *Ele realmente precisava expor para o resto da sua banda que eu não sou fã deles?*

Um indício de sorriso se insinua no canto da boca de Derek, mostrando como ele está se divertindo com a situação. Estreito os olhos para ele, em um tom acusatório, mas só o que consigo é que seu quase sorriso aumente um milímetro.

Drew interrompe, mais uma vez, nossa comunicação não verbal, com um tom divertido:

— Está tudo bem, Madu. O Derek já tinha nos avisado que você não gosta da gente.

Cruzo os braços.

— Impressionante como ele conseguiu distorcer nossa conversa inteira, então.

Os quatro — incluindo Derek — riem, o que faz minha fachada de durona se quebrar e eu acabo dando um sorrisinho também.

— Em minha defesa, eu gosto, *sim*, de vocês, ok? — digo. — Só não sou fã.

— Tudo bem, Madu — Josh fala em um tom apaziguador. — Você não precisa se explicar.

— Acho que seria bom deixar as coisas claras. — Dou de ombros. — Não quero que vocês tenham uma impressão errada de mim.

— Não temos — Josh afirma, enquanto Peter fala ao mesmo tempo:

— E o que eu quero é saber se a gente vai tirar essa foto ou não. Não estou ficando mais jovem, sabem?

Eu e mais alguns reviramos os olhos, enquanto o resto dá risada.

Nos ajeitamos em posição de foto e começamos nossa sessão de selfies. De alguma forma, acabei ficando ao lado de Derek — ou foi ele que ficou do meu lado? Não sei ao certo.

Tiramos mil fotos e depois os meninos já engatam em uma conversa animada com a Carol, deixando eu e Derek, de forma bastante suspeita, “sozinhos” — ainda que estivéssemos na mesma roda, não estávamos dentro o suficiente para fazermos parte do assunto deles.

— Olá, Sardas — Derek me cumprimenta, chegando mais perto de mim.

— Olá, Olhos Verdes.

Alguém me enterra, por favor, porque isso ficou horrível! E ridículo além da conta!

Felizmente, a única reação de Derek é erguer as sobrancelhas, com uma pitada de humor, e mudar de assunto:

— Eu achei que você só viria mais tarde…

— Ah… — Dou de ombros, fingindo indiferença. — Mudança de planos.

Ele levanta as sobrancelhas de novo, mas não sei ao certo qual emoção ele quis expressar dessa vez.

— E você está animada para hoje? — Derek pergunta enquanto se apoia na parede perto de nós, observando-me.

— Com certeza estou mais animada do que ontem.

— Você sabe que isso não quer dizer grandes coisas quando se trata de você.

— Olha quem fala, Miss Simpatia.

Um sorriso irônico e divertido toma o rosto de Derek.

— Eu pensei que você tinha dito que achava cansativo interagir com as pessoas — Ele comenta em um tom provocativo, indicando seus amigos com a cabeça. —, mas você está se saindo muito bem.

— Por um acaso, senhor Duncan — respondo no mesmo tom, cruzando os braços. —, eu achar desgastante interagir socialmente não significa que eu não *goste* nem que eu não *saiba* interagir com as pessoas.

— Claro, claro… É só que não é o que a gente espera de alguém que diz que cansa quando fica perto de muitas pessoas.

— A gente também não espera que alguém se compare com a grama, mas aqui estamos, não é mesmo?

Dessa vez, Derek gargalha e eu sinto que conquistei algo grande.

— É oficial. — A voz de Peter ecoa alta pelo ambiente, tirando-nos da pequena bolha que havíamos criado ao nosso redor. — Você é uma feiticeira! — Ele aponta um dedo para mim, de forma acusatória. — Como você faz o Derek rir com tanta facilidade? Eu levo *horas* e muito tempo de esforço para conseguir arrancar um mísero sorriso dessa pedra de gelo que alguns chamam de astro do rock!

Derek balança a cabeça com impaciência, mas eu dou uma pequena risada.

— Deve ser esse meu jeitinho carismático — digo em tom de piada. — Conquisto todo mundo nos primeiros minutos com a minha simpatia inata.

Para a minha surpresa, todos riem.

Conforme conversamos com a Grass of Glass, percebo que eles não são nem um pouco como eu imaginava. Para começar, eles são normais. Tão normais quanto jovens podem ser.

Além disso, o clima entre eles — e *com* eles — é leve. Como as músicas da banda costumam ser melancólicas, eu imaginava que os

meninos fossem ser mais para baixo também, mas, com exceção de Derek, todos são sociáveis e bem-humorados. Até Derek, com seu jeito calado e retraído, tem se mostrado uma pessoa tranquila.

A verdade é que as coisas fluíram tão bem entre a Glass, eu e Carol que mal sentimos o tempo passar. Conversamos o tempo todo que tínhamos disponível com eles (que pareceu maior do que de fato foi pelo clima de familiaridade que conquistamos nos poucos minutos que dividimos) e, cerca de duas horas depois de termos chegado, a equipe da banda veio chamar os meninos para os últimos preparativos para o show.

Faltava apenas uma hora.

CAPÍTULO 9

Grama de Vidro

Acompanhamos, de longe, a rotina da banda pré-show. Assistimos aos maquiadores preparando-os para os palcos, à figurinista trazendo as roupas deles (ao que tudo indica, o *look* casual que eles sempre vestiam em suas apresentações não era tão casual assim) e aos quatro integrantes da Glass colocando seus fones de retorno nos ouvidos.

Em todo o tempo, os meninos conversavam e brincavam entre si e com a equipe. Carol absorvia cada segundo vivido ali com seus grandes olhos castanhos enquanto eu apreciava a ordem caótica dos retoques finais necessários antes do grande evento.

Derek de vez em quando espiava em nossa direção e eu e ele trocávamos olhares por alguns segundos. Apesar de isso não ser nada — pelo menos no meu ponto de vista —, era o suficiente para Carol virar para mim com um ar conspiratório e eufórico toda vez que eu e Derek desviávamos o olhar.

Cerca de quinze minutos antes do show, os meninos foram para a coxia ao lado do palco. Por consequência, eu e Carol fomos junto, como duas sombras seguindo-os por onde andassem.

A essa altura, minha amiga já estava quicando sobre seus próprios pés, contendo-se para não acompanhar seus artistas preferidos grudada neles, como tenho certeza de que é o que ela gostaria de fazer, mas, sim, "apenas" de nossa posição privilegiada, mais ao canto da coxia.

Motivada por sua empolgação, um sorriso quase permanente estampava meu rosto.

Faltando cinco minutos, os meninos se reuniram em um círculo, abraçados e conversando alguma coisa. Nem eu nem Carol conseguimos ouvir quase nada do que eles falavam, porque o barulho da plateia já estava muito alto a essa altura, mas entendemos a ideia principal: Josh motivava os demais, lembrando como eles eram incríveis e outros incentivos do tipo.

Eles finalizaram o momento com uma oração, puxada por Peter. Se eu tivesse presenciado essa cena alguns anos atrás, teria ficado surpresa; mas, a essa altura, todos já sabiam da transformação que aconteceu com eles há pouco mais de dois anos — eu só não tinha certeza de que havia sido real, e fiquei muito feliz de constatar que sim.

Nos últimos instantes que antecederam a subida deles no palco, os quatro meninos da banda se soltaram uns dos outros e aproveitaram para fazer mais alguns aquecimentos vocais ou relaxar os músculos, assumindo um ar de concentração em que não os tinha visto até agora.

— Trinta segundos! — alguém grita.

— E pensar que ontem a gente tava na multidão e hoje estamos *aqui!* — Carol comenta comigo enquanto esmaga meu braço com seus dedos.

Abro a boca para responder, mas nem tenho a oportunidade.

— Não vai me desejar boa sorte? — A voz de Derek surge atrás de mim, dando-me um susto.

Ignoro meu coração subitamente acelerado, viro para ele e devolvo no mesmo tom provocativo:

— Achei que vocês dissessem algo como “quebre a perna” ou qualquer coisa assim.

— Isso é só para teatro, Sardas.

— Então boa sorte.

— Fácil assim? — A sobrancelha de Derek se levanta, divertindo-se. — Achei que você me daria mais trabalho para te convencer.

— É que a gente meio que tá sem tempo, né? — Indico com a cabeça a pequena escada à nossa frente, onde os meninos já estão começando a subir para o palco.

Derek dá uma risada breve e suave.

— Te vejo mais tarde, Sardas.

Ele toca, muito de leve e tão rápido que pareceu um sonho, com as pontas dos dedos nas sardinhas da minha bochecha, pisca para mim, dá um

aceno rápido para Carol e se dirige ao palco como se nada tivesse acontecido.

Eu e Carol nos entreolhamos com níveis muito parecidos de choque e falamos ao mesmo tempo:

— *Derek Duncan* acabou de fazer *carinho* em você?!

— Ele realmente *piscou* para mim?!

Não sei por que, diante de tudo, foi o fato de ele ter me dado uma piscadinha que me chamou mais a atenção.

Nem tenho muito tempo para pensar nisso, de qualquer forma, porque Carol começa a surtar do meu lado. Seus gritos, contudo, logo deixam de ser apenas pela pequena cena que dividi com Derek e passam a ser também — e principalmente — de euforia pelo show que começava.

Assim que todos da banda assumem suas posições no palco escuro e cheio de fumaça artificial, Drew bate as baquetas uma na outra e a música deles explode pelas caixas de som potentes do estádio. No momento em que as primeiras notas soam, as luzes do palco se acendem, deixando-me cega por um instante. A multidão vai à loucura.

No começo, permaneci de braços cruzados, desconfortável por estar na coxia, um ambiente tão íntimo e pessoal que eu me sentia como uma intrusa — mesmo que os meninos tenham nos recebido tão bem. Contudo, conforme o show avançava, a teoria de Derek se provou correta: eu estar em um local mais privado fez com que tudo fosse infinitamente melhor.

Depois de umas três músicas, eu já me encontrava cantando e dançando com Carol, como se fôssemos apenas nós duas e estivéssemos em casa. Na verdade, eu não sou de dançar animada em momento nenhum, nem mesmo em casa, mas hoje é um dia especial, então me permito aproveitar sem tantas ressalvas.

A música boa e a alegria da minha amiga me entretêm de tal forma que acabo esquecendo que estamos nos bastidores. Mas, no momento em que, *no meio do show*, Derek resolve vir até as coxias, fixando seus olhos verdes nos meus, pareço me lembrar de onde estou e me calo, voltando a cruzar meus braços.

Quando Derek se encontrava a poucos passos de distância da escada que o conduziria até onde eu e Carol estávamos, franzo o cenho, tentando descobrir o que ele estaria vindo fazer aqui justo agora.

Logo antes de sair do palco, Derek se lembra de que está em horário de trabalho, vira para a multidão e grita no microfone que ainda carregava

em sua mão direita:

— Só um minuto, galera! Vou buscar uma participação muito especial para essa próxima música!

Minha desconfiança atinge seu grau máximo.

Derek desliga o microfone e sai do palco em um pulo, pousando na minha frente com os olhos brilhando de empolgação. Enquanto isso, Peter, Josh e Drew aproveitam para interagir com o público.

— *Boa noite, Rio de Janeirooo!!!* — A voz naturalmente animada de Peter reverbera pelo estádio e a multidão responde em igual êxtase, ainda mais porque ele nos cumprimentou em nossa própria língua, mesmo que carregado de sotaque.

Sem prestar a mínima atenção em nada do que acontecia no palco, Derek empurra o violão para as costas, se aproxima um passo de mim e me pede, com olhos incandescentes e suplicantes:

— Canta essa com a gente, Sardas!

Encaro Derek como se ele tivesse acabado de falar comigo em outra língua (no caso, uma que eu não entendesse).

— O quê?!

— Canta com a gente — ele repete, pegando minha mão com delicadeza e puxando-me de leve em direção ao palco, em direção a *ele*, para reforçar o seu convite.

— Você ficou doido?! E se eu for megadesafinada?

— Eu confio em você. — Derek sorri. De verdade, com dente e tudo, o que só serve para me assustar ainda mais.

— Isso é loucura!

— Não, não é. — Carol interfere, seus olhos brilhando quase tanto quanto os de Derek. — Você sabe que é costume dos meninos chamar alguém da plateia para cantar com eles no show.

— Mas eu nã…

— Além disso — Carol ergue um dedo, em um pedido silencioso para concluir sua fala. —, você canta bem pra caramba e já passou da hora de mostrar seu talento para o mundo!

Derek olha para Carol com algo que parecia orgulho.

— Então para de besteira e *só vai!* — Minha amiga me dá um empurrãozinho de leve para frente, deixando-me incerta sobre o que fazer.

Eu quero ir — *como eu quero!* É a oportunidade da minha vida!

Mas, ao mesmo tempo, a mera ideia de cantar na frente de tantas pessoas me deixa aterrorizada.

Respiro fundo.

Não vou desperdiçar essa oportunidade incrível só por medo do que podem pensar de mim.

Com toda a coragem que me resta, faço um pequeno movimento com a cabeça, concordando com essa loucura.

Derek, exultante como nunca o tinha visto, dá um beijo na bochecha da Carol, em agradecimento pelo apoio, e sai puxando-me pela mão que ele ainda segurava.

Escuto, a cada degrau que subo em direção ao resto da banda, meu sangue bombeando em meus ouvidos. Em meio à minha respiração entrecortada, o palco se apresenta como um borrão indefinido.

Derek parece perceber meu pânico — talvez minhas mãos trêmulas tenham me denunciado —, porque sua expressão se suaviza e, parando de andar por um momento, ele aperta meus dedos com mais firmeza e diz em um tom calmo:

— Vai dar tudo certo. Relaxa, Sardas.

Assinto, sugando uma grande lufada de ar para dentro dos meus pulmões.

Derek volta a andar e me conduz até o centro do palco, ao lado do tripé em que ele passa a maior parte do show.

Com um último afago, Derek separa sua mão da minha. Enquanto ele coloca seu microfone de volta no seu apoio, uma pessoa da equipe, que eu nem vi se aproximando, estende um microfone e um fone de retorno para mim, colocando outro tripé ao lado do de Derek.

Inalo uma grande quantidade de oxigênio mais uma vez, tentando voltar a um estado mais calmo — ou, ao menos, calmo o suficiente para eu conseguir fazer alguma coisa, sem ser desmaiar ou permanecer estática.

Recupero-me a tempo de reconhecer os acordes que os meninos começaram a tocar sem eu nem perceber. “Grass of Glass”.

Escutar essas notas, tão familiares para mim, faz com que meus ombros relaxem e minhas vias respiratórias funcionem com mais naturalidade.

Derek, que, mesmo tocando, ainda me observa com atenção, me oferece um sorriso discreto e suave, encorajando-me. Dou um sorriso

tímido em resposta e desvio os olhos, para me concentrar e me manter sob controle.

Cantamos as primeiras estrofes em uníssono — apenas Derek e eu. Minha voz de soprano se entrelaça ao seu tom rouco como um casal de dançarinos se encontra em uma valsa. Fecho os olhos e aperto meu microfone apoiado no tripé, aproveitando a harmonia e a beleza do nosso canto conectado.

Ao alcançarmos os últimos versos que precedem o primeiro refrão, sou tomada por um dilema. *Eu canto as estrofes extras que compus para acompanhar a letra original ou é melhor não?*

Tenho pouco tempo para decidir e, sentindo meus batimentos cardíacos acelerando, resolvo deixar para lá. Não sei se os meninos gostariam das alterações que eu fiz em sua música nem se seria educado de minha parte acrescentar essas estrofes sem o consentimento deles *no show deles!*

Qual é a regra de etiqueta para uma participação especial e improvisada em um show? Ninguém me preparou para isso!

Antes que meu surto alcance novos patamares, chegamos ao famigerado refrão. E é aí que tudo sai de controle.

Canto a letra original, mas, para a minha grande surpresa, Derek entoa os versos extras que compus.

Encaro Derek, sem conseguir continuar cantando. Meu cérebro em pane se esforça para encontrar alguma explicação lógica para ele conhecer meus versos.

Considerando que Carol jamais divulgaria minhas composições sem minha autorização e que a única pessoa além dela que conhecia minha versão de “Grass of Glass” era Henry, só existem duas únicas explicações possíveis: 1. Henry de alguma forma mostrou meus versos para Derek; ou 2. Derek e Henry são a mesma pessoa.

Eu nem sequer cogito a primeira hipótese.

A obviedade da segunda se torna tão evidente que eu me julgo a pessoa mais burra do mundo por não ter percebido antes.

Relances das últimas 24 horas brotam em minha mente. Pequenos momentos e pequenas frases que Derek/Henry disse, que já deveriam ter me feito entender que o Cara do Outro Lado da Janelinha do Box e o cantor famoso *eram a mesma pessoa!*

Derek acompanha minha reação atentamente. Assim, ele vê de forma bem clara o momento em que eu enfim junto dois mais dois. E ele também percebe, sem dificuldade alguma, o exato instante em que decido sair do palco.

Não chego nem a dar dois passos e a mão de Derek segura a minha.

Viro para trás, ainda aturdida, e percebo o cantor aproximando-se de mim, afastando-se do seu microfone para falar comigo de forma privada:

— Não foge, por favor.

— Por que você não me falou?

— Eu não sabia como contar isso. — Derek encolhe um ombro.

— Um simples "ah, inclusive, eu sou o Henry, prazer" teria sido mais que suficiente.

— Eu sei, desculpa. — Ele suspira, então suas íris verdes vagam ao nosso redor. — Podemos conversar sobre isso mais tarde? Não acho que aqui seja o melhor lugar nem o melhor momento.

Derek faz um movimento de cabeça, indicando a multidão que nos assistia. Suas palavras me sugam de volta para a realidade. Havia esquecido completamente que tínhamos plateia.

Aos poucos, volto a ouvir e ver o ambiente ao meu redor.

A multidão se encontra agitada, provavelmente comentando sobre as alterações na principal música da banda e sobre o pequeno diálogo que eu e Derek travávamos, que revelava que éramos mais íntimos do que meros desconhecidos.

Drew, Peter e Josh continuam tocando o instrumental de "Grass of Glass", como se tudo fizesse parte do roteiro (no clássico princípio de que o show não pode parar), observando a mim e Derek com atenção e expectativa.

Respiro fundo, tentando me recompor.

— Você me garante que vamos mesmo conversar sobre isso tudo depois? — pergunto para Derek.

— Te dou minha palavra.

Assinto, incapaz de falar muito além do que já tinha dito. Retiro minha mão da dele e volto para "meu" tripé com "meu" microfone.

Exibindo um sorriso estonteante — o maior que eu, ou a plateia inteira, já vi —, Derek me pergunta:

— Você canta sua letra e eu canto a minha?

Com essas palavras e essa expressão em seu rosto, como eu poderia negar?

Minhas feições relaxam contra a minha vontade enquanto meu coração se aquece e concordo com a cabeça. Foi mais que o suficiente para Derek.

Ainda sorrindo como se tivesse ganhado o dia, Derek vira para seus companheiros de banda e grita:

— Vamos do começo!

Os meninos assentem, mostrando que não apenas ouviram como também concordaram com o que Derek disse.

— Quer tocar o violão? Ou o piano, já que você disse que também toca um pouco? — Derek me oferece, empolgação transpirando de seus poros.

Arregalo os olhos para ele.

— Tá doido?! Você nunca me ouviu tocar!

— Já passamos dessa fase, Sardas — ele diz em seu tom rabugento, sem surtir efeito nenhum, considerando que ele está feliz demais para isso. — Mas tudo bem, podemos deixar para a próxima.

Próxima? Que próxima?!

Sem nem me dar tempo para refletir um pouco mais sobre isso, Derek tira o violão pendurado em seus ombros, coloca o instrumento em seu apoio apropriado, se dirige ao piano, colocando seu microfone no tripé que havia ali, e assente para Drew.

Peter e Josh param de tocar quase ao mesmo tempo. Com a última nota deles ainda ressoando, Drew bate as baquetas uma na outra de novo, indicando o ritmo.

E então a música recomeça.

Canto as primeiras estrofes em uma só voz com Derek. A partir do primeiro refrão, contudo, entoo minha própria versão da música.

Lembro de quando Derek me falou, dias atrás, ainda como Henry, que a minha composição e a dele se entrelaçavam e se harmonizavam de tal modo que parecia que a música tinha sido feita assim. Eu não poderia expressar minha opinião de uma forma melhor.

Minha voz e a de Derek são compatíveis de um jeito que não se encontra sempre por aí. Seu tom rouco equilibra o meu agudo, trazendo um resultado suave e agradável aos ouvidos. Poderia ouvir nosso dueto por dias seguidos sem enjoar.

E, assim, no conforto de uma boa música, eu finalmente relaxo e me entrego ao momento.

Despised, charming grass
Grama bela, desprezada
Fertile, pleasant land
Terra fértil, aconchegante
Trampled softness
Suavidade tão pisada
Fresh soil in my hand
Solo fresco, verdejante

Breakable, hard crystals
Vidro forte, delicado
Don't let anyone pass
Restritivo, transparente
It will hurt you, if it falls
Fere e corta, se quebrado
Fragile, tough glass
Vidro frágil, resistente

Broken heaven will not last (Safe heaven at last)
Paraíso destruído (Paraíso protegido)
Grass of glass, grass of glass
Grama de vidro, grama de vidro
Shatter my shelter, no regrets (I make the shards my fortress)
Cacos quebram meu abrigo (Cacos formam meu abrigo)
Grass of glass, grass of glass
Grama de vidro, grama de vidro

I am unstable grass
Eu sou grama inconstante
I jab the walker on his way (Green soil full of waves)
Incomodo o viajante (Ondas verdes vacilantes)
Brittle like the sparkling glass
Quebradiço como o vidro

If I'm broken, cut I may (I'm stronger when I pray)
Corto sempre que ferido (Em oração, fortalecido)

I'm glass but I'm grass
Eu sou vidro, mas sou grama
Softness is now cursed (Hope called me and I heard)
Maciez que se profana (Esperança que me chama)
I'm grass but I'm glass
Eu sou grama, mas sou vidro
The blessing made me hurt (Blessing is breaking through the hurt)
Pela bênção fui ferido (Bênçãos curam o ferido)

Flower field full of death (Give the broken a new breath)
Morte em campo florido (Vida irrompe no rompido)
Grass of glass, grass of glass
Grama de vidro, grama de vidro
Shatter my shelter, no regrets (Shattered shelter is my past)
Cacos quebram meu abrigo (Cacos foram meu abrigo)
Grass of glass, grass of glass
Grama de vidro, grama de vidro[7].

Ao final do último verso, me encontro sem fôlego. Nem tanto pela música em si, mas pela experiência.

É surreal estar na frente de *milhares* de pessoas, apresentando uma composição minha (pequena, mas ainda assim *minha*) e fazendo algo que sempre sonhei, mas nunca tive coragem de me obrigar a fazer: cantar para um público maior que minha família, minha escola ou minha igreja.

Viro para Derek, que já me observava, parecendo tão extasiado quanto eu. Assim que nossos olhares se encontram, Derek se levanta do banco do piano e vem em minha direção, parando a pouquíssimos centímetros de mim. Suas íris verdes, mais intensas do que nunca, brilham com empolgação, orgulho e mais alguma coisa que me suga para dentro de seus olhos.

— Você foi incrível! — Derek exclama, tomando meu rosto com as duas mãos.

Nos encaramos por meio segundo. Nossos sorrisos se desfazem conforme a intensidade em nossos olhos se acentua. Arrepios percorrem meu corpo do ponto em que os dedos de Derek encostam em mim, em minhas bochechas, até os dedos dos meus pés.

Derek, ainda com a adrenalina provocada pelo show correndo viva em suas veias, inclina-se em minha direção, diminuindo ainda mais o espaço — já pequeno — entre nós.

Percebendo a tempo o que ele pretendia fazer, viro meu rosto discretamente para o lado e recebo seu beijo em minha bochecha. Quando olho para Derek de novo, sua expressão é um misto de confusão, arrependimento e mágoa, mas ele logo assume seu ar fechado de sempre, expulsando qualquer emoção de seu rosto.

Sem tempo de explicar meus motivos para ter evitado seu beijo, faço a primeira coisa que me vem à mente para mostrar que não estou chateada com ele nem nada do tipo: fico na ponta dos pés e encosto meus lábios com suavidade em sua bochecha.

— Muito obrigada por isso, Derek! — Olho dentro de seus olhos, para que ele veja com nitidez as emoções que se passam dentro de mim. — Foi incrível!

A expressão de Derek se suaviza e ele toca com carinho em minhas sardas.

— Você vai fugir?

— Não pretendo.

— Ótimo.

— Nos vemos daqui a pouco, então.

Com um último sorriso afetuoso e tão discreto que era quase imperceptível, Derek me dá um beijo na bochecha.

Finalmente me permito olhar para além dele, para o resto do palco e para o público.

A multidão continua gritando até agora, aplaudindo nossa versão de “Grass of Glass” e todo o resto que acompanhou esse momento. Drew, Peter e Josh sorriem para mim, igualmente animados e orgulhosos. Os três assentem, em um elogio silencioso, conforme passo por eles para sair do palco.

Volto para perto de Carol com um sorriso maior do que o do gato da Alice. Minha amiga pula em cima de mim, gritando, saltitando e lacrimejando ao mesmo tempo.

— FOI LINDO, AMIGA! EU TÔ LITERALMENTE CHORANDO! — Carol abana o próprio rosto, tentando conter as lágrimas. — COMO O DEREK CONHECIA A LETRA QUE VOCÊ COMPÔS? E NO FINAL *O DEREK QUASE TE BEIJOU????*

Dou uma risada tão histérica quanto ela.

— Amiga, o Henry é o Derek.

— *O QUÊ?!* — Ela pergunta, ainda no mesmo tom eufórico.

— O Henry e o Derek são a mesma pessoa.

Ela arregala os olhos.

— *Como assim?!*

— Isso mesmo que você ouviu.

— ENTÃO VOCÊ TÁ ME DIZENDO QUE DURANTE TODO ESSE TEMPO A GENTE TAVA HOSPEDADA DO LADO DA GRASS OF GLASS E EU NEM SABIA??

Dou uma risada.

— Exatamente.

— AI MEU DEEEEUUSSSSS!!!!

Carol continua tagarelando mais agitada que o normal durante os minutos seguintes, mas estou aérea demais para prestar atenção em qualquer coisa.

O resto do show passa para mim como um borrão. Eu não saberia dizer se, depois da minha participação, eles cantaram mais uma música ou mais dez. Os momentos inesquecíveis que acabei de viver em cima daquele palco ocupam cada espaço da minha mente.

CAPÍTULO 10

Isca de Sardinha

Assim que o show acaba, Derek corre para fora do palco.

Peter, Drew e Josh ainda ficam mais um pouco, acenando e interagindo com os fãs, mas Derek vem direto até onde eu e Carol estamos.

De novo, Derek desce do palco pulando, mas, desta vez, cai bem na minha frente. Dois pequenos passos depois, ele está parado a míseros centímetros de mim, parecendo tão eufórico quanto eu quando estava no palco.

— Então você realmente não fugiu — ele constata.

— Eu disse que não fugiria.

— Não. — Derek sorri de canto. — Você disse que não *pretendia* fugir, o que são coisas bem diferentes.

Reviro os olhos, mas uma risada escapa.

— Bom — digo —, você acabou de me proporcionar a melhor experiência da minha vida, então acho que o mínimo que eu poderia fazer seria esperar aqui e te agradecer.

Um sorriso genuíno ilumina o rosto de Derek, deixando-me desconcertada.

— Então isso quer dizer que eu não estraguei tudo?

— Não vou dizer que eu não pensei em te matar quando eu descobri que você não me contou logo de cara que era o Henry. — Coloco as mãos na cintura e Derek ergue uma sobrancelha. — Também quis te bater quando você inventou de me arrastar para o palco, mas agora entendo por que você

fez isso. E, como eu disse, foi a melhor coisa que eu já fiz. Então, não, você não estragou tudo, muito pelo contrário. Muito obrigada, inclusive.

Os olhos de Derek brilham com um sentimento que não consigo identificar e seu rosto se inclina em direção ao meu, fazendo meus ombros se tensionarem na mesma hora. Percebendo isso, Derek para onde está — ainda a milímetros do meu rosto, nossas respirações se misturando —, mas um meio-sorriso preguiçoso se forma em sua face.

— A alegria foi minha.

Minha língua seca e perco a capacidade de formular frases, então não digo nada.

Permanecemos nos olhando e as íris de Derek, mais verdes do que nunca, parecem me atrair para si.

Derek, mais uma vez, coloca a ponta dos dedos em minhas sardinhas, enviando uma onda de arrepios por toda a minha coluna.

— Sardas, eu…

— MADU, VOCÊ MANDA MUITO! — Peter brota do chão ao meu lado.

Ele me agarra em um abraço de urso e me gira, rindo como um lunático.

— E OS VERSOS A MAIS QUE VOCÊ COMPÔS?! — Peter continua — IRADOS!!

— Quando o Derek falou que você canta bem, a gente não tinha imaginado que era tão bem assim. — Josh acrescenta em um tom tão orgulhoso que beirava o paternal.

— Parabéns, Madu! — Drew ergue o punho para me cumprimentar com um soquinho. — Já pensou em seguir carreira de cantora?

A essa altura, eu já estava mais vermelha que o meu tão querido violão.

— Na verdade já, mas sou muit…

— MENINOS! — Daisy, que, graças à Carol, eu sei que é a chefe da equipe de imprensa deles, aparece afoita, segurando uma prancheta. — TRÊS MINUTOS PARA ESTAREM NA SALA 6 PARA UMA COLETIVA!

Daisy está impecável como sempre, pelo que me lembro de já ter visto dela por aí. Está vestindo uma blusa social branca, com apenas o primeiro botão aberto, uma saia midi tom de grafite, uns saltinhos nudes estilo meia pata e os cabelos castanhos presos em um coque baixo, sem um

único fio fora do lugar. Ela deve ter no máximo trinta anos, mas é sempre tão séria que acaba aparentando ser mais velha do que de fato é.

Ela sai empurrando os quatro integrantes da Glass em direção à porta. Derek resiste um pouco, olhando em minha direção, como se quisesse continuar nossa conversa. Daisy repara, porque dá uma bronca nele:

— Não. Não temos tempo para seus flertes, Derek. Vocês estão todos suados e tenho menos de 180 segundos para fazer todos vocês ficarem minimamente apresentáveis. Agora, vão. Circulando!

Ela roda o indicador no ar, para que eles se mexessem.

Derek me lança um olhar intenso e suplicante.

— Desculpa por isso — ele diz. — Tinha prometido que a gente conversaria depois…

— Tudo bem, pode ir lá. — Sorrio, para mostrar que estava sendo sincera. — A gente conversa depois da entrevista.

Ele morde os lábios, desviando o olhar por um breve segundo.

— Não sei se vamos ter tempo, nosso voo parte logo depois de…

— Derek! — Sua assessora grita já no corredor, fora da sala. — Vamos, *por favor!*

Derek suspira e começa a andar de costas até a porta, ainda falando comigo:

— Me manda uma mensagem e a gente continua conversando, pode ser?

— Mas eu não tenho seu número! — falo mais alto para ser ouvida, porque a essa altura ele já estava quase na porta.

— Me encontra no Insta! — Ele grita suas últimas palavras e é puxado para fora.



Antes mesmo de chegarmos ao hotel, depois do show, Carol me avisa que várias filmagens do momento em que eu e Derek cantamos minha versão de “Grass of Glass” viralizaram pela Internet.

Como se para confirmar esse fato, Júlia, a irmã mais nova da Carol, nos liga por chamada de vídeo por volta da meia-noite.

Atendemos a ligação e vemos os rostos de três meninas espremidos na tela.

— A gente tá ficando doida ou aquela garota cantando com o Derek no show de hoje era a *MADU?!* — Victoria, uma das melhores amigas de Júlia, pergunta sem sequer nos cumprimentar.

— Vocês não estão ficando doidas! Era a Madu mesmo! — Carol responde, quase quicando ao meu lado.

Nem ela nem eu nos acalmamos até agora. Não paramos de falar por um segundo sequer desde que chegamos ao nosso quarto, revivendo cada detalhe da noite.

— *Como assim* era mesmo a Madu?! — Isabela, a terceira do trio, pergunta — Não, agora vocês têm que contar tudo para a gente!

— Oxi, até a Isa está aí com vocês hoje? — Carol indaga, como se só neste momento tivesse percebido a presença da terceira menina.

— É, agora que eu não moro mais com os Bastos, voltei a ter uma vida social decente — Isa diz em tom de piada, mas sei que não deixa de ser verdade.

— Você não mora mais com os Bastos?! — Carol pergunta, erguendo as sobrancelhas.

Ju revira os olhos.

— Eu já tinha te falado isso, Carol! Faz tempo, inclusive.

— Ai, tá, foi mal se eu não me lembro dessa informação, mas não é como se eu visse suas amigas todo dia, Júlia! — Carol cruza os braços. — A última vez que a gente se viu foi, o quê? No ano passado?

— É — entro na conversa —, acho que foi naquele baile que teve no colégio delas, lembram?

Um silêncio sepulcral nos atinge do outro lado da linha, o que me leva a pensar se, por um acaso, elas se esqueceram de que baile estou falando.

— Aquele Baile de Máscaras, sabem?[8] — arrisco. — Que tava com o som mega-alto e a Isa quis ir embora do nad...

— Sim, a gente lembra! — Isa me interrompe subitamente agitada. — Com certeza a gente lembra. Mas você tem razão, Carol, faz muito tempo que a gente não se vê. E, respondendo à sua pergunta: sim, eu não moro mais com os Bastos já faz alguns meses.

— Sim, sim — Vic resmunga. — A Isa se mudou, a vida é outra, os pássaros cantam e tudo o mais, mas isso não vem ao caso agora! — Seus olhos escuros focam em mim pela telinha do celular. — Queremos saber *tudo*, Madu!

— Sim! — Isa aproxima ainda mais o rosto da tela. — Onde você estava, para início de conversa? Porque, pelos vídeos, pareceu muito que o Derek foi te buscar na coxia e não no meio da multidão!

— Tá, quanto tempo vocês têm? — pergunto, com meu sorriso radiante ainda brilhando na minha cara. — Porque a história é meio longa.

— Não estamos com pressa nenhuma — Ju fala e suas amigas concordam, eufóricas.

Passo as próximas horas contando os detalhes da noite para as meninas, que surtam comigo a cada evento que eu narro.



Pelos próximos dois dias, sou consumida por um dilema. A cada 15 minutos, mais ou menos, abro meu Instagram e vou até o perfil de Derek. Ele me pediu para mandar uma mensagem para ele, mas até agora não consegui.

Carol já passou por muitos níveis de raiva de diferentes tipos e intensidades.

“É só mandar uma mensagem!” minha amiga respondeu, quando eu disse para ela que ainda não tinha falado com Derek, porque eu não saberia o que dizer. “Fala literalmente qualquer coisa. ‘Eu nunca comi um avestruz’ ou sei lá! Só fala *alguma coisa!*”

“Mas e se ele não quisesse de verdade que eu mandasse uma mensagem para ele?” perguntei.

Fala sério, ele é um cantor famoso! E quem sou eu na fila do pão?

Depois que a adrenalina da noite do show passou, a insegurança assumiu seu lugar, correndo livre por minhas veias.

Carol revirou os olhos diante da minha pergunta — aparentemente — besta.

“Aí ele não teria te *pedido* para encontrá-lo, né?”

“Ele podia estar falando só por educação.”

“Amiga, eu estava lá e vi tudo, então, *por favor,* acredite quando eu digo que *não* foi só por educação!”

Suspirei.

“Acho que ele nem vai ver minha mensagem…” continuei me lamuriando. “Ele recebe tantas por dia que a minha vai se perder no meio.”

“Se você não enviar nada, *aí* é que ele não vai ver mensagem nenhuma mesmo!”

Solto um pequeno gemido de desânimo, lembrando dessa e de outras tantas discussões que travei com minha amiga nos últimos dias.

Logo depois da entrevista, Derek e os meninos foram arrastados para uma série de compromissos pós-show, que só foram acabar quando eles já estavam dentro do avião, partindo para a próxima parada da turnê, em Salvador. Eu não tive chance nem de vê-lo uma última vez antes de ele partir, que dirá de me comunicar com ele de alguma forma...

Rolo o *feed* do Instagram de Derek, juntando forças para enfim enviar uma mensagem. Meu cérebro maluco inventou muitas desculpas para eu não fazer isso, mas até *eu* sei — bem lá no fundo — que não tenho nenhum motivo real para não falar com ele…

A única razão plausível para eu não entrar em contato seria se eu *não* quisesse que Derek me encontrasse. Como esse não é o caso e, na verdade, eu *quero* falar com ele de novo, o único jeito de isso acontecer é eu dando esse primeiro passo…

Mas, ainda assim, não me sinto tão certa sobre mandar uma mensagem... Derek mora nos Estados Unidos, é famoso, tem um monte de menina (do mundo inteiro, diga-se de passagem!) apaixonada por ele…

Resumindo: somos de universos completamente diferentes… Como isso poderia dar certo?

Será que isso poderia dar certo?

Suspiro, presa nesses pensamentos cíclicos que vêm me assombrando há dias.

Clico nos *stories* de Derek, buscando coragem para falar com ele em algum momento. No meio de suas fotos alternativas com frases um tanto enigmáticas e filosóficas, aparece uma dele com as sobrancelhas erguidas de um jeito que, por algum motivo, me faz lembrar da selfie que tiramos no dia em que nos "conhecemos" no elevador.

Só depois do segundo show é que eu fui perceber que a gente tinha tirado essa foto no celular *dele*, então eu não a tenho. O que é uma pena, porque eu amaria ter um registro desses dias, para, daqui a alguns anos, eu ter uma comprovação de que isso tudo foi real.

Tudo bem, eu posso até não ter a foto que tiramos naquele dia, mas, ainda assim, possuo evidências de que eu não sonhei com isso tudo. Além da jaqueta de couro que ele me emprestou no elevador e eu não tive tempo de devolver (e com a qual, por um acaso e indo contra todas as expectativas, eu durmo abraçada toda noite), eu também tenho os vídeos amadores da nossa versão de "Grass of Glass" que viralizaram.

Todas as *glassies* estão delirando com isso tudo, porque foi muita informação ao mesmo tempo. Primeiro, Derek cortou o cabelo, mudando o estilo que ele mantinha já há alguns anos. Depois, a Grass of Glass apresentou, ao vivo e sem aviso prévio nenhum, uma versão nova de sua principal música. Como se não bastasse, uma completa estranha fez Derek *sorrir de verdade* no palco, na frente de todo mundo. E, para completar esse combo de surpresas bombásticas, Derek, o mais carrancudo dos quatro integrantes da banda, demonstrou afeto por uma desconhecida no meio de um show.

Então é claro que isso tudo levaria as fãs à loucura. Elas não falam de outra coisa desde domingo, quando meu mundo virou de cabeça para baixo. A verdade é que as *glassies* fizeram tanto alarde por causa disso que agora toda a Internet está engajada, doida para descobrir quem é essa menina — no caso, eu.

Para minha alegria, nenhum vídeo tem qualidade suficiente para mostrar meu rosto com definição (e a equipe da banda não publicou nenhum vídeo oficial, para meu grande alívio — eu odiaria me tornar o foco da atenção da imprensa e de *toda* a Internet). Então continuo no anonimato — e dou graças a Deus por isso. Não sei se estou pronta para

lidar com a fama e, muito menos, com o assédio que eu receberia por causa dessa minha participação especial.

E esse é parte do motivo da minha insegurança em entrar em contato com Derek.

Infelizmente, Derek e a imprensa são um combo.

Mas algo que meus pais sempre me falam em momentos como este fica martelando em minha cabeça: eu vou mesmo abrir mão de uma grande oportunidade, de algo bom, apenas porque trará junto alguns desconfortos?

Será que esta é uma daquelas situações tão valiosas que fazem os incômodos se tornarem suportáveis, para não dizer insignificantes?

Sim, Derek e a imprensa são um combo. Mas Derek tem as mesmas paixões que eu, como ficou nítido em nossa performance no palco. Derek me apoia, me incentiva e me ajuda a ser uma pessoa melhor, como pude perceber nos poucos momentos que tivemos juntos cara a cara. E, o mais importante, Derek tem os mesmos valores e a mesma fé que eu, como descobri nas conversas com ele ainda como Henry.

Além do mais, tenho orado muito sobre esse assunto e refletido sobre os últimos acontecimentos à luz da Bíblia, e a certeza de que eu já deveria ter mandado uma mensagem para Derek só aumenta.

Com um suspiro, resolvo parar de ficar enrolando.

Acho que vale a pena. E se, no fim, não der certo, valerá a pena pelo menos ter tentado.

Chegou a hora — na verdade, já *passou* da hora faz tempo.

Num arroubo de coragem, procuro mais uma vez o perfil de Derek, clico em “enviar mensagem” e começo a ensaiar um texto:

Oi, Derek, tudo bem?
Aqui é a Madu.
Nos conhecemos pelo banheiro do hotel e ficamos presos no elevador, lembra? Haha
Enfim, eu estava aqui pensando: você ainda tem aquela foto que tiramos no dia em que nos conhecemos pessoalmente?

Balanço a cabeça.

Não, essa tentativa casual de puxar assunto estava péssima.

Apago tudo.

Volto para o *feed* dele e continuo observando suas fotos, enquanto tento pensar em alguma coisa melhor.

Engraçado como conhecer alguém muda sua perspectiva sobre a pessoa, né? Vendo agora as fotos de Derek, não acho mais seu antigo corte de cabelo tão horrível… Claro que ele fica incomparavelmente mais bonito de cabelo curto, mas não o acho mais tão feio com seu corte anterior…

Ainda estou perdida nesses devaneios quando aparece uma notificação para mim. Derek postou uma foto.

Com o coração batendo forte, clico na notificação. Ao mesmo tempo que eu não fazia ideia do que era a postagem — nem do que eu gostaria que fosse —, meu peito foi tomado por expectativa — pelo que, honestamente, não sei dizer.

Quando a foto enfim carrega, perco o fôlego. Encaro a tela, sem piscar, por alguns segundos.

Derek postou uma foto nossa. Justamente aquela que não saiu da minha cabeça nesses últimos dias. Aquela que tiramos na porta do meu quarto no hotel depois de ficarmos presos no elevador. Aquela que quase pedi a ele por mensagem dois minutos atrás.

Observo a foto com uma atenção que nunca dei a nada.

Derek estava com suas sobrancelhas erguidas tão típicas dele. Mas, diferente do normal, havia um toque de humor em seus lábios e suas íris esverdeadas brilhavam com diversão.

Eu me encontrava meio de lado na foto, virada na direção dele. Meus cachos estavam caídos para frente, tapando parcialmente meu rosto, mas ainda assim era possível ver que eu estava rindo.

Lembro, como se fosse ontem, o motivo da minha risada.

“Boa” Derek disse para me ajudar a descontrair. “Assim ninguém vai ter dúvidas de que você só tirou uma foto comigo porque foi obrigada.”

Sorrio com nostalgia enquanto observo nós dois estampados no seu *feed* para qualquer um ver.

Achei cuidadoso da parte de Derek ter escolhido postar justamente essa foto. Não sei se tinha alguma outra, em que aparecia melhor o meu rosto, mas fico grata por ele ter postado uma que não revelava muito — na verdade, revelava muito pouco — da minha identidade.

Depois de observar com carinho e atenção cada detalhe da foto, vou para a legenda. Havia uma única frase: *Freckles bait*. “Isca de Sardas”.

Com certeza cada uma dessas duas palavras foi muito bem pensada e milimetricamente calculada.

Acho que nunca fui tão grata a Derek quanto agora. Ficou evidente — ao menos para *mim* — que ele queria me encontrar, ao mesmo tempo em que tentava preservar minha imagem.

Com uma genialidade admirável, Derek conseguiu passar sua mensagem direcionada a mim de forma velada para qualquer outra pessoa: *Freckles*, que é o jeito que ele me chama, e *bait*, na esperança de que eu morda a isca e finalmente entre em contato com ele.

Derek conseguiu me dizer “ei, Sardas, ainda estou esperando sua mensagem” de um jeito que não expunha para o resto do mundo que ele *não tinha o meu contato!*

Esse era o empurrãozinho que me faltava. Com minha motivação renovada, vou decidida até sua DM e começo a digitar minha mensagem.

Mal escrevi duas palavras, contudo, e meu celular começa a tocar. Carol.

Com um suspiro, já esperando a reação da minha amiga, atendo a ligação. Carol nem me dá chance de dizer nada:

— Por favor, me fala que você já viu!

— Já.

— Por favor, me diz que você não vai ignorar!

— Não vou. Inclusive eu estava digitando a resposta para ele agora.

— Então que não seja eu a interromper esse milagre — ela diz e desliga.

Contrariando tudo que conheço sobre minha amiga, ela *simplesmente desliga!* Dou uma risada, balançando a cabeça, sem acreditar. Mesmo depois de tantos anos de amizade, essa menina continua me surpreendendo.

Respiro fundo, voltando a me concentrar.

Por fim, envio o *post* com a nossa foto para a DM de Derek com a seguinte mensagem:

Essa legenda teria ficado ainda mais perfeita em português.

Na minha língua, “sardinha” pode ser tanto as pintinhas no rosto de alguém quanto um tipo de peixe, então a ambiguidade da frase teria dado o toque final, sabe? Haha

Sim, péssimo, eu sei. E, sim, eu enviei. E, sim, eu não apaguei depois, porque, por incrível que pareça, não consegui pensar em nada melhor que isso.

Com meu coração batendo tão forte que eu conseguia *senti-lo,* jogo meu celular de lado, pego meu violão e tento me esquecer disso tudo por alguns minutos, pelo bem de minha saúde mental.



Mais um dia se passa sem nenhuma resposta de Derek.

— Eu falei que ele recebia tanta mensagem que a minha ia acabar ficando perdida no meio! — lamento com Carol pelo telefone.

A gente acabou voltando para casa pouco depois do segundo show. Com meu vídeo viralizando por aí, acabei me sentindo um tanto ansiosa e preferi voltar para meu habitat natural, onde fico mais confortável.

Carol, apoiando-me como sempre, comprou as passagens para o voo mais próximo que tinha disponível.

— Se você não tivesse enrolado tanto, acho que ele teria visto mais fácil — minha amiga retruca do outro lado da linha. — Mas você deixou para mandar mensagem só quando ele postou a foto que teve mais curtidas e comentários em todo o Instagram dele! Não fico nem um pouco surpresa por ele não ter visto sua mensagem. Sabe Deus quantas ele recebeu!

— Você acha que eu mando outra agora?

Minha amiga solta um suspiro desanimado.

— Honestamente, acho que não faria diferença. O *post* ainda está muito em alta, então imagino que ele ainda esteja recebendo muitas DMs por dia. — Ela faz uma pausa, considerando. — Mas acho que não custa tentar… Você não vai perder nada, de qualquer forma.

— Tá, vou mandar agora, então.

Enquanto eu ainda digitava, Carol fala no viva voz:

— Temos que pensar em um jeito de chamar a atenção dele, para vocês conseguirem se encontrar nessa loucura que é a Internet.

— Como?!

— Não sei. Por isso disse que a gente teria que *pensar.* — Carol suspira. — Posso passar aí mais tarde?

— Por favor.

Um ombro amigo seria muito bem-vindo neste momento.

Como o esperado, Derek não viu minha nova mensagem.

Tentava não permitir que o desânimo e a frustração me dominassem, mas, toda vez que eu lembrava como seria improvável a gente se reencontrar de novo sem ser pela Internet, meus esforços para pensar positivo se desvaneciam.

Se arrependimento matasse, eu já estaria morta. Eu deveria ter ouvido a Carol e mandado mensagem antes!

— Talvez não fosse para ser, amiga — digo para Carol, que veio aqui em casa me consolar no fim da tarde. — De qualquer forma, não é como se eu e Derek pudéssemos dar certo.

— Por que não?! — Carol pergunta em um tom agudo, colocando as mãos na cintura.

— Somos de mundos muito diferentes… Vai ver ele não era o cara para mim, nem eu era a pessoa certa para ele… Era impossível mesmo.

Carol balança a cabeça, como se quisesse dar descarga no que eu disse.

— Eu acho que não tem nada a ver! — ela diz. — Claro que não seria fácil, nem simples, mas, se vocês dois realmente quisessem, seria, pelo menos, possível. E, na minha opinião, ser possível já é mais que suficiente para, pelo menos, tentar.

Solto um suspiro, tentando não me deixar ser engolida pela minha melancolia, que tem estado mais acentuada nos últimos dias.

— Por que você não toca um pouco? — Carol sugere, observando minha expressão, que começava a assumir um ar cabisbaixo.

— Boa ideia.

Escolho uma música que me lembre das verdades *de* Deus e *sobre* Deus. Ir até meu Criador e Salvador sempre me ajuda nesses momentos.

Pego meu violão e permito que “Faz a Tua Paz Reinar”, da Amanda Rodrigues, me embale pelos minutos seguintes. Conforme volto meus olhos para Deus, sinto sua paz me envolvendo.

Meus dilemas e aflições continuam aqui, mas agora não pesam mais sobre mim.

Respiro fundo, aliviada por ter retornado ao meu lugar de paz.



Na manhã do dia seguinte, uma nova oportunidade surge, renovando minhas esperanças de que, talvez, isso tudo pudesse dar certo.

No fim, foi Derek quem trouxe a resposta que eu e Carol procurávamos — de como fazer para chamar sua atenção na Internet.

Na quinta-feira, Derek postou um mesmo vídeo no TikTok e no Instagram. Era um dueto, em que ele fez um cover, cantando a parte do Zac Efron de “Rewrite the Stars”, para que outras pessoas repostassem, cantando a parte da Zendaya.

A legenda era *Musical Freckles bait*. “Isca de Sardas musical”.

Sem conseguir evitar, dou uma risada quando leio isso. *Esse menino não existe!*

Ele não poderia ter escolhido uma música melhor para usar como isca para mim! Esse foi o primeiro dueto que fizemos juntos, ainda como Amber e Henry!

Além disso, é assustador como essa música se encaixa perfeitamente na nossa situação atual — ou, pelo menos, em como estou me sentindo.

Antes que eu sequer consiga *pensar* em qualquer coisa, Carol, como a boa *glassie stalker* viciada em celular que é, já está me ligando.

— AMIGA, PELO AMOR DE DEUS!! — ela já começa gritando. — POR FAVOR, ME DIZ QUE VOCÊ VAI RESPONDER!!!

— Sim, amiga, eu vou. — Dou uma risada, fora de mim.

Isso estava *realmente* acontecendo?! É tudo tão surreal!

— Ótimo! — A voz de Carol me arrasta de volta para a terra. — Eu tô indo para sua casa *agora*, para a gente gravar isso *agora* e não tô nem aí se você tinha alguma coisa mais importante para fazer.

Dou risada.

Sem ter outra opção — não que eu *quisesse* outra opção —, começo a arrumar a sala da minha casa para gravar com Carol quando ela chegasse.

— Como você quer fazer? — Carol me pergunta, ajeitando seu celular em um tripé que ela trouxe. — Podemos gravar apenas sua mão tocando o violão, se você não quiser mostrar seu rosto.

Pondero essa possibilidade por alguns instantes.

Aparecer no vídeo seria literalmente me expor. Quase literalmente dar minha cara a tapa.

Ao mesmo tempo, se eu não aparecesse no vídeo, tornaria mais difícil para o Derek ter certeza de que era mesmo eu. E eu não queria dar brechas para dúvidas, então…

— Acho que não me importo de aparecer. — Dou de ombros. — Cantei na frente de uma multidão e sobrevivi, acho que posso sobreviver à Internet também…

Carol franze o cenho.

— Tem certeza, amiga? A Internet consegue ser bem mais invasiva do que a vida “real”, digamos assim.

— Eu sei… — Encolho um ombro. — Claro que eu gostaria de me preservar e evitar ser assediada, se fosse possível, mas… Acho que é mais garantido que eu encontre logo o Derek se eu aparecer de uma vez com meu rosto.

Carol assente, mas seu olhar está distante, pensativa.

— Acho que tenho uma solução. — Me ajeito no sofá, com toda minha atenção na minha amiga: — E se a gente criar um perfil profissional para você? Assim, você pode manter sua conta pessoal fechada, mas teria

uma que deixaria aberta. Aí dá para concentrar todo o assédio em uma única conta e ter mais privacidade na outra.

— Parece uma boa ideia. — Assinto, animada com a possibilidade de, talvez, conseguir preservar um mínimo de espaço pessoal.

— Certo, então vamos criar sua conta nova e aí já gravamos o vídeo.

É o que fazemos.

E assim nasceu o @maduriosoficial.

Depois disso, ajeitamos a sala para a filmagem, Carol arruma meu cabelo e passa um pouco de maquiagem em mim, para eu ficar bem na frente da câmera.

Faço um breve aquecimento vocal e pego meu violão vermelho, companheiro de longa data. Então, gravamos.

A primeira filmagem fica um lixo, porque acabo me emocionando ao cantar a parte da Zendaya.

Primeiro, eu já fiquei mexida enquanto esperava a minha vez, ouvindo o Derek tocar seu violão preto e cantar a parte do Zac, que diz: “Você sabe que eu te quero/ Não é um segredo que tento esconder/ Eu sei que você me quer/ Então não continue dizendo que nossas mãos estão atadas/ Você diz que não está nas cartas/ E que o destino está te levando para muito longe/ E pra fora do meu alcance/ Mas você está aqui no meu coração/ Então, quem pode me parar se eu decidir /Que você é meu destino?”

Enquanto ouvia seu tom rouco entoando essas palavras, eu me perguntava: será que Derek quer dizer isso? Será que ele realmente está cantando essa música para mim? Ou será que foi apenas uma questão de conveniência, já que foi o primeiro dueto que fizemos juntos, e ele na verdade nem prestou atenção no que a letra estava falando…?

Sem ter como responder a essas questões, resolvo deixá-las de lado por hora e volto minha atenção à música que continuava se desenrolando e formando um bolo em minha garganta.

Para acabar de vez com o meu autocontrole, que já se encontrava um tanto comprometido, minha parte do dueto responde ao que Derek cantou da seguinte forma: “Você acha que é fácil/ Você acha que eu não quero correr até você/ Mas existem montanhas/ E portas que não podemos atravessar”.

Solto uma risada trêmula depois de cantar esses versos.

É como se eu e Derek estivéssemos conversando por meio da música.

Carol sorri para mim de forma encorajadora. Ela aperta minha mão e desliga a câmera, notando os sentimentos estampados em meu rosto, e diz:

— Eu sei, amiga.

Aperto a mão dela de volta e respiro fundo.

— Vamos de novo — digo.

Para minha surpresa, depois de apenas mais duas ou três tentativas, eu e Carol ficamos satisfeitas com o resultado. Eu achava que fosse demorar mais — inclusive, já estava preparada para passar horas e horas gravando e regravando até ficar de um jeito que tanto eu quanto Carol gostássemos. Mas, felizmente, isso não foi necessário.

Enquanto assistíamos mais uma vez ao vídeo escolhido, minha mente permanecia em um certo cantor…

Sim, Derek, vamos tentar realinhar as estrelas, para ver se isso, de alguma forma, pode dar certo.

Carol, que é mais familiarizada com tecnologias, se encarrega de editar o dueto tanto no TikTok quanto no Instagram. Depois, ela me passa meu celular (onde ela estava editando o vídeo) para eu postar.

— Capricha na legenda. — É sua única orientação ao me entregar meu telefone.

Mordo os lábios e reflito por alguns segundos. Por fim, digito:

Bitten bait, Henry. “Isca mordida, Henry”.

Com o coração acelerado, clico em postar e assisto, mordendo os lábios, enquanto os aplicativos carregam meu vídeo.

— Eu acho que vou surtar.

— Não até ele te responder! — Carol retruca, eufórica, já trabalhando para divulgar meu vídeo assim que ele é publicado.

— E se ele não responder? — Espremo os dedos de uma mão com a outra. — E se ele nem *vir* esse vídeo?

— Calma, amiga, eu participo de muitos *fandoms*. — Carol ergue os olhos da tela por um segundo para me fitar. — Você já fez sua parte, agora deixa que eu faço a minha.

E ela fez.

Carol repostou meu vídeo em todos os *fandoms* — nacionais e internacionais — de que ela participava. Ela sempre compartilhava falando algo tipo “ATENÇÃO! ENCONTRAMOS A MENINA DO DEREK!!” (Eu estava sendo chamada assim pelas *glassies*).

As fãs surtaram. Elas começaram a comparar meu rosto do vídeo do TikTok com o que dava para ver de mim na foto que Derek postou. Também compararam minha voz cantando no dueto com a minha voz no ao vivo. Elas investigaram e dissecaram cada detalhe que podiam até estarem convictas de que eu era *mesmo* a menina do Derek.

Depois disso, elas se encarregaram de fazer meu vídeo viralizar.

E o que eu mais temia aconteceu: a imprensa começou a me assediar (principalmente) na minha conta profissional. Ainda que eu tenha mantido minha conta pessoal fechada, algumas pessoas conseguiram descobri-la e me bombardearam de perguntas por lá também, mas nada tão fora de controle quanto com a conta em que postei o dueto.

Todos estavam tão sedentos para ouvirem algo de mim, descobrirem algo de mim, *arrancarem* algo de mim, que uma sensação de sufocamento ameaçava me dominar.

Paz. Preciso de paz!

Largo meu celular em cima da cama e me encolho em posição fetal, sugando, trêmula, a maior quantidade de ar que posso, na esperança de conseguir sumir do mundo, pelo menos por um pouco de tempo.

— O que foi, minha filha? — A voz da minha mãe invade meus ouvidos, em meio ao meu estado de extrema sensibilidade sensorial.

— Muita informação — consigo resmungar.

— Como assim? — Ela senta ao meu lado na cama e afaga meus cabelos.

— Postei um vídeo que viralizou — Forço as palavras a saírem da minha boca, sabendo que conversar me fará bem. —, com o Derek, aquele cantor famoso que eu te falei, e tem gente do mundo inteiro, literalmente, começando a me seguir, me enviando mensagens, me enchendo de perguntas…

— Entendi. — Minha mãe fica em silêncio por um segundo. — E por que isso está te incomodando?

— Não sei… — Respiro fundo, ainda um tanto trêmula. — Acho que não sei lidar com tanta gente.

Minha mãe concorda com a cabeça, compreensiva.

— Por que você não fica um tempo fora das redes sociais, então?

— Porque eu preciso estar atenta, caso o Derek me responda.

— E ele não teria como entrar em contato com você de outra forma?

Nego com a cabeça, sem forças para falar nada.

— E se você pedisse para a Carol te ajudar a monitorar isso? — Minha mãe sugere depois de um tempo. — Você disse que ela gosta dessas coisas de tecnologia, certo?

Assinto, mas continuo em silêncio.

Não gosto da ideia de ter que pedir isso para a Carol.

Fala sério, são apenas algumas (milhares) de mensagens que estão pipocando nas minhas redes sociais. Isso não deveria estar me gerando todo esse mal-estar, certo? Eu deveria ser capaz, assim como todos os outros seres humanos, de gerenciar esse tipo de situação sem ter todo esse desgaste emocional, certo?

Errado. Quase posso ouvir a voz da minha mãe me dizendo. *Cada pessoa é de um jeito e lida com as situações de um jeito diferente. O que é tranquilo para alguns, custa mais para outros. Não é vergonha não conseguir fazer tudo, não é vergonha precisar de ajuda. E o mais importante: Deus não pede que você seja sempre forte e consiga fazer tudo por si mesma. Deus quer apenas seu coração e que você confie nEle.*

Concordo com a cabeça, reafirmando essas verdades para mim mesma.

Fazia tempo que eu não era dominada por um sentimento de aflição tão forte quanto hoje, mas algo que aprendi, lutando há tantos anos contra minha predisposição à melancolia, é: quando a escuridão bater à porta, corra para a Luz; quando a perturbação assumir seu peito, corra para seu Lugar de Paz.

Respiro fundo, ainda sentindo um aperto em minhas entranhas, e começo a cantarolar, com minha voz embargada pelas lágrimas que escorrem por minhas bochechas, a música que compus há alguns anos e que sempre me ajuda nestes momentos.

Tempestade que agita o mundo lá fora
Ventos fortes sopram em mim...

CAPÍTULO 11

Dentista

Nunca fui tão grata às glassies.

Depois que consegui me acalmar o suficiente, acabei pegando no sono e só acordei no dia seguinte.

Resquícios de ansiedade ainda perturbavam a boca do meu estômago, mas nada que me fizesse ficar mal de verdade, como ontem.

Respirei fundo, me espreguicei e me ajoelhei ao lado da cama, para fazer uma oração e iniciar o dia, agradecendo a Deus principalmente por Ele ter me trazido de volta a meu lugar de paz.

No fim, não precisei pedir para Carol administrar meu Instagram por mim. Mesmo ainda não estando 100%, eu estava bem o suficiente para acessar sozinha minhas redes sociais conturbadas.

E foi quando minha gratidão às *glassies* assumiu seu nível mais alto.

Elas se empenharam tanto na divulgação do meu vídeo que, mesmo sem saberem, me ajudaram a chegar até Derek, como constato assim que abro meu Instagram no dia seguinte:

Que bom que finalmente te encontrei
Vc ainda tá com minha jaqueta

Isso foi tudo que ele disse.

Por dois segundos, achei que Derek estava falando sério. Eu quase pude sentir meu coração caindo e se espatifando.

Mas então meu cérebro voltou a funcionar e eu entendi que era uma brincadeira.

É isso, Derek é oficialmente uma pessoa bem-humorada, por mais que ele se esforce para parecer o contrário.

Dando risada — de alívio, nervosismo e um outro sentimento que despertou as borboletas em meu estômago —, abraço meu telefone por um momento. *Não acredito que a gente se encontrou no meio desta selva que é o mundo virtual!*

Se as minhas faculdades mentais estivessem em pleno funcionamento, me sentiria patética por estar *abraçando* um *celular*, mas, como não estão, não fico nem um pouco incomodada.

Quando meu coração se acalma o suficiente para eu raciocinar, respondo para Derek:

Foi justamente por isso q eu me esforcei tanto para fazer meu vídeo chegar até vc…
Precisava te devolver sua jaqueta

Derek visualiza na mesma hora.

Fico feliz em saber disso
Mostra que vc é uma pessoa honesta
e tal

Dou uma risada trêmula, maravilhada demais por isso estar mesmo acontecendo para conseguir formular uma resposta.

Meio segundo depois, aparece uma notificação para mim: "@thederekduncan começou a te seguir".

Outra mensagem de Derek chega quase simultaneamente:

A propósito, gostei mt do nosso novo dueto viralizando por aí
Sua voz estava angelical como sempre

Coro assim que termino de ler e digito:

Hahaha obrigada
Nem fico mais surpresa por nosso
dueto ter ficado tão bom…
É impressionante como nossas vozes
combinam haha

Vc tirou as palavras da minha boca

Um sorrisinho bobo assume meu rosto ao mesmo tempo em que uma cosquinha surge na boca do meu estômago.

Haha [emoji de um macaco tampando os olhos]

"Haha" com um macaquinho se escondendo?! Sério, Madu?

Estapeio a mim mesma mentalmente, mas não tenho mais o que fazer, considerando que Derek já visualizou.

Penso rápido em alguma outra coisa para falar e, assim, esconder essa mensagem patética:

Antes q eu esqueça, essa aqui é
minha conta profissional
Se vc quiser me seguir na minha
pessoal, acho q ficaria melhor (to
recebendo mts mensagens por aqui)
Esse é meu insta fechado:

Envio meu perfil como mensagem para ele, que pede para me seguir no mesmo instante e eu permito, óbvio.

Logo recebo novas mensagens:

Putsss
Não acredito que vc tinha me mandado outras mensagens antes!
Só fui ver agora…
Dps que postei nossa foto juntos ficou uma loucura por aqui!

E eu achando que tava sendo ignorada [emoji mostrando a língua de olhos fechados]
Brincadeira haha
Meu insta tbm ficou louco dps do nosso dueto, entao imagino como ficou o seu dps de postar nossa foto…

O importante é q a gente conseguiu se encontrar de novo

Verdade haha

Mas então quer dizer que "sardinha" em português também é um tipo de peixe?

Acho graça da sua pergunta, respondendo à primeira mensagem que eu tinha enviado para ele dias atrás, e desenvolvo o assunto, que, com Derek, parece sempre fluir.

Conversamos por muito tempo depois disso, até que Derek precisa ir para algum compromisso importante.

Logo após nos despedirmos, ele envia:

Inclusive
Se vc quiser me devolver minha jaqueta neste fim de semana, posso arrumar uns ingressos pra vc e pra Carol
Só me dizer se vcs vão querer vir no show de amanhã ou no de domingo
Ou nos dois

Leio as mensagens umas trocentas vezes sem saber como reagir. Ensaio mil respostas diferentes, mas sempre acabo apagando e recomeçando, sem decidir o que dizer. Por fim, digito:

Uau
Só… uau
Vou falar com a Carol mas tenho certeza que ela vai topar sim kkkk
Mto obrigada mesmo!

Me agradeça devolvendo meu casaco
Pessoalmente de preferência, claro
Fico esperando vc me avisar em ql show vcs vêm

Combinado!
Mto obrigada mais uma vez!

Nao precisa agradecer, Sardas

A alegria é minha [emoji piscando e mandando um beijo com coração]

Ele não apenas *usou um emoji* como foi um de *beijinho!*
Ok, acho que isso definitivamente quer dizer alguma coisa, certo?!
Derek *com certeza* não é do tipo de pessoa que usa *emojis!*



Carol surtou quando a atualizei dos últimos acontecimentos. Ela me fez mandar prints das minhas conversas com Derek e analisou cada letra, sinal de pontuação e tempo de resposta.

É óbvio que ela aceitou na hora a proposta de irmos para mais um show deles. Estava sendo apenas a realização dos sonhos dela: assistir a três shows da Grass of Glass em dois fins de semanas seguidos, sendo que dois deles ela assistiria do camarote. Não tinha como deixar uma fã mais feliz que isso.

Eu e Carol conversamos com os nossos pais sobre o convite que recebemos. Tanto os meus quanto os da Carol nos deixaram ir sem grandes problemas — até porque estamos no início de fevereiro e nossas aulas na faculdade só voltam em março. Sei que somos maiores de idade, mas buscamos sempre honrar nossos pais. Além disso, como ainda moramos na casa deles, o mínimo que podemos fazer é deixá-los a par dos nossos planos.

Quando dei nossa resposta ao Derek, ele ofereceu um dos jatinhos da banda para vir nos buscar em Brasília e nos levar até Salvador, onde aconteceriam os shows deste fim de semana.

Horrorizada, agradeci muito a proposta e a generosidade dele, mas recusei. Deus me livre o bafafá que seria a gente indo com o jatinho *deles!* Eu já estava recebendo muito mais atenção global do que eu gostaria desde que o nosso dueto de *O rei do show* viralizou.

Carol assumiu a posição de benfeitora. Ela se *recusou* a me deixar pagar minha própria passagem — e olha que eu insisti muito.

Comprando passagens absurdamente caras (já que foi em cima da hora), Carol garantiu que chegássemos ao nosso destino no fim da manhã de domingo (infelizmente não conseguimos voo para o sábado).

Usando o dinheiro e a influência de seu pai, Carol conseguiu fazer com que a gente ficasse hospedada no mesmo hotel da Grass of Glass (cuja informação consegui com Derek). Avisei para meu amigo mundialmente famoso que estávamos no mesmo hotel, o que o deixou muito feliz. Ele disse que teria ido me encontrar naquela mesma hora, mas estava ocupado com coletivas de imprensa, passagens de som e mais um monte de outras coisas de sua rotina insana de turnê.

Derek perguntou se eu gostaria de ir mais cedo para o show de novo, ao que eu aceitei sem precisar pensar duas vezes.

Quando finalmente chegamos ao local do show, no final da tarde de domingo, minhas mãos tremiam um pouco. Eu e Carol ficamos paradas na porta de entrada do espaço restrito em que está o camarim da banda, ambas com expressões de deslumbramento.

Um dos seguranças nos olha desconfiado e pergunta:

— Posso ajudar?

— Fomos convidadas pela Glass para chegar mais cedo para o show. — Carol responde, voltando a si (ou, pelo menos, fingindo muito bem estar calma).

— Sei.

— É sério, senhor. — Carol mantém a pose. — Se o senhor puder verificar com algum dos meninos da banda, eles irão confirmar a informação.

O segurança franze o cenho para nós. Ele aproxima da boca o fone pendurado em seu ouvido e começa a falar com alguém. Depois de algumas perguntas e respostas cifradas, ele pede pelos nossos nomes e enfim libera nossa passagem.

— Segundo corredor à esquerda, na última porta. Tenham um bom show.

— Obrigada — eu e Carol falamos em uníssono.

Apesar de essa não ser a primeira vez que Carol vem aos bastidores, minha amiga parece tão empolgada quanto na semana passada. Vamos

avançando pelo corredor e Carol mal consegue — nem sequer tenta — conter o imenso sorriso que ocupa seu rosto inteiro.

Confesso que minha expressão não está muito diferente da dela.

Quando chegamos ao camarim, há outro segurança na porta.

— Boa tarde, senhoritas — ele diz. — Estão esperando por vocês.

Então ele segura a maçaneta e abre a porta para nós.

Aquela agitação pré-show que parece ser habitual preenche cada centímetro do camarim. Diversas pessoas andam para lá e para cá, resolvendo mil questões ao mesmo tempo.

Hoje, diferente do último domingo, quem nos percebe primeiro são os meninos.

— OLÁ, SARDAS!!! — Peter exclama do seu jeito espalhafatoso, jogando-se em cima de mim em um abraço um tanto performático.

Sua excentricidade natural me tira uma risada.

— Oi, Peter.

Derek aparece logo depois dele, com uma expressão de quem desistiu do amigo.

— E aí, Madu. — Derek me cumprimenta no seu tom monótono habitual.

Estreito os olhos para ele.

— Agora eu sou Madu?

— Perdeu a graça te chamar de Sardas, já que o Peter roubou meu apelido.

— Eu não roubei nada! — Peter protesta. — Pare de ser tão egoísta.

Derek revira os olhos, mas se aproxima mais de onde estamos. Ele cumprimenta Carol com um aceno de cabeça, enquanto Peter dá um abraço bizarro nela também.

— E aí, meninas! — Drew e Josh aparecem e nos abraçam de forma civilizada.

Reparem que Derek não nos abraçou. Não sei o que eu esperava desse nosso reencontro, mas acho que um abraço seria o mínimo, certo?

— Como foram de viagem? — Josh nos pergunta, todo paternal. — Chegaram bem?

— Sim, tudo certo! — Carol responde por nós duas, porque todo meu esforço está em não fazer bico.

— Ótimo — Peter diz —, agora que conversamos sobre amenidades, podemos focar no fato de que a Madu fez o nosso Derekzinho

aqui cantar uma música de *O rei do show*? — Peter arregala os olhos. — Todos sabemos o quanto isso é improvável, certo?

Eu e Derek reviramos os olhos ao mesmo tempo, enquanto os outros riem.

— Não consegui encontrar outro jeito de chamar a atenção da Madu — Derek se justifica.

Enrugo o nariz.

— Você vai mesmo continuar me chamando de Madu?

Ele ergue a sobrancelha, intrigado com meu tom reclamão.

— Por quê?

— Me parece um tanto impessoal, sei lá.

— Mas não é seu apelido?

— É. Mas com você parece que fica distante.

— Por quê?

— Porque você não me chamava assim até, tipo, dois segundos atrás!

Um princípio de sorriso se insinua no rosto de Derek.

Ele abre a boca para falar alguma coisa, mas o insano do Peter o interrompe:

— *Ooookay!* — Ele ergue as mãos de forma teatral, como se pedisse para que nós parássemos. — A gente *não* precisa ficar aqui assistindo a isso. Venha, Carol! Eu, Drew e Josh vamos te apresentar o resto do camarim.

Peter pega a mão da minha amiga, a apoia na dobra de seu cotovelo e sai andando com ela como se fossem um casal do século XIX passeando.

Derek balança a cabeça e eu dou uma risada, sem acreditar.

— Ele é sempre assim? — pergunto.

— Só quando quer chamar a atenção — Derek responde. — Quer se sentar?

— Pode ser.

Vamos até um dos sofás, em que eu me sento um tanto rígida. Derek se senta ao meu lado, mas não tão perto de mim, e apoia um dos braços no encosto.

— Acabei de perceber que eu esqueci sua jaqueta. — É a primeira coisa que eu comento. Em parte porque é verdade, em parte porque eu não sabia o que mais dizer.

Os cantos dos lábios de Derek se repuxam para cima.

— É uma pena. Parece que vamos ter que nos encontrar de novo, então, para você poder me devolver.

Meu cérebro traidor faz com que todo o sangue do meu corpo se concentre no meu rosto e eu fico parecendo um pimentão. *Obrigada, cérebro! Eu achei que a gente estivesse junto nessa.*

O toque suave de Derek nas minhas sardas me faz voltar à realidade.

— Senti falta dessas estrelinhas.

Ergo as sobrancelhas. *Estrelinhas?!*

— Uau, estamos ficando poéticos agora. — É o comentário brilhante que sai pela minha boca.

Ao que tudo indica, meu cérebro está contra mim hoje!

Derek ergue as sobrancelhas e os cantos de sua boca acompanham o movimento, mas ele recolhe sua mão.

— Por que você ria mais como Henry do que como Derek? — Despejo em cima dele, que franze o cenho.

— Como assim?

— Quando a gente conversava pelo banheiro, você vivia dando risadas, como uma pessoa normal, sabe? Mas agora parece que todo sorriso que você dá é calculado, ou contra a sua vontade, não sei. O ponto é que preciso fazer um esforço bem maior para ver seus dentes.

Alguém, por favor, me fecha em um quartinho e só me deixa sair quando eu voltar a um estado mais aceitável!

— Não sabia que você era dentista. — Derek provoca, segurando o riso. Diante da minha expressão confusa, ele explica: — É que você acabou de falar que queria ver meus dentes.

Bufo, cruzo os braços e reviro os olhos ao mesmo tempo, como um estereótipo bizarro da impaciência. Eu realmente não sei o que eu esperava desse nosso reencontro, mas *com certeza* não era isso!

Derek sem dúvidas percebe meu estado de espírito, porque assume um ar mais sóbrio e diz com suavidade:

— Estou muito feliz por você estar aqui, Sardas. — Ouvi-lo me chamar de novo pelo meu apelido especial faz meu coração acelerar e amolecer. — Eu realmente achei por um momento que nunca mais te veria… Eu esperei por uns dois dias você me mandar mensagem, até tentei te encontrar no Instagram, mas, claro, não deu certo. — Observo-o com expectativa e, para minha grande satisfação, ele continua falando, ainda que evite olhar em meus olhos. — Aí eu tive a ideia de postar a foto, para ver se

você me mandava algum sinal de vida. Mas, no fim, o tiro saiu pela culatra, porque eu recebi tanta mensagem que meu celular travou. — Ele ri, sem graça.

Pera aí. Para tudo. *Derek Duncan* tentou *me* encontrar no Instagram?! *Sério mesmo?!*

É *óbvio* que ele não conseguiu! Qual a chance de alguém que não sabia nem o meu sobrenome conseguir me achar no meio das milhões de pessoas que usam esse aplicativo?!

— Por que você só me mandou mensagem depois que postei nossa foto, afinal? — Derek pergunta.

Pigarreio. É minha vez de evitar olhar para ele.

— Fiquei meio nervosa...

— Por quê?

— Sei lá… Não queria te incomodar.

— Por que você me incomodaria se fui *eu* que te pedi para falar comigo? — O esforço de Derek para acompanhar minha linha de raciocínio é quase palpável.

Suspiro.

— Não sei, eu… — Encaro minhas mãos, que estão apoiadas no meu colo. — Eu só achei que, sei lá… Talvez você não quisesse falar comigo.

— Mas eu te *pedi* para me mandar mensagem!

— Eu sei. Foi só… irracional. Você é famoso, e eu não sou ninguém, além de que nós moramos em *países* diferentes… Sei lá, no fim das contas, as coisas não eram tão simples assim, né? — Faço uma careta. — A Carol até ficou insistindo para eu falar logo com você, mas eu não conseguia pensar direito, sabe?

— Então, ainda bem que você tem a Carol, senão a gente não ia se ver nunca mais.

— Que exagero! — protesto com uma risadinha, mesmo sabendo que estou errada.

Derek ergue uma sobrancelha, como se lesse e concordasse com meus pensamentos.

— E que história é essa de que você não é ninguém? — Derek retoma o que eu disse momentos atrás, cruzando os braços.

Enrugo o nariz, sem gostar do novo rumo da conversa.

— Só no sentido de que sou anônima, sabe?

— E daí?

— E daí que você é famoso.

— Sim, e daí?

Suspiro.

— Sei lá. Isso acaba me intimidando um pouco, eu acho…

— Por quê? — Derek franze o cenho.

— Somos de mundos muito diferentes.

— Mas temos mais em comum do que muita gente de “mundos iguais”. — Ele faz aspas com os dedos e me observa com um ar sério.

Não consigo encontrar uma resposta à sua última declaração, então não digo nada.

Ficamos nos olhando em um silêncio denso por alguns segundos.

— Desculpa por não ter te mandado mensagem antes — digo, por fim. Em parte, porque era algo que estava entalado na minha garganta há algum tempo, em parte para falar alguma coisa.

— Não fiquei chateado com você, Sardas. Só fiquei… triste. Achei que eu tinha feito alguma coisa errada, sei lá. — Derek olha para o lado, mas então volta sua atenção para mim de novo. — Inclusive, teve problema para você eu ter postado aquela foto nossa?

— Não — respondo com sinceridade e ele expira o ar, aliviado. — Muito obrigada, a propósito. Por toda a discrição… Por não ter me exposto, nem nada.

— Eu sei que você não gosta de ficar no meio de um monte de gente... — Derek diz. — A Internet pode até ser uma realidade virtual, mas às vezes é mais claustrofóbica que a multidão mais lotada.

Assinto, concordando.

— Mas fico feliz que você tenha entendido minha mensagem na legenda. — Um sorriso de canto brincalhão desponta nos lábios de Derek. Como resposta, um aberto se espalha em meu rosto.

— Claro que eu entendi! Foi genial, inclusive!

O gelo finalmente se quebra entre nós e olhamos um para o outro com sorrisos suaves.

Não sei o que poderia ter acontecido ali caso Peter não tivesse chegado com seu jeito excêntrico de sempre.

— BORA, BORA, POMBINHOS! HORA DO SHOW!

A aparição repentina do guitarrista me faz pular com um sobressalto, o que leva Derek a soltar uma risada breve e contida.

— Posso ver que você ainda se assusta com barulhos altos e inesperados — Derek me diz.

— Por um acaso, faz apenas *uma semana* que a gente não se vê, não *um ano*.

Derek ergue as sobrancelhas, mas o bom humor continua nítido em suas feições. Ele se levanta do sofá sem falar mais nada e estende uma mão para me ajudar a fazer o mesmo.

Entrelaço meus dedos nos seus e ele me iça para cima.

— Você falou com ela? — Peter pergunta para Derek em um tom normal, igual gente.

— Falou o quê? — indago.

— Ah, acabei esquecendo — Derek diz, então vira para mim. — Você topa abrir o show hoje?

Se Derek não estivesse segurando minha mão, eu teria caído dura na mesma hora.

Como assim *abrir o show?!* E como assim eles me fazem esse tipo de proposta como se fosse a coisa mais natural do mundo?! Algumas pessoas precisam de um tempo para absorver esse tipo de informação, sabe?!

Um pequeno carinho no dorso da minha mão me traz de volta à realidade. Derek me observa, parecendo apreensivo.

— Você não precisa, se não quiser, Sardas — ele me diz com suavidade. — É só que nós te achamos supertalentosa e seria uma honra ter você abrindo nosso show.

Meu coração, que já corria mais que um maratonista, atinge uma velocidade alarmante.

— Além de que todo mundo já te ama — Peter acrescenta.

Acho que vou hiperventilar.

— Sardas. — A voz de Derek continua suave e ele permanece fazendo um carinho delicado na minha mão. — Você não precisa fazer isso se não quiser.

Engulo em seco e assinto.

— Ok, é só que… Eu acho que… eu só preciso de um tempinho para processar isso tudo, tá?

— Claro, o tempo que você precisar.

— Na verdade, apenas dez minutos, que é o tempo que falta para o show. — Peter corrige e recebe um olhar de repreensão de Derek. — O

quê? Precisamos ser realistas!

— Tá bom, Peter, obrigado — Derek diz em um tom contido. — Por que você não vai indo? A gente te alcança daqui a pouco.

Peter revira os olhos.

— Só não percam o show, pombinhos.

Peter mal se afasta três passos e Derek volta sua atenção para mim.

— Tudo bem?

Respiro fundo, enquanto analiso meu estado. Meus pensamentos já clarearam e meu coração, apesar de ainda estar acelerado, não parece mais à beira de um infarto.

— Acho que sim.

Derek assente.

— A cor voltou mesmo para o seu rosto. — Ele toca de leve nas minhas sardinhas. — Vamos indo para a coxia enquanto você decide, pode ser?

Concordo com a cabeça, incapaz de falar qualquer coisa. Derek me conduz pela mão, que ele não soltou desde que levantamos do sofá, até a lateral do palco, onde toda a Glass e sua equipe se encontram.

CAPÍTULO 12

Proposta

De alguma forma, consegui subir no palco sem morrer.

Também fui capaz de chegar até o microfone sem cair, o que para mim já é uma grande vitória.

Eu consegui até mesmo *sorrir* e *acenar* para a multidão! — os pinguins de Madagascar ficariam orgulhosos de mim!

Fingindo uma plenitude que estou longe de sentir, vou até o tripé e pego o violão preto de Derek. Respiro fundo, o zumbido do meu sangue em meus ouvidos abafando o clamor da multidão que me envolve e me engole.

Puxo o ar pelo nariz mais uma vez e meus dedos pairam, trêmulos, sobre as cordas do instrumento.

O simples fato de Derek ter me emprestado seu próprio violão quer dizer muita coisa. Sei muito bem como os músicos podem ser ciumentos com seus instrumentos.

Balanço de leve a cabeça, para focar, e respiro fundo pela terceira vez.

É como se eu estivesse embaixo d'água. Cada movimento passa a impressão de que estou no corpo de outra pessoa.

Nem sei direito como eu vim parar aqui — foi tudo tão intenso, tão novo, tão *rápido…*

Carol ficou eufórica, como sempre, quando eu contei para ela o convite que recebi. Os meninos me incentivaram e Derek apertou minha mão, em apoio.

“Você consegue, Sardas” ele disse. “Você já conseguiu uma vez, não foi?”

Eu não tinha pensado por esse lado. Não seria minha primeira vez em cima de um palco, na frente de uma multidão.

“Tudo bem, eu vou.” Escutei-me dizer, em um arroubo de coragem.

“O quê? Sério?!” Um daqueles sorrisos estonteantes de Derek, que ele deveria exibir por aí mais vezes, me atingiu em cheio. “Você é demais, Madu!”

Dessa vez ele me chamou pelo meu apelido normal não por drama, mas pela emoção do momento. Na verdade, sua empolgação foi tanta que ele segurou meu rosto com as duas mãos e se inclinou para mim, depositando um beijo perigosamente perto dos meus lábios.

“O que foi isso? Para me desejar sorte?” Meu lado espertinho aflorou, como sempre faz em momentos de muita tensão.

“Ou pelo menos para servir de aviso do que vai acontecer caso você me ignore mais uma vez por tanto tempo.” Derek brincou, com seu sorriso ainda estampado no rosto.

“Eu não estava te igno…”

“Eu sei, Sardas, estava só implicando com você.” Ele me interrompeu com um sorriso carinhoso. “Mas agora vai lá… A multidão está começando a ficar impaciente. Depois a gente conversa.”

Então ele piscou para mim e me deu um empurrãozinho encorajador na direção do palco; e aqui estou.

Derek e suas piscadas…

Suspiro e volto ao presente.

Ouvindo apenas de forma parcial a plateia ensandecida, dedilho o violão, tentando descobrir o que iria tocar. Foi tudo tão rápido que nem *isso* eu tive tempo de decidir!

Trêmula, olho na direção da coxia, de onde Carol e os meninos da Glass me assistiam, em uma espécie de pedido de ajuda silencioso.

“Toca uma sua!” Derek articula bem as palavras para que eu faça leitura labial.

Arregalo os olhos.

“Tem certeza?!” pergunto, um tanto desesperada.

“Absoluta.”

Concordo com a cabeça, tentando manter meus sentimentos e minha mente sob controle.

Não surta, Madu, você consegue fazer isso. Você consegue… Respiro fundo. *É só tocar igual você toca na sua casa, ou na igreja…*

Vamos, você consegue.

Inalo uma grande quantidade de ar, peço forças a Deus e, quando expiro, me sinto relativamente calma — calma o suficiente, pelo menos.

Meus dedos se movem mais uma vez sobre o violão, de forma distraída, e, quando percebo, estou tocando os acordes de “Lugar de Paz”, uma das músicas mais especiais para mim dentre as que eu compus.

Essa canção brotou de mim logo após uma das fases mais difíceis da minha vida. Sempre fui muito ansiosa e, às vezes, um tanto depressiva, mas, de uns anos para cá, tenho aprendido a lidar melhor com minhas emoções e pensamentos. Tenho aprendido que as coisas não dependem de mim, que eu não preciso controlar tudo — basta eu confiar nAquele que sempre esteve de fato no controle.

Quando eu comecei a viver o que aprendi em Filipenses 4.6-7, de levar para Deus em oração tudo aquilo que me incomoda e me aflige, comecei a desfrutar de uma paz verdadeira e que ninguém consegue entender ou explicar. Encontrei o meu lugar de paz: o próprio Deus.

Sentindo-me mais encorajada, permito que minha música flua e transborde de mim.

Tempestade que agita o mundo lá fora
Ventos fortes sopram em mim
Não sou mais criança, estou firme na Rocha
Minhas quedas não são o meu fim

A Voz que fez o mundo girar
Ilumina minha escuridão
A Voz que acalmou o mar
Tranquiliza meu coração

Presa em laços de trevas
Sua luz os nós desfaz
Sua mão me carrega
Para o meu lugar de paz

Posso andar no mar tempestuoso
Se de Deus não me distrair
Minha luz, o meu guia é mais poderoso

Com ele, não vou mais cair

A Voz que fez o mundo girar
Ilumina minha escuridão
A Voz que acalmou o mar
Tranquiliza meu coração

Presa em laços de trevas
Sua luz os nós desfaz
Sua mão me carrega
Para o meu lugar de paz

Presa em laços de trevas
Sua luz os nós desfaz
Sua mão me carrega
Para o meu lugar de paz

Mais uma vez, a sensação de fazer o que eu amo na frente de tanta gente me domina. Enquanto entoo minha música diante da multidão, uma quantidade exorbitante de serotonina inunda minhas veias.

Termino de cantar me sentindo viva como nunca antes.

A plateia grita como se eu fosse um de seus cantores preferidos. O som dos aplausos e pessoas berrando meu nome estouram a bolha de calmaria em que eu tinha me envolvido.

Agradeço a todos, completamente eufórica, e saio do palco me tremendo toda.

Os meninos e a Carol me recebem na coxia com um abraço em grupo, enchendo-me de elogios, quase tão animados quanto eu, mas praticamente não os escuto — estou muito agitada para prestar atenção em qualquer coisa.

Exceto, talvez, por Derek.

Percebo com bastante clareza seus olhos verdes encarando-me com admiração e êxtase.

— Você é incrível, Sardas! — Derek segura meu rosto entre suas mãos. — Nunca vou cansar de dizer isso.

Antes que ele tente algo maluco — como me beijar! —, me desvencilho e lhe dou um abraço apertado.

— Muito obrigada mais uma vez! — digo, ainda esmagando-o em meus braços. — Obrigada por me incentivar e me dar essas oportunidades! — Pego a mão de Carol, que estava por perto, sem me soltar de Derek. — Muito obrigada a você também, amiga! Minha apoiadora mais antiga! Não sei nem o que dizer!

— Só um "você estava certa" seria o suficiente. — Carol brinca.

Eu rio ao mesmo tempo em que meus olhos lacrimejam.

— Eu amaria ficar abraçado com você o resto da noite, Sardas, mas eu realmente preciso ir — Derek diz e só então percebo que ainda não o tinha soltado e que apenas ele da banda ainda não estava no palco.

Envergonhada, recuo um passo.

— Foi mal. Não vou mais te prender.

Com uma risada, Derek me dá um beijo na bochecha e vai para o palco, ainda com um sorriso lindo enfeitando seu rosto.

Esse foi, oficialmente, o melhor show da Grass of Glass. Não, mais ainda: *foi o melhor show da minha vida!*

Nunca estive tão à vontade, tão envolvida pela música, tão relaxada, tão eufórica, tão… viva! Foi sensacional! Espetacular!

— MARAVILHOSO! — Nas palavras da Carol. — FOI MARAVILHOSO!

Minha amiga se encontra pendurada no meu pescoço enquanto pula, girando ao meu redor, e, por consequência, fazendo-me girar também. Estou tão eufórica que a animação acima da média da minha amiga nem me incomoda, como teria acontecido em um dia normal.

Os momentos pós-show são tão frenéticos quanto os do pré-show. Os meninos mais uma vez são arrastados para entrevistas e mais bilhões de compromissos que eles não deveriam ter, pelo menos na minha humilde opinião, considerando que eles acabaram de *fazer um show!*

Dessa vez, contudo, diferente de semana passada, logo antes de ser levado pelo furacão Daisy, Derek para na minha frente, segura minhas mãos e olha bem no fundo dos meus olhos:

— É o seguinte, eu e os caras só vamos viajar amanhã cedo, então nós dois ainda vamos ter tempo de nos ver, tá bom?

Assinto, subitamente incapaz de falar devido à intensidade em seus olhos verdes.

— Você vai estar no hotel hoje à noite? — ele me pergunta.

— Para onde mais eu iria?

— Não sei, mas quero ter certeza de onde você vai estar, para a gente não se desencontrar de novo.

Derek olha por cima do ombro, na direção da porta por onde Daisy acabou de entrar já gritando ordens.

— Eu ia te dar meu número, mas, depois do fiasco do Instagram, eu preferiria que *eu* pegasse o *seu* número, para garantir que vamos manter o contato, pode ser? — Derek despeja tudo de uma vez.

— DOIS MINUTOS, MENINOS! — Daisy grita, já começando a arrebanhar a banda para fora do camarim.

Derek me estende seu celular com urgência, para eu salvar meu contato, e é o que eu faço.

— Vamos, Derek! — Daisy o apressa.

— Estou indo, me dê um minuto.

— Queria eu ter um minuto para dar, garoto! — ela resmunga, de braços cruzados, parada na porta, enquanto espera eu terminar de digitar meu número e meu nome.

— Madu Rios. — Derek lê, com um sotaque forte, o nome que escrevi no meu contato em seu celular.

— É, tipo *Rivers* em inglês — digo, porque não tinha nada para dizer. — Os primos dos lagos, sabe?

Derek dá uma risada, seguida por um sorriso triunfante. Então, se inclina em minha direção, me dá um beijo na bochecha e diz:

— A gente vai se falando, mas nos vemos mais tarde, certo?

— Certo. — Concordo com a cabeça.

Ainda sorrindo, Derek é arrastado pelo furacão Daisy.



Derek só voltou para o hotel depois da meia-noite e me mandou mensagem assim que chegou:

oii
desculpa o horário
ainda tá acordada?

oii
sem problemas
to acordada sim, como vc pode
perceber haha

hahahaha
quer dar uma volta pelo hotel?

E foi assim que eu e Derek Duncan, um dos maiores cantores atuais, paramos na cobertura de um dos hotéis mais caros de Salvador no meio da noite.

— Todo mundo está comentando sobre sua abertura hoje — Derek diz, encostando-se na balaustrada.

Apoio meus cotovelos ao lado dos seus e ficamos observando a cidade lá embaixo, com uma brisa fresca soprando entre nós.

— Só de eu não ter estragado tudo, já fico muito feliz — comento, sem tirar os olhos das poucas luzes ainda ligadas nos apartamentos ao nosso redor.

Derek ri.

— Não tinha nem chance de você estragar tudo. — Ele me olha de esguelha antes de comentar: — Foi a primeira vez que te ouvi tocar violão.

Sinto um frio na barriga.

— E o que achou?

— Incrível, é claro. — Um pequeno sorriso ergue o canto de seus lábios. — Eu poderia ouvi-la por horas. Se um dia você decidir dar um show, eu serei o primeiro a comprar um ingresso.

Coro no mesmo instante. Com um riso sem graça, dou um empurrão de brincadeira no ombro dele com o meu.

— Para de gracinha, garoto.

— Eu estou falando bem sério. Inclusive, isso me lembra uma coisa.

Viro para ele com curiosidade.

— Os caras me pediram para te perguntar se você topa regravar "Grass of Glass" com a gente.

— O quê?! — Engasgo com minha própria saliva.

Derek ri da minha reação.

— Isso mesmo que você ouviu, Sardas. — Ele vira de costas para a balaustrada, para me olhar melhor. — Eu e os caras gostamos muito dos versos extras que você compôs. A gente achou que expressa bem a ideia que nós estamos querendo passar atualmente. — Seu olhar vaga ao redor, perdido em pensamentos, enquanto ele continua a explicação: — A gente já não tem se identificado tanto com nossas músicas antigas, sabe? Eu mudei, eles mudaram, todo mundo mudou…

O olhar de Derek se perde por um momento e ele encolhe um ombro antes de continuar:

— Nem todos mudaram tanto quanto eu gostaria, confesso, mas é fato que todos mudamos… — Suas íris verdes retornam para mim. — Como você sabe, considerando que você é *glassie* por tabela… — Um sorriso brincalhão surge em seus lábios e uma risada escapole pelos meus. — No ano retrasado, eu e os caras participamos de um festival de música. Nesse festival, a gente encontrou…

— Um dos rappers britânicos mais famosos do mundo! — Imito a voz de algumas das fãs do cantor em questão.

Derek dá uma risada.

— Sim. E, por um acaso, esse cara, além de ser um dos rappers britânicos mais famosos do mundo, é cristão também. E ele é insano! — Derek arregala os olhos para mim, para enfatizar. — Sério, ele não perde tempo! Na primeira oportunidade que teve, ele já pregou o evangelho para mim e para os caras. Eu e o Peter nos convertemos ali na hora e, hoje, eu entendo isso como ação do Espírito Santo, porque não teria outra explicação para isso, sabe? Foi realmente um milagre.

— No fim, toda conversão é um milagre — comento. — Algumas só são mais fáceis de perceber esse fato do que outras.

— Sim, você está certa. Mas o ponto é que eu e o Peter nos convertemos, e logo começamos a frequentar uma igreja, e estamos sendo discipulados desde então. Crescemos muito nesses últimos dois anos.

— Sim. — Sorrio, sentindo uma espécie de orgulho. — Mesmo acompanhando vocês apenas por tabela e pelas redes sociais, deu para perceber essa mudança.

Derek me dá um sorriso agradecido.

— Glória a Deus por isso. De verdade. — Ele suspira, assumindo um ar mais pesaroso. — Mas nossa missão apenas começou e Deus sabe como tem sido difícil. Além disso, o Drew disse que se converteu também, mas ainda não tem mostrado muitos frutos da vida nova em Cristo, sabe?

Assinto.

— O Josh ainda fica bem resistente quando entramos nesses assuntos, mas não se opõe à fé que escolhemos seguir… — Derek dá de ombros, com seus olhos vagando perdidos por nossos arredores. — Apesar de tudo, percebo que ele também está mudado. Não como eu gostaria, não como eu oro, mas quem sabe um dia, né? Se Deus alcançou alguém como eu, Ele consegue alcançar quem Ele quiser, disso estou certo.

Aperto a mão de Derek, sem saber o que falar, mas querendo demonstrar que entendo o que ele quis dizer e compartilho o sentimento.

Derek aperta minha mão de volta e continua:

— Isso tudo só para dizer que nós mudamos. — Derek dá uma risada da longa divagação em que ele acabou entrando. — E nós quatro achamos que nossas músicas não expressam mais quem somos nem o que sentimos hoje.

Ele me olha, para ver se eu estou acompanhando seu raciocínio, e eu assinto, para ele continuar.

— A letra que você escreveu caiu como uma luva — Derek diz. — Você remodelou nossa música mais famosa, que fez de nós o que somos hoje, de forma que ela passe com mais exatidão nossa identidade atual. A gente pensou que essa é a oportunidade perfeita para a gente dar uma reformulada no nosso estilo. E quem melhor do que você, que compôs os versos novos, para nos ajudar nesse processo?

Meu queixo cai — de verdade.

Derek me observa com expectativa, esperando pela minha resposta.

— Eu… Uau… Você está falando sério?

Um sorriso carinhoso surge no rosto de Derek.

— Bem sério, Sardas.

— Uau… Só… Uau. — Fico de costas para a balaustrada também, precisando me apoiar em alguma coisa. — Nem sei se eu consegui

processar essa informação direito ainda…

Viro para Derek, sem acreditar.

— Uma das maiores bandas do mundo realmente está me chamando para fazer um *featuring* com eles?!

Derek dá uma risada suave.

— Colocando desse jeito, parece maior do que de fato é. — Ele dá de ombros. — São só uns caras que gostaram muito da sua música e querem colocá-la em um amplificador, para compartilhar com o mundo.

Balanço a cabeça, tentando organizar meus pensamentos.

— Eu honestamente não sei o que dizer.

Derek ri mais uma vez, distraindo-me por um momento. Viro para ele e, sem parar para pensar no que estou fazendo, encosto minha mão em sua bochecha com carinho:

— Quando você não está na frente de todo mundo, você fica mais relaxado. Sorri mais. — É, então, que constato algo que deveria ter sido óbvio desde o começo: — Você também não gosta de multidões, né?

Derek me dá um sorriso de canto.

— É, não sou o maior fã. Prefiro mil vezes ficar no meu quarto com meu violão a ter que encarar um monte de gente.

Só agora percebo como fui injusta com Derek por *anos*. Eu o julguei todo esse tempo, jurando que ele era antipático ou arrogante, quando, na verdade, ele — *assim como eu*, diga-se de passagem — apenas não sabe lidar tão bem com muita gente em volta.

— Como você consegue viver essa rotina doida dos shows, então? — pergunto.

— É diferente no palco… — Derek dá de ombros. — Você viu.

Assinto.

De fato, é bem diferente estar *na frente* de todo mundo e não *no meio*.

— E o que você me diz? — Derek me pergunta.

Olho para ele sem entender, o que o faz soltar uma pequena risada.

— Sobre regravar com a gente, Sardas…

— Ah! — Dou uma risada também, mas de nervosismo. — Nossa, minha primeira reação é aceitar na hora e logo depois sair correndo.

Derek ri.

— Mas eu preciso de algumas informações antes de te dar certeza. — Apesar de tudo, ainda sou uma pessoa racional. Não posso simplesmente

embarcar nessa aventura sem saber onde estou pisando. — Como seria isso? Imagino que a gente gravaria nos Estados Unidos, certo? Teria algum contrato?

— Sim, as gravações vão ser na nossa cidade. Vai ter um contrato também. O Josh e nosso agente podem te explicar melhor sobre isso depois, se você quiser.

— Com certeza!

Derek sorri para mim com suavidade.

Ele é mesmo outra pessoa quando não está na frente de todo mundo. Muito mais leve, mais calmo, mais *sorridente*. Gostei dessa versão dele. Muito.

— No que você está pensando? — Ele me surpreende com essa pergunta.

Fico vermelha na mesma hora.

— Em nada.

Derek solta uma risadinha.

— Com certeza não era em nada, pela sua reação. — Ele provoca. — Agora você vai ter que me contar.

— Não mesmo.

— Vamos lá, Sardas. — Ele me cutuca na cintura. — Conta para mim.

— Não — respondo, rindo com as cócegas.

— Vamos lá! Eu só vou parar quando você me disser.

De onde veio esse Derek brincalhão assim?!

Ainda rindo, desembucho de uma vez:

— Não é nada novo, na verdade. Só estava pensando naquilo que eu te disse agora há pouco, que você fica diferente quando não está sendo observado. Você fica mais Henry.

Ele ri.

— E o que seria isso, exatamente?

— Mais bem-humorado, mais tranquilo, sem tantas ressalvas…

Ele assente, pensativo.

— Eu gosto de estar com você, Sardas. — Ele comenta em um tom tão suave que quase se perde com a brisa que sopra entre nós. — Vai ser muito bom ter você um tempo lá, gravando com a gente…

— Imagina para mim, então! É só a oportunidade da minha vida! Não sei nem como agradecer a vocês!

Ele ri.

— É a gente que tem que te agradecer. Você realmente foi a resposta que a gente estava procurando. — Derek se empurra para longe da balaustrada, voltando a se apoiar em seus pés, então estende a mão para mim, que a pego no mesmo instante. — Agora, vamos. Está ficando tarde e você precisa dormir.

Reviro os olhos.

— Eu estou muito bem, obrigada.

— Seus olhos estão pesados e suas piscadas estão durando uma média de três segundos, Sardas. — Abro a boca para dar uma resposta espertinha, mas, como se tivesse lido minha mente, Derek diz: — E, sim, eu contei.

Reviro os olhos de novo, mas um bocejo traidor resolve sair justamente neste momento. Derek apenas ergue uma sobrancelha com ironia para mim.

— Eu aguentaria virar a noite. — É o que digo.

Ele me observa por alguns segundos.

— Então, pelo menos, vamos ficar do lado de dentro, porque, se começar a esfriar, uma certa pessoa ainda não me devolveu minha jaqueta, então eu não teria nada para te emprestar agora.

— Estamos em Salvador, Derek. — Reviro os olhos, mas com um sorrisinho estragando minha pose. — Tenho certeza de que não vamos precisar de nenhum tipo de roupa de frio.

Dou uma risadinha e faço uma careta brincalhona para ele, que me presenteia com mais um de seus sorrisos espontâneos e descontraídos.

CAPÍTULO 13

Até o Sol Nascer

No fim, acabamos indo para o interior do hotel. Ficamos na academia, que é um lugar público, mas privado o suficiente para Derek poder ficar mais tranquilo, sem o risco de ser reconhecido a qualquer momento.

Sentamos no chão, um ao lado do outro, e ficamos um tempo em silêncio, apenas nos olhando. Sem pensar muito no que estou fazendo, ergo a mão e encosto em uma mecha do cabelo de Derek, querendo descobrir se era tão macio quanto parecia.

Enquanto observava as pequenas ondas de seu cabelo despontando de forma tão charmosa para todas as direções, uma curiosidade antiga volta com tudo.

— Posso te perguntar uma coisa?

— Por favor.

Suas íris verdes sondam as minhas castanhas.

— Você só cortou o cabelo porque eu falei que preferia caras de cabelo curto?

Derek solta uma pequena risada e recosta a cabeça na parede, apreciando o carinho que eu fazia de forma distraída em suas mechas escuras e sedosas.

— Não vou mentir para você falando que o que você disse não teve influência nenhuma na minha decisão… — Ele suspira, parecendo cansado da rotina intensa dessas últimas semanas de show. — Mas na verdade eu já estava querendo cortar meu cabelo faz um tempo.

— Então por que demorou tanto para fazer isso?

— Minha imagem não cabe mais apenas a mim. — Ele ergue um ombro, demonstrando impotência. — Tem uma equipe responsável pelo nosso estilo, o que inclui nosso cabelo. Eles ficavam falando que nossas fãs preferiam meu cabelo longo e sei lá mais o quê. Aí eu falei que tinha feito uma pesquisa de campo e descoberto que as fãs na verdade preferiam meu cabelo curto.

— No caso, era apenas uma fã que preferia.

— Mas era a única que importava.

Minhas faces esquentam sem minha permissão.

— E você realmente acabou de admitir que é minha fã? — Derek provoca com um sorrisinho presunçoso.

Reviro os olhos, fingindo uma calma que estou longe de sentir.

— Não deixe a fama subir à sua cabeça, Derek. — Ele solta uma risada. — Mas a sua equipe comprou essa história da pesquisa de campo, então?

Derek dá de ombros.

— Não sei se compraram ou se só cansaram da minha insistência. O ponto é que eles finalmente me deixaram cortar o cabelo.

Ele ergue as mãos, fingindo comemorar, o que me faz rir.

— De nada, então — brinco.

— Você que deveria me agradecer — ele devolve no mesmo tom. — Ou vai dizer que meu cabelo não ficou muito mais agradável aos seus olhos?

— Se você estiver tentando descobrir se eu gostei do seu novo corte, você pode só perguntar, sabe?

Derek ergue uma sobrancelha, com um sorrisinho petulante assumindo suas feições.

— É mesmo? Não sabia que era tão simples assim… Mas, então, me diga, Sardas: o que você achou do meu novo corte?

Tudo bem, o feitiço se virou contra a feiticeira.

Retiro minha mão de seu cabelo e me ajeito no chão, limpando a garganta com um pigarreio.

Eu poderia só ter ficado calada, mas, não, tive que me colocar em uma situação supercomprometedora. Se Derek não tinha percebido até agora os sentimentos que ele desperta em mim, certamente minha próxima resposta vai me entregar — quer eu tente ser evasiva ou não.

Mordo os lábios, tentando manter o controle e uma expressão neutra.

— E então? — Derek provoca mais uma vez, um sorriso divertido despontando em seu rosto. — Estou esperando.

Sua expressão presunçosa foi o incentivo que me faltava. Com mais segurança do que eu sentia de fato, cruzo os braços e falo:

— Para a sua informação, achei incomparavelmente melhor seu cabelo curto, sim, senhor Duncan. Satisfeito?

— Muito — Derek responde com os olhos brilhando.

Um sorriso suave preenche seu rosto enquanto ele toca o meu com delicadeza. Sua doçura acaba dissolvendo minha irritação.

— Posso tirar outra dúvida? — Quebro o clima com uma pergunta.

Derek ri, achando graça de algo, e se recosta de volta na parede.

— Vai em frente.

— Como você sabia meus versos extras de “Grass of Glass” naquele primeiro show que eu cantei com vocês? — Observo seu rosto com atenção. — Eu só te mostrei a letra que eu adicionei à sua música uma vez.

Derek ergue as sobrancelhas com humor.

— Na verdade, você me mostrou duas vezes.

— Não. Tenho certeza de que foi um dia só.

— Mas lembra que eu te pedi para repetir?

Assinto.

— Eu aproveitei para gravar no meu celular. — Seus olhos se intensificam sobre mim. — Não vou nem tentar negar o fato de que eu ouvia nossa versão com bastante frequência depois disso.

— Muito sagaz — digo, ignorando o frio na barriga que ouvi-lo dizer “nossa versão” me causou.

Derek dá uma risada, e suas íris verdes continuam sobre mim quando ele diz:

— Posso aproveitar o momento para perguntar uma coisa que também estou querendo saber há um bom tempo?

Assinto, engolindo em seco, mas digo:

— Nada mais justo depois do meu interrogatório.

Derek ri mais uma vez, então desvia o olhar, pensativo. Ainda observando o nada, ele pergunta:

— O que te inspirou para compor os versos extras?

Olho para ele, tentando entender o que exatamente ele estava querendo saber.

— De “Grass of Glass” — Derek esclarece. — Você disse que achava a letra original muito melancólica. Aí você disse que tentou consertar a música.

Franzo o nariz.

— Não acho que “consertar” seja a melhor palavra.

— Ok, “adaptar”, então. — Ele faz um movimento com a mão de desdém.

— Melhor.

— No que você estava pensando quando compôs os versos extras? — Ele repete, colocando seus olhos verdes e intensos sobre mim mais uma vez.

Dou de ombros, respirando fundo.

— Eu primeiro pensei no que sua letra me fazia sentir, sabe?

— E o que ela te fazia sentir?

Mordo o canto dos lábios, refletindo.

— Vazio. Desesperança — digo, por fim, com um fio de voz.

Derek concorda com a cabeça.

— Era como eu me sentia quando eu a compus.

— Eu também me sentia assim — digo. — Na época em que “Grass of Glass”, a música, estourou, eu não estava muito bem e Carol vivia ouvindo perto de mim, o que acabava me fazendo ficar pior. Eu ouvia a música e me sentia para baixo, entende?

Derek concorda com uma expressão de pesar.

— Sinto muito por isso.

Dou um sorriso de canto.

— Está tudo bem, eu aprendi a lidar.

— Fico feliz. De verdade.

Sorrio em agradecimento.

— Eu sou muito próxima dos meus pais. — Continuo minha explicação sobre meus versos extras. — A gente sempre conversou bastante, pelo menos sempre que eles estão em casa, já que eles trabalham muito. Cinco anos atrás, numa dessas conversas, minha mãe, que percebeu que eu não estava muito bem, me ensinou algo que mudou o jeito como eu tento encarar a vida desde então.

— O que ela te ensinou?

— Uma verdade bem antiga, que diz que devemos sempre tentar lembrar daquilo que pode nos dar esperança. — Olho para Derek, que assente. — O que colocamos para dentro da nossa cabeça é muito importante. Se eu só consumo coisas tristes, a tendência de eu ficar triste é maior. Não estou falando que esse é o único fator nessa equação, mas é um ponto muito importante. Por isso, eu me esforço para estar sempre consumindo coisas que me façam bem, que me façam lembrar do que é bom, do que tem valor eterno e verdadeiro. Por isso eu fiz os versos extras.

— E como foi seu processo criativo? Tipo, como você *compôs* os versos extras? Você só pegou os meus e adaptou?

— Bom, sim… eu basicamente fiz o contraponto da sua música.

Derek ri.

— Sim, isso eu já tinha percebido. O que eu quero saber é *como* você chegou a esse antídoto.

Acho graça de sua escolha um tanto exagerada de palavras.

— Antídoto?

— Você me entendeu. — Ele responde com bom humor, mas impaciente para saber minha resposta, por isso vou direto ao ponto:

— Na letra original, você viu e descreveu a grama de vidro como algo ruim. Você viu o lado perigoso e sombrio da coisa… Eu resolvi dar uma chance para o lado esperançoso.

Derek assente, num incentivo para que eu continue.

— Você falou da grama de vidro como algo que corta e machuca…

— E eu estava errado? É vidro saindo do chão! — Derek diz em tom de piada, o que me faz rir e ele me acompanha.

— Sim, mas é tudo uma questão de ponto de vista.

— Como assim?

— Por que focar no vidro que corta se podemos prestar atenção ao fato de que os cacos que caíram no chão viraram uma espécie de semente? E, não apenas isso, esses cacos germinaram e viraram grama! Para ter grama em algum lugar, é preciso ter vida. Se um caco brotou, é porque vida entrou nele e o fez germinar.

— “Vida irrompe no rompido” — Derek recita o verso extra que compus para a primeira linha do último refrão.

— Exato.

Derek assente, pensativo, com um sorriso brincando no canto de seus lábios.

— Entendi. Gostei. — Seus olhos verdes focam em mim mais uma vez. — E gostei disso de tentar ver o lado esperançoso das coisas.

— Obrigada, mas essa ideia não é minha.

— Sim, peguei a referência a Jeremias quando você contou sobre o que sua mãe te ensinou anos atrás... — Derek sorri para mim. — “Quero trazer à memória o que me pode dar esperança”[9], né?

— Isso. — Assinto, impressionada que ele conheça a Bíblia tão bem.

Já faz mais de dois anos, mas ainda não me acostumei direito com o fato de que ele é mesmo cristão. E eu, com certeza, não esperava que ele fosse crente ao ponto de não apenas reconhecer como também citar versículos bíblicos.

Isso fez com que eu me encantasse ainda mais com ele.

— É — Derek continua a conversa, alheio aos meus sentimentos —, eu tenho tentado colocar esse versículo em prática há um bom tempo, mas é bem difícil. Possível, sim, porque vejo que Deus já trabalhou muito em mim nesses aspectos, mas difícil, cansativo e, muitas vezes, doloroso.

— Nossa, nem fala! — Suspiro. — Me pergunto se esta vai ser uma luta minha até o fim da vida.

Derek dá de ombros e me diz com carinho:

— Também gostaria de saber, e pode ser que, sim, vamos ter que lutar contra nosso lado pessimista o resto da vida, mas eu tenho certeza de três coisas... — Derek enumera com os dedos conforme vai falando: — Um, Jesus já venceu por nós. Dois, o Espírito Santo nos capacita a vencer nossos pecados. E três, com o Espírito é possível ficarmos melhor do que estamos agora. Ainda que não nos tornemos perfeitos nesta terra, com certeza podemos nos tornar melhores do que somos hoje.

Olho impressionada para Derek por alguns segundos, até conseguir falar, com um sorriso admirado saindo em meu rosto:

— Amém.

Ele sorri para mim com carinho.

— Posso tirar mais uma dúvida? — pergunto, antes que o momento de esclarecer as coisas entre nós acabe — É a última, prometo.

Derek dá uma risada.

— Pode fazer quantas perguntas quiser, Sardas. É sempre muito bom conversar com você.

Coro, mas tento ignorar meu coração acelerado.

— Por que — começo —, depois que a gente se “conheceu” no elevador, você me chamou, como Derek, para ir com vocês para o show às 17h, sendo que você, como Henry, já tinha combinado de se encontrar comigo nesse mesmo horário?

Derek enruga o nariz, como se eu tivesse feito justamente a pergunta que ele torcia que eu não fizesse nunca.

— Você promete que não vai me odiar? — ele me lança um olhar pidão.

— Prometo que vou tentar — brinco.

— Tudo bem… — Ele respira fundo, passando as mãos nos cabelos curtos e olhando para o teto. — Era uma espécie de teste. Eu queria ver se você realmente não estava querendo sair comigo, Derek, apenas por eu ser famoso, entende? Queria ver se todo o discurso que você sempre fez de que não era *glassie* e não se importava com a fama, etc., era realmente verdadeiro.

— Mas e se eu tivesse gostado mesmo de você, Derek? E se eu estivesse mais a fim de conhecer mais sobre você, Derek, do que sobre o Henry? — Estreito os olhos. — Cara, que conversa confusa, mas acho que você me entendeu.

Derek ri.

— Sim. — Ele passa a mão nos cabelos mais uma vez, ainda evitando olhar para mim. — Foi um risco que escolhi correr. — Ele dá de ombros. — Eu percebi como a gente tinha se conectado como Amber e Henry e imaginei que fosse recíproco, então achei que você iria priorizar o Henry… Sei lá, não pensei muito nas consequências do meu teste, foi uma ideia meio de última hora… — Ele ri. — Eu só sei que eu queria garantir que não estaria sendo usado de novo, entende? Tem muita gente interesseira nesse mundo da fama.

— Imagino.

— Então você não está chateada comigo? — Suas íris verdes sondam meu rosto, analisando minha reação.

— Não. Achei compreensível, na verdade. Confuso e um tanto revoltante, mas compreensível.

Derek ri.

— Foi mal.

— Já passou — brinco e ele ri mais uma vez.

A conversa continua fluindo com naturalidade entre nós pelo resto da noite.

Aproveitamos este tempo, o mais longo e mais calmo que já tivemos juntos até hoje, para esclarecermos muitas questões que ficaram pendentes entre nossos encontros e desencontros. Também foi o momento de finalmente nos conhecermos melhor, com um pouco mais de profundidade.

Falamos sobre nossa fé, nossas famílias, nossas expectativas para o futuro, nossa visão de mundo… Mas também falamos sobre temas mais amenos, como nossos filmes e livros preferidos, histórias engraçadas envolvendo nossos pets e tantas outras coisas que nem mesmo as milhares de reportagens que Carol já leu para mim sobre Derek poderiam me revelar.

Quando menos percebemos, o sol começa a nascer. Nós dois estamos nitidamente cansados, mas nem um pouco arrependidos de não termos sequer tirado um cochilo nesta noite.

Assistimos aos primeiros raios de sol irrompendo pelas janelas da academia e nunca foi tão bonito observar a luz da manhã iluminando equipamentos comuns de malhação.

Viro para Derek, que já olhava para mim.

A luz do sol incidindo sobre nós evidencia o quanto estamos perto um do outro. A luminosidade suave da manhã toca as íris de Derek, dando-lhes um tom esverdeado como o da grama fresca de orvalho.

Derek também me observa, parecendo tão encantado quanto eu. Seus dedos se erguem e roçam com delicadeza minha maçã do rosto, tocando de leve cada uma das minhas sardinhas.

Nossas testas se encostam e nossos narizes se aproximam. Fecho os olhos, envolvida pela mágica do momento.

Então o alarme de Derek começa a tocar.

CAPÍTULO 14

Rios

— Hora de ir — Derek declara. Seu tom me parece um tanto frustrado.

Com um suspiro, ele se levanta e me estende a mão.

Enquanto sou içada para cima, uma tristeza que eu não imaginava sentir toma conta de mim. Derek parece percebê-la e, talvez, até mesmo compartilhá-la.

— Se você topar mesmo gravar com a gente, em alguns meses nos vemos de novo. — Ele tenta me animar com um sorriso que parece ao mesmo tempo cabisbaixo e esperançoso.

Assinto, incapaz de falar, retribuindo seu sorriso agridoce.

Caminhamos a passos lentos até o elevador e esperamos em silêncio que ele chegue em nosso andar. Não falamos nada, como se quiséssemos aproveitar ao máximo cada segundo restante que ainda temos um com o outro.

Duas notas suaves ecoam pelo corredor, indicando que nossa carona até nossos quartos chegou. Entramos no cubículo de aço e suas portas de metal se fecham.

Derek segura minha mão e entrelaço meus dedos nos seus. Permanecemos em silêncio enquanto observo o mostrador de andares mudando a cada metro que nos aproximamos do meu quarto.

Minha mente viaja até alguns dias atrás, quando estivemos juntos pela primeira vez em um elevador. Derek me olha de soslaio e posso dizer, pelo sorriso suave que surge em seu rosto, que seus pensamentos seguiram o mesmo rumo que os meus.

O elevador para e descemos.

— A gente mantém o contato, pode ser? — Derek pergunta, apertando minha mão com firmeza por um instante.

— Por favor.

Derek me acompanha até a porta do meu quarto.

O fato de que esses provavelmente serão nossos últimos minutos juntos, pelo menos durante um tempo, parece pesar sobre nós.

Quando chegamos à frente da minha porta, ficamos parados, olhando um para o outro por alguns instantes, sem coragem de nos despedir mais uma vez.

Derek começa a se inclinar em minha direção. O movimento acontece de forma tão natural que é como se ele nem percebesse o que estava fazendo. Eu, contudo, me adianto e deposito um beijo em sua bochecha.

Um sorriso de canto contrariado se ergue no rosto de Derek.

— Por que, toda vez que eu me aproximo, você se afasta? — Ele pergunta, apoiando a testa na minha e fechando os olhos.

Cerro minhas pálpebras também, querendo muito beijá-lo, mas sabendo que não devo. Ao menos não agora.

— Não beijo quem não tem nenhum compromisso comigo — respondo de forma honesta. — E a falta de clareza sobre o que está acontecendo entre a gente me gera um pouco de ansiedade às vezes.

Derek se afasta de mim e abre os olhos na mesma hora, encarando-me com intensidade. Suas íris esverdeadas movendo-se de um lado para o outro são o indício de seus pensamentos acelerados, mas não faço ideia do rumo que estão tomando — o que leva meu coração a bater mais rápido.

Por fim, Derek assente, como se concluísse uma discussão consigo mesmo, e me dá um beijo carinhoso na bochecha. Com um olhar suplicante, ele pergunta:

— Você promete que não vai sumir de novo?

Dou um riso ao mesmo tempo nervoso e aliviado.

— Prometo.

— Ótimo.

Ele sorri, satisfeito com a minha resposta.

— A gente se vê por aí, Sardas. — Ele se inclina e deposita um beijo suave e afetuoso em minhas sardinhas.

Fico na ponta dos pés e retribuo com um beijo em sua bochecha. Derek me abraça apertado contra si, respirando fundo antes de se afastar.

Com um último aceno, ele vira o corredor e não consigo mais enxergá-lo.

Essa última cena dele se despedindo me acompanhou durante o meu sono, quando me deitei para dormir, logo depois de entrar no quarto que compartilho com Carol.



Eu e Carol voltamos para casa no dia seguinte ao show.

Meus pais me apoiaram assim que contei a eles sobre a proposta que recebi da Glass.

Eles sempre incentivaram muito esse meu lado mais artístico. Já os ouvi comentando uma vez que, se tivessem dinheiro, gostariam de me enviar para um intercâmbio, atrás de alguma oportunidade. E, agora, essa oportunidade apareceu diante de mim, como se tivesse caído do céu. Eles perguntaram se eu precisaria de alguma coisa e eu disse que apenas das orações deles.

Durante os dias que se seguiram, me dediquei a ler o contrato que o assessor da banda havia me enviado. Meus pais arranjaram um advogado para analisar o contrato também e, quase sem ressalva nenhuma, em poucos dias já estava assinando os papéis.

Derek não tinha me contado tudo. A Grass of Glass não estava me oferecendo a oportunidade apenas de regravar a principal música deles *com* eles — o que, por si só, já seria algo enorme —, mas também de gravar uma música *minha!*

Nem acredito que, em breve, “Lugar de Paz” vai estar disponível nas principais plataformas digitais e com uma qualidade de gravação de estúdio! Meu coração parece prestes a explodir no meu peito!

Perguntei para a Carol se ela poderia ir comigo para essa aventura e ela nem precisou pensar duas vezes antes de aceitar. Eram dois de seus

sonhos se realizando: eu deslanchando na carreira de cantora e ela tendo a oportunidade de passar mais tempo com seus artistas preferidos.

Carol quis assumir a responsabilidade de escolher em qual hotel ficaríamos e comprar nossas passagens. A parte mais demorada foi quando eu precisei tirar meu visto, mas, depois de um estresse considerável, deu tudo certo, graças a Deus.

E, então, veio a parte mais difícil: esperar a data da nossa viagem.

O combinado com a Glass é que eu deveria chegar a Deberley[10], cidade natal dos meninos e onde eles ainda moravam, em julho — tanto porque, a essa altura, eu já estaria de férias da faculdade, quanto porque a turnê deles só terminaria por esse período.

Os meses seguintes se passaram como um vulto — as aulas no meu curso de Ciências Contábeis; as pessoas, no mundo “real” e virtual, enchendo-me de perguntas sobre o que estava acontecendo entre mim e Derek; as noites que eu e Derek passamos conversando por videochamada…

Tudo passou tão rápido e parecia tão surreal que meu cérebro mal conseguiu processar essa quantidade exorbitante de informações. Era como se eu estivesse vivendo em um sonho, ou em um filme… incrível e inusitado demais para eu acreditar que era verdade.

Essa sensação de estar aérea a tudo apenas se intensificou no dia da tão esperada viagem. Tenho lembranças um tanto nebulosas de me despedir de meus pais e embarcar no avião.

Carol mal cabia em si de tão animada. Apertei firme os seus dedos quando ocupamos nossos assentos do avião.

— Isso está mesmo acontecendo? — pergunto, com um nó formando-se em meu estômago gelado.

— Sim, amiga! Com certeza está! — Carol responde, praticamente pulando em seu assento ao meu lado.

Mordo meus lábios e observo as nuvens brancas e fofinhas passando ao nosso redor.

Se alguém contasse para a Madu do início do ano que sua vida mudaria apenas por cantar no chuveiro, ela com certeza riria na cara da pessoa. Mas, bem, aqui estamos. Rumo a uma experiência nova e completamente inesperada!

As horas intermináveis do voo só não foram ainda mais excruciantes porque consegui dormir a maior parte do tempo.

E, então, *finalmente* pousamos nos Estados Unidos.

Eu e Carol chegamos a Deberley uma semana antes do início das nossas gravações da nova versão de “Grass of Glass”.

Nesses meses que se passaram, eu e Derek nos falamos todos os dias, nem que fosse apenas por cinco minutos (considerando que ele estava megaocupado, terminando a turnê, e eu, com as questões burocráticas e meus estudos na faculdade), para orarmos juntos antes de eu dormir (já que cada dia ele estava em um fuso horário diferente) e desejarmos um ao outro um “boa noite”.

Foi nessas conversas que Derek não apenas conheceu meus pais, como também ficou muito amigo do meu pai em particular, considerando que vira e mexe eu os pegava conversando sozinhos — tanto por mensagens quanto por videochamada. Sobre o que eles tanto falavam é a grande questão, já que meu pai sempre dizia que era algo entre eles dois e que, quando Derek quisesse, ele mesmo compartilharia comigo.

— Deberley é ainda mais linda pessoalmente do que por fotos! — Carol exclama, trazendo-me de volta ao presente enquanto arrastamos nossas malas até o Uber que nos levará ao nosso hotel.

Concordo com a cabeça, sem conseguir falar qualquer coisa no momento.

Nem acredito que estou mesmo aqui! Depois de meses de espera, eu enfim cheguei à cidade natal de Derek!

Mal posso esperar para reencontrar meu amigo mundialmente famoso, mas, diferente do que eu ou ele gostaríamos, ainda vamos precisar ficar alguns dias sem nos ver. Derek e os meninos estavam em Los Angeles, que é consideravelmente perto daqui, fazendo os últimos shows, e só voltariam para casa na próxima semana, quando iniciaríamos nossas gravações.

Segunda-feira finalmente chegou e eu acordei antes mesmo que o despertador tocasse. Meu coração acelerado me impedia de ficar parada, então zanzei pelo apartamento que estava dividindo com a Carol a manhã inteira sem realmente fazer algo útil. Depois de um tempo, minha amiga desistiu de tentar me acalmar.

Enfim chegou a hora de irmos para o estúdio e eu pensei que poderia ter uma parada cardíaca a qualquer momento. Era muita emoção diferente junta, era muita coisa acontecendo ao mesmo tempo!

Chegamos antes dos meninos ao prédio em que seriam feitas as gravações e ainda tivemos que ficar esperando por alguns minutos — que pareceram *horas*! A essa altura, Carol já estava tão surtada quanto eu, porque ela estava “apenas” na sede da sua banda favorita no mundo inteiro!

Mal tinham se passado dez minutos desde que nos sentamos no sofá de uma das salas no andar principal, quando minha amiga levanta e diz:

— Não aguento mais ficar parada! Minha curiosidade está me matando! — Ela observa tudo ao redor como se engolisse cada detalhe com os olhos. — Quer dar uma volta pelo prédio comigo?

— Desculpa, amiga, mas acho que eu prefiro ficar aqui. — Sento-me em cima das minhas mãos, tentando me acalmar. — Para o caso de eles chegarem, sabe?

Carol me olha meio segundo e então entende. Eu estava morrendo de vontade de reencontrar Derek e queria facilitar o máximo possível para que esse momento acontecesse o quanto antes. Minha amiga assente e pergunta:

— Mas você se incomodaria se eu desse uma volta por aí?

— Não, fique à vontade.

— *Muito obrigada!*

Sem precisar de mais incentivo, Carol sai quase correndo e eu observo a sala, para passar o tempo.

Além do sofá em que estou sentada, há uma mesa de sinuca, uma daquelas máquinas de comida, uma janela grande, que dá para a cidade, alguns pufes e vários instrumentos espalhados. Um violão está pendurado em uma parede, um baixo, apoiado no chão em um canto, um cajon, largado perto da mesa de sinuca, uma guitarra, jogada em um pufe e um piano de armário, perto da grande janela.

Querendo me distrair um pouco, vou até o piano e sento-me no banquinho, que fica de costas para o resto da sala. Começo a tocar — no início, um tanto travada, devido ao meu nervosismo acumulado, mas, aos poucos, o poder terapêutico que a música sempre exerce sobre mim começa a fazer efeito.

O prazer de pressionar as teclas do piano me envolve e me perco no tempo e no espaço. As notas produzidas por meus dedos ressoam ao meu redor, cercando-me com uma aura leve e aconchegante. Permito-me ser levada pela melodia, flutuando entre um acorde e outro, extasiada.

— Eu achei que você tinha dito que só tocava um *pouco* de piano. — Uma voz rouca bastante familiar me traz de volta à realidade com um sobressalto.

Sua aparição repentina me faz apertar várias teclas do piano ao mesmo tempo, produzindo um som brusco e desafinado.

Viro para trás com o coração batendo forte e me deparo com um certo par de olhos verdes observando-me com admiração.

— Derek! — exclamo; mil emoções transparecendo em minha voz.

Um sorriso que espelhava o meu próprio se abre no rosto de Derek.

— Senti sua falta, Sardas.

Ele vem até onde estou, a essa altura já em pé, e me abraça apertado. Ele se afasta um pouco, mas apenas para repousar sua testa na minha.

— Nossa, como eu senti sua falta! — ele repete, de olhos fechados.

Também fecho os meus, deleitando-me com o fato de estarmos juntos de novo.

— Eu também — digo baixinho. — Muito.

Ele sorri — um sorriso completo, daqueles que nos faz querer parar e admirar —, então me puxa pela mão com delicadeza de volta para o piano. Sentamos lado a lado no banquinho e ele começa a dedilhar algumas notas.

— Que horas você chegou? — pergunto.

Derek toca mais alguns acordes do que reconheço ser a introdução de “Grass of Glass” antes de responder:

— Uns trinta minutos atrás.

— Nossa! Você deve estar exausto, então.

Ele tira os olhos das teclas do piano e os coloca sobre mim, sem parar de tocar. Um sorriso de canto e suave desponta em seu rosto.

— Valeu a pena.

Sinto-me corar.

Para ter o que fazer e me sentir menos constrangida, junto-me a ele, assumindo o lado mais agudo do piano.

Brincamos por um tempo um com o outro e com a música, até que começamos um arranjo que tem um potencial muito bom. Focamos nossa atenção nestes novos acordes, que fluem e se complementam.

No auge de nossa concentração, ouço uma voz sussurrar:

— Por favor, me diz que tem alguém filmando. Precisamos usar isso na nova versão que vamos gravar de “Grass of Glass”!

Olho para trás com um susto, enquanto Derek solta uma pequena risada e responde sem nem sequer se virar:

— Relaxa, Drew, estou com as notas frescas na cabeça ainda.

Derek enfim para de tocar e se vira para o resto da banda e Carol, que estão sabe-se lá há quanto tempo nos ouvindo.

— Alguém dá uma folha pautada para eles antes que eles esqueçam tudo, então! — Josh exclama.

Drew, o primeiro a encontrar o que procurávamos, joga para Derek o caderno e a caneta e nós dois começamos a transcrever o que estávamos tocando. Ou, pelo menos, nós tentamos. Os três garotos e minha amiga fazem mais barulho do que se espera de apenas quatro pessoas.

— Será que dá para vocês saírem, para a gente conseguir terminar nosso trabalho em paz, por favor? — Derek pede em determinado momento.

Eles dão risadinhas, mas vão embora.

Depois de mais algumas horas concentrados — no meio das quais ouvi, sem muita atenção, o agente da banda chegando para começarmos a gravação e os meninos explicando que teriam que esperar um pouco, pois estávamos trabalhando em um novo arranjo —, finalmente terminamos de transcrever as notas e resolvemos testar para ver se deu certo.

Voltamos para o piano e começamos a seguir a partitura que acabamos de esboçar. Pelos próximos minutos, fazemos pequenas pausas eventuais para ajustar alguns detalhes necessários até nos darmos por satisfeitos.

Quando concluímos nossa nova versão da melodia, eu e Derek nos entreolhamos com sorrisos gêmeos. Ambos estávamos cansados, mas orgulhosos de nosso trabalho. Derek se levanta e me oferece a mão, que aceito sem pensar duas vezes. Ele nos conduz até o sofá, em que nos jogamos, exaustos.

Derek me observa com intensidade por alguns segundos. Ele parece pensar, travando uma espécie de diálogo interno consigo mesmo, que se torna visível em suas íris verdes agitadas.

Quando minha curiosidade e aflição começam a atingir um grau mais elevado do que posso suportar, tentando descobrir o que pode estar se passando em sua cabeça, Derek se endireita no sofá em um rompante e diz:

— Escuta, eu estava aqui pensando… — Ele coça a nuca, desviando o olhar. — Eu escrevi duas músicas. Na verdade, eu ainda estou compondo

uma delas, mas eu queria te mostrar.

Ele me olha com expectativa e nervosismo.

Respiro aliviada e digo com um sorriso aberto:

— Por favor! Eu vou amar ouvir!

— Eu não terminei uma delas ainda, mas acho que dá para pegar a ideia. — Ele solta uma risada, como se tivesse feito uma piada que só ele pudesse entender.

Estreito os olhos, um tanto confusa.

Derek se levanta e vai até o violão pendurado na parede. Ele passa a correia pelo pescoço e se dedica a afinar o instrumento enquanto volta e se senta perto de mim mais uma vez.

— Eu tinha pensado de fazer isso em outro momento… — Ele diz com os olhos fixos no violão, concentrando-se em afiná-lo. — Mas eu pensei também: por que esperar mais, certo?

Derek olha para mim de relance.

Engulo em seco, sentindo meu coração acelerar.

Por que ele está sendo tão enigmático?

Antes que eu surtasse de vez, Derek se dá por satisfeito com o violão, limpa a garganta e diz:

— O nome dessa primeira música é “Rivers”.

Ele dedilha algumas notas e logo sua voz rouca preenche o ar entre nós:

No inesperado
Encontrei os rios
De braço cruzado
Como um desafio

Torrentes profundas aveludadas
Correntes cacheadas anoitecidas
Porcelana leitosa estrelada
Fontes de água me cantam Vida

Som alto e inesperado
Percurso perturbado
Tom suave, angelical
Paz em meio ao temporal

Torrentes profundas aveludadas
Correntes cacheadas anoitecidas
Porcelana leitosa estrelada
Fontes de água me cantam Vida

Os primos dos lagos
Seu canto é um afago
Os primos dos lagos
Seu canto é um afago

Torrentes profundas aveludadas
Correntes cacheadas anoitecidas
Porcelana leitosa estrelada
Fontes de água me cantam Vida

Derek termina de cantar, deixando-me com o coração acelerado e sem reação por alguns segundos.

Meus olhos estão arregalados enquanto mordo meus lábios, em um esforço descomunal para interpretar esse poema.

Essa música é sobre mim, não é?!

Ao mesmo tempo que isso parece ser óbvio, eu ainda não tenho plena certeza.

Mas tem tantos elementos tão específicos que tornam quase impossível serem meras coincidências!

“De braços cruzados”? A que mais Derek poderia estar se referindo senão à primeira vez em que ele me viu, de braços cruzados no show?

“Porcelana leitosa estrelada” me faz lembrar de quando ele chamou minhas sardas de estrelinhas.

“Som alto e inesperado” para mim é uma referência óbvia à nossa piada interna.

E isso de “os primos dos lagos” me faz ter quase cem por cento de certeza de que Derek estava definitivamente querendo me dizer alguma coisa, porque foi o que eu falei para ele quando salvei meu contato no seu celular!

Percebo vários outros detalhes, que me dão ainda mais certeza de que ele escreveu essa música para mim — *sobre* mim!

Mas e se eu estiver interpretando tudo errado?

E se eu estiver vendo coisa onde não tem apenas porque é isso que eu quero?!

Um sorriso divertido e, ao mesmo tempo, nervoso se abre no rosto de Derek conforme ele observa minha reação.

— A próxima música ainda está incompleta — ele diz. — Na verdade, eu só tenho o refrão, mas é o suficiente para o momento. O nome dela é “Freckles”.

Meu coração já está a mil quando ele começa a cantar:

Me apaixonei duas vezes por você
A primeira ao te ouvir
A segunda ao te ver

E pra não restar dúvidas
Venho aqui esclarecer
Sim, Sardas, estou falando de você

Um riso trêmulo escapa pela minha boca. Em parte porque achei graça, em parte porque estou sem acreditar e, principalmente, porque estou nervosa como nunca estive antes (mais até do que a primeira vez em que subi no palco na frente de milhares de pessoas!).

Derek me observa com a respiração acelerada, mas sorrindo, divertindo-se com a minha reação, ao mesmo tempo que me aguarda com expectativa.

Abro e fecho a boca três vezes antes de conseguir falar:

— O que foi isso?

— Isso fui eu deixando as coisas bem claras entre nós.

Engasgo.

Ele pega minha mão.

— Eu estou apaixonado por você, Sardas. A essa altura acho que isso já está óbvio para qualquer um. Você disse que queria compromisso e eu nunca quis nada menos que isso com você, e peço desculpas por não ter conseguido ser claro sobre as minhas intenções desde o começo.

Olho para Derek sem respirar enquanto ele continua falando:

— Já faz tempo que eu queria dizer isso tudo para você… conversei muito com seus pais sobre isso, inclusive, mas eu não via sentido, e seu pai

concordava comigo, em falar com você sobre meus sentimentos sem uma perspectiva real de que isso, nós dois, pudesse funcionar. Não quero algo momentâneo, eu quero passar o resto da minha vida com você, Sardas. E, agora, do jeito que as coisas estão se ajeitando nas nossas vidas, eu acredito que pode dar certo. Eu orei muito sobre isso e já falei com seu pai, e ele aprova. Você topa?

Esse foi um pedido de namoro um tanto incomum, principalmente porque Derek não disse com todas as letras, mas ele poderia ter sido mais claro?

— Eu topo! Eu com certeza topo!

Um sorriso completo, com direito a dentes e tudo, se forma no rosto de Derek. Mal tenho tempo de contemplar a beleza que é vê-lo sorrindo, porque, assim que as palavras saem de minha boca, Derek a cobre com a sua.

FIM

CAPÍTULO EXTRA

O Lugar de Paz

Para aqueles em busca do seu lugar de paz, tenho uma boa notícia.

Se você está procurando a mesma Paz que a Madu e o Derek encontraram, você pode achá-la agora mesmo.

A Paz, a verdadeira Paz, tem nome. E o nome é Jesus Cristo de Nazaré, Filho de Deus.

Mas, calma aí, porque estou começando essa história pelo final.

Você talvez esteja se perguntando: por que cargas d'água Jesus seria minha paz?

O que isso quer dizer?!

Então vamos por partes. Começando pelo começo.

Jesus é nossa paz, porque, quando Deus nos criou, em um relacionamento perfeito com Ele, nós escolhemos odiá-lo.

Pesado, né? Mas é a verdade.

Deus fez uma aliança com a gente: "Vocês podem comer de todos os frutos do Jardim do Éden (que Ele tinha acabado de criar), com exceção de um! Vocês só não podem comer da árvore do conhecimento do bem e do mal, porque, no dia em que vocês comerem um fruto dessa árvore, com certeza vocês vão morrer."

Deus falou. Ele disse claramente Sua ordem e as consequências de desobedecer a essa ordem. E, então, Deus deu ao homem (que Ele mesmo havia criado) a liberdade de escolher se iria obedecer a Deus ou não.

E nós escolhemos desobedecer.

Adão e Eva eram os representantes de toda a humanidade. Do mesmo jeito que os jogadores do Brasil representam os brasileiros na Copa

do Mundo, Adão e Eva representaram os seres humanos no Jardim do Éden.

Nem eu nem você estávamos em campo quando o Brasil perdeu de 7x1 nem quando levamos um gol da Croácia, faltando apenas quatro minutos para sermos classificados para as semifinais da Copa no Qatar, mas, mesmo assim, sofremos com isso até hoje, como se fizéssemos parte do time escalado. Do mesmo jeito, eu e você também não estávamos fisicamente no Jardim quando o primeiro casal desobedeceu a Deus, mas, mesmo assim, todos nós nos rebelamos contra Deus junto de Adão e Eva, nossos representantes.

Por causa da escolha que Adão e Eva fizeram, todos nós nascemos em um relacionamento rompido com Deus.

É daí que vem toda a desesperança. Foi a partir daí que tivemos nossa paz, interior e exterior, rompida. Nós nos tornamos inimigos de Deus, o que fez com que nossa própria alma ficasse perturbada.

Vocês lembram o que Deus falou logo depois de criar Adão? Que, se ele comesse da árvore do conhecimento do bem e do mal, ele morreria.

Adão não morreu fisicamente assim que comeu o fruto, mas ele morreu em seu espírito. Seu relacionamento perfeito com Deus foi quebrado e não existe nada pior do que isso.

Antes, Adão era amigo de Deus, mas, por causa do pecado, ele se tornou inimigo de Deus.

Nós herdamos essa inimizade. Nascemos odiando Deus e em rebelião contra Ele.

Não queremos saber sobre Deus, não queremos obedecer Suas ordens.

E a consequência dessa nossa escolha de não viver com Deus é a morte. A morte espiritual, o inferno.

Só notícia ruim até agora, né?

Onde é que foi parar a Paz de que eu estava falando no começo deste texto?

Que bom que você me perguntou isso, meu amigo, porque é agora que chegamos à melhor parte!

Deus olhou o mundo destruído pelo pecado, digno de Sua ira eterna, por ter se rebelado contra um Deus eterno, e escolheu ter misericórdia.

A misericórdia de Deus assumiu um corpo. Deus se fez um ser humano. Ele deixou toda Sua grandeza, glória e majestade e assumiu a forma de um bebê.

Esse bebê, chamado Jesus, era plenamente um ser humano, mas também era plenamente Deus.

E é por isso que Jesus é o único capaz de ser nosso representante.

Do mesmo jeito que os jogadores representam seu país na Copa e Adão e Eva representaram a humanidade no Éden, Jesus representou na cruz todos aqueles que creem que Ele é o único Deus, nosso Salvador.

Jesus carregou cada um dos pecados daqueles que colocam sua fé nEle. Jesus pagou por cada um desses pecados. A ira de Deus, que seria destinada a nós e nos fulminaria no inferno, foi destinada completamente a Cristo. Por isso, agora, se cremos que Jesus é o Filho de Deus, capaz de nos salvar, temos todos os nossos pecados perdoados.

Já não temos mais culpa, por causa do que Cristo fez por nós!

E essa é a nossa maior esperança! *Cristo é a nossa Paz!*

Jesus venceu a morte! Não apenas a morte física (porque viveremos eternamente no Céu, se cremos em Jesus), mas principalmente a morte espiritual (se cremos em Jesus, não iremos para o inferno!).

E as boas notícias não param por aí!

Jesus garantiu que o nosso relacionamento com Deus fosse restaurado!

Por causa de Jesus, não precisamos mais viver em inimizade com Deus. Agora, podemos ser Seus amigos e, mais que isso, Seus filhos! E quem nos garante isso é o Espírito Santo, que vem habitar em nós assim que confessamos que Jesus é o nosso Salvador.

Por causa de Cristo, temos *paz* com Deus de novo!

A esperança que temos em Jesus se reflete em todas as áreas da nossa vida.

Ele nos dá esperança em relação ao passado. Todos os nossos erros, falhas e pecados foram apagados em Jesus. Já não podemos ser condenados de nada se estamos com Cristo.

Jesus nos dá esperança em relação ao presente. Se cremos em Jesus, Seu Santo Espírito vem morar dentro de nós. Por causa do Espírito, nós podemos mudar de vida. Podemos nos desenvolver e nos tornar pessoas melhores, mais felizes e mais plenas, assim como nosso Senhor Jesus Cristo.

E Jesus nos dá esperança em relação ao futuro. Não tememos mais a morte, porque sabemos exatamente para onde vamos. Se Jesus é nosso

Salvador, temos a certeza de que iremos viver para sempre junto dEle lá no Céu, e não existe notícia melhor que essa!

Você quer fazer igual a Madu e tentar lembrar sempre do que pode te dar esperança? Então se lembre de Jesus! Lembre-se de tudo que Ele fez e conquistou por você!

Você está buscando a Paz interior?

Tenho uma boa notícia: você acabou de encontrá-la!

Para ter essa paz em você, é muito simples.

Reconheça seus pecados (tudo aquilo que você faz que ofende a Deus). Mas não apenas isso. Confesse seus pecados ao Senhor e peça perdão, porque Deus é bom e misericordioso, Ele está sempre disposto a perdoar aqueles que se arrependem!

Depois disso, confesse que Jesus Cristo é o Senhor e seu único Salvador.

Se você crê nessas verdades, o Espírito Santo irá habitar em você, confirmando que agora você é filho de Deus.

Se você acabou de receber a vida eterna, por meio de Jesus Cristo, procure uma igreja saudável próxima de você. Ser acompanhado por outros crentes (nossos irmãos em Cristo) é extremamente importante para a sua vida com Deus!

O cristão não sobrevive sozinho. Do mesmo jeito que, se um soldado for sozinho para o campo de batalha, ele não voltará vivo, se um cristão tentar viver sua vida com Deus individualmente, sua fé morrerá.

E é estando junto de Deus (e somente assim!) que teremos a verdadeira paz.

Ter a paz de Cristo, que ninguém consegue entender, não significa que não teremos mais problemas. Também não significa que agora nossa vida será fácil. Ter a paz de Cristo guardando nossa mente e nosso coração significa que, mesmo com os problemas que virão (porque eles virão e isso é algo certo), nós não ficaremos desesperados.

As situações não nos influenciarão ao ponto de nos fazer perder a paz, porque agora nossa paz não está em coisas, nem em momentos, nem em circunstâncias, mas em uma pessoa, que é eterna e não muda: Cristo.

Ter a paz de Cristo significa estar bem mesmo em meio aos problemas, porque confiamos no nosso Bom Pastor, que cuida de nós e passa conosco pelo vale da sombra da morte.

Se você deseja essa Paz, a Paz verdadeira, que é Jesus e só Deus pode dar, ore e peça para que o Espírito Santo transforme seu coração.

Se você quiser ajuda para fazer essa oração, segue aqui um modelinho (mas sinta-se à vontade para orar com suas próprias palavras, o importante é você falar com Deus com sinceridade de coração):

> *Senhor Deus, reconheço que sou pecador. Vejo que tenho sido rebelde contra o Senhor desde o dia em que eu nasci. Por isso, eu te peço perdão. Me perdoa pelos meus pecados e me limpa com o sangue de Jesus. Me ensina a viver de uma forma que seja agradável para o Senhor, para que, assim, eu possa ter aquilo que é mais precioso nesta vida: a Tua própria presença. Oro em nome de Jesus, o Filho de Deus, meu único Senhor e Salvador, que morreu em uma cruz por meus pecados, mas ressuscitou e vive eternamente. Amém.*

Se você quiser conversar mais sobre isso, venha falar comigo pelo meu Instagram (@debora_entreaslinhas)! Para mim é sempre uma alegria falar sobre Deus, meu Criador, Senhor e Salvador!

Fiquem na Paz do nosso Senhor Jesus Cristo.

BÔNUS

Cante Junto
Discografia

“Grass of Glass” — Grass of Glass

Despised, charming grass
Grama bela, desprezada
Fertile, pleasant land
Terra fértil, aconchegante
Trampled softness
Suavidade tão pisada
Fresh soil in my hand
Solo fresco, verdejante

Breakable, hard crystals
Vidro forte, delicado
Don't let anyone pass
Restritivo, transparente
It will hurt you, if it falls
Fere e corta, se quebrado
Fragile, tough glass
Vidro frágil, resistente

Broken heaven will not last
Paraíso destruído
Grass of glass, grass of glass
Grama de vidro, grama de vidro
Shatter my shelter, no regrets

Cacos quebram meu abrigo
Grass of glass, grass of glass
Grama de vidro, grama de vidro

I am unstable grass
Eu sou grama inconstante
I jab the walker on his way
Incomodo o viajante
Brittle like the sparkling glass
Quebradiço como o vidro
If I'm broken, cut I may
Corto sempre que ferido

I'm glass but I'm grass
Eu sou vidro, mas sou grama
Softness is now cursed
Maciez que se profana
I'm grass but I'm glass
Eu sou grama, mas sou vidro
The blessing made me hurt
Pela bênção fui ferido

Flower field full of death
Morte em campo florido
Grass of glass, grass of glass
Grama de vidro, grama de vidro
Shatter my shelter, no regrets
Cacos quebram meu abrigo
Grass of glass, grass of glass
Grama de vidro, grama de vidro

“Grass of Glass” (Madu’s Version) — Grass of Glass (Versão da Madu)

Despised, charming grass
Grama bela, desprezada
Fertile, pleasant land
Terra fértil, aconchegante
Trampled softness
Suavidade tão pisada
Fresh soil in my hand
Solo fresco, verdejante

Breakable, hard crystals
Vidro forte, delicado
Don't let anyone pass
Restritivo, transparente
It will hurt you, if it falls
Fere e corta, se quebrado
Fragile, tough glass
Vidro frágil, resistente

Broken heaven will not last (Safe heaven at last)
Paraíso destruído (Paraíso protegido)
Grass of glass, grass of glass
Grama de vidro, grama de vidro
Shatter my shelter, no regrets (I make the shards my fortress)
Cacos quebram meu abrigo (Cacos formam meu abrigo)
Grass of glass, grass of glass
Grama de vidro, grama de vidro

I am unstable grass
Eu sou grama inconstante
I jab the walker on his way (Green soil full of waves)
Incomodo o viajante (Ondas verdes vacilantes)
Brittle like the sparkling glass
Quebradiço como o vidro
If I'm broken, cut I may (I'm stronger when I pray)
Corto sempre que ferido (Em oração, fortalecido)

I'm glass but I'm grass
Eu sou vidro, mas sou grama
Softness is now cursed (Hope called me and I heard)
Maciez que se profana (Esperança que me chama)
I'm grass but I'm glass
Eu sou grama, mas sou vidro
The blessing made me hurt (Blessing is breaking through the hurt)
Pela bênção fui ferido (Bênçãos curam o ferido)

Flower field full of death (Give the broken a new breath)
Morte em campo florido (Vida irrompe no rompido)
Grass of glass, grass of glass
Grama de vidro, grama de vidro
Shatter my shelter, no regrets (Shattered shelter is my past)
Cacos quebram meu abrigo (Cacos foram meu abrigo)
Grass of glass, grass of glass
Grama de vidro, grama de vidro

Give the broken a new breath
Vida irrompe no rompido
Grass of glass, grass of glass
Grama de vidro, grama de vidro
Shattered shelter is my past
Cacos foram meu abrigo
Grass of glass, grass of glass
Grama de vidro, grama de vidro

“Lugar de Paz” — Madu Rios

Tempestade que agita o mundo lá fora
Ventos fortes sopram em mim
Não sou mais criança, estou firme na Rocha
Minhas quedas não são o meu fim

A Voz que fez o mundo girar
Ilumina minha escuridão
A Voz que acalmou o mar
Tranquiliza meu coração

Presa em laços de trevas
Sua luz os nós desfaz
Sua mão me carrega
Para o meu lugar de paz

Posso andar no mar tempestuoso
Se de Deus não me distrair
Minha luz, o meu guia é mais poderoso
Com ele, não vou mais cair

A Voz que fez o mundo girar
Ilumina minha escuridão
A Voz que acalmou o mar
Tranquiliza meu coração

Presa em laços de trevas
Sua luz os nós desfaz
Sua mão me carrega
Para o meu lugar de paz

Presa em laços de trevas
Sua luz os nós desfaz
Sua mão me carrega
Para o meu lugar de paz

“Rivers” — Derek Duncan (tradução)

No inesperado
Encontrei os rios
De braço cruzado
Como um desafio

Torrentes profundas aveludadas
Correntes cacheadas anoitecidas
Porcelana leitosa estrelada
Fontes de água me cantam Vida

Som alto e inesperado
Percurso perturbado
Tom suave, angelical
Paz em meio ao temporal

Torrentes profundas aveludadas
Correntes cacheadas anoitecidas
Porcelana leitosa estrelada
Fontes de água me cantam Vida

Os primos dos lagos
Seu canto é um afago
Os primos dos lagos
Seu canto é um afago

Torrentes profundas aveludadas
Correntes cacheadas anoitecidas
Porcelana leitosa estrelada
Fontes de água me cantam Vida

“**Freckles**” **— Derek Duncan (tradução)**
(Apenas refrão)

Me apaixonei duas vezes por você
A primeira ao te ouvir
A segunda ao te ver

E pra não restar dúvidas
Venho aqui esclarecer
Sim, Sardas, estou falando de você

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus em primeiro lugar, como não poderia deixar de ser. Porque nele vivemos, nos movemos e existimos[11]. Se não fosse pelo Senhor, não teria tido a vida, nem a força, nem a capacidade, nem a criatividade para concluir este livro. Agradeço a Deus também por ter me dado esta história em um período bem difícil da minha vida. Glass foi uma espécie de terapia para mim, usada por Deus para me ajudar em algumas questões específicas (como em relação à paz verdadeira, que só Deus pode dar, o que deve ter ficado um tanto óbvio haha).

Weber, meu marido, meu parceiro de vida. Obrigada por me apoiar em mais essa empreitada!

Fabiane Ciampi Colenghi, minha eterna Nane, muito obrigada por topar ser minha revisora mais uma vez. Seu trabalho, além de sensacional, é imprescindível. Te amo, sis!

Minha querida amiga, a Maria da minha Eduarda, muito obrigada por ter me ajudado a dar vida para “Lugar de Paz”. Fomos Ma & Du ao longo da composição haha. Fico impressionada com seu talento! Muito obrigada pelo carinho, dedicação e paciência. Essa música é tão sua quanto minha (como você pediu, não vou colocar aqui seu nome, mas não podia deixar de registrar minha eterna gratidão por ter me ajudado a realizar mais esse sonho!).

Também agradeço aos meus betas, de todos os três processos simultâneos de betagens que aconteceram para que Glass chegasse até aqui.

Às minhas betas da história:

Clara Costa, que leu todas as versões de Glass, inclusive as que nunca foram concluídas, quando ainda era CBP1GnaTPM 5.3 (tem explicação disso no meu Instagram para quem ficou curioso — @debora_entreaslinhas). Obrigada por se animar com a cena da Angelina (que era o nome original da Madu) e do Derek mandando indiretas musicais um pro outro. Infelizmente não deu para manter essa cena para esta versão final (risos).

Raquel Eller, que acompanhou Glass na versão atual do início ao fim. Obrigada por seu amor pela história (e pela minha escrita de forma geral). Sua empolgação com meus livros me anima a continuar.

Nicole Heinrich, futura editora. Foi uma honra ser a primeira em sua carreira, que sei que será brilhante. Sua ajuda foi essencial para que Glass seja o que é hoje.

Aline Russo, muito obrigada por seu eterno carinho e animação com Glass, que você devorou em dois dias!

Raabe Freitas, obrigada por suas críticas sempre sinceras, que me ajudam a fazer os ajustes necessários.

Gi Manfredo, obrigada por sua visão de escritora e por ter me ajudado a melhorar a construção de personagem da Madu.

Larissa Yonaha, obrigada por topar minhas loucuras. Amo sua empolgação natural com a vida e seus comentários certeiros ajudaram a aprimorar a história.

Aos meus betas da tradução da música “Grass of Glass” para o inglês:

Em primeiro lugar, obrigada, Nicole, por ter dado o empurrãozinho que faltava para que essa ideia acontecesse. Sua sugestão de passar a música do português para o inglês, para deixar tudo mais realista e a experiência de leitura ainda mais imersiva, em um primeiro momento me fez pensar algo como “claro que não! Eu sou brasileira, a história foi escrita em português, para brasileiros e se passa a maior parte do tempo no Brasil. Além disso, português é minha língua materna, então vai ser em português, *sim!*” Ao mesmo tempo, essa ideia alugou um triplex na minha cabeça e, quando eu vi, já estava tentando traduzir o refrão sem nem perceber. E o resultado final ficou muito bom, então muito obrigada!

Luciana Costa, minha amiga de infância que agora mora no Canadá, muito obrigada por dispor do seu bilinguismo e olhar poético para me ajudar na primeira etapa da tradução.

Samuel Lane, muito obrigada pela sua paciência — acho que você foi o que eu mais enchi o saco nesse processo de tradução (risos). Agradeça à Jenni Lane, sua mãe, também, por favor, que acabou sofrendo com minhas ideias mirabolantes por tabela!

Abigail Roe da Silva, minha amiga americana de coração brasileiro, obrigada por me ajudar a encontrar o que ficou estranho na minha tradução rústica do poema da minha língua materna para a sua.

Sarah Lane, obrigada por se dispor a ler meu poema, mesmo em meio à sua rotina corrida, e me dar os toques finais para a música fazer sentido.

Todos vocês salvaram “Grass of Glass” e por isso sou muito grata.

Aos meus betas da capa:

Clara, muito obrigada por ter aceitado fazer a capa, que ficou incrível! Você arrasa!

Weber, obrigada por seus comentários, que nos ajudaram a chegar ao resultado final.

Nane, Raquel e Nicole, obrigada por opinarem e se animarem comigo nesse processo também!

Às minhas parceiras, Bia, Sara, Sabrina e Eduarda, muito obrigada pelo apoio na divulgação! Acompanhar a leitura de vocês me encorajou de um tanto que vocês nem imaginam.

Aos meus leitores, que ficaram na expectativa, pedindo para que eu publicasse Glass logo. Vocês não têm ideia de como o carinho e a empolgação de vocês me incentiva nessa jornada de escritora. Muito obrigada!

Como podem ver, um livro não se faz sozinho — mesmo (e, eu diria, *principalmente*) quando se publica de forma independente.

Sou muito grata a todos que me ajudaram de alguma forma, mesmo que apenas com orações.

Não teria conseguido sozinha e Deus é bom demais ao me cercar de pessoas dispostas a me abençoar nessa jornada, nesse ministério que Ele mesmo preparou para mim.

"Ora, àquele que é poderoso para fazer **infinitamente mais do que tudo quanto pedimos ou pensamos**, conforme o seu poder que opera em nós, a ele seja a glória, na igreja e em Cristo Jesus, por todas as gerações, para todo o sempre. Amém!" (Efésios 3.20-21)

Soli Deo Gloria.

E se você chegou até aqui, vou te agradecer com um presente.

Na verdade, é um **anúncio…**

A GLASS VAI VOLTAR.

---

[1] Salmo 19.1.

[2] Mateus 6.25-34.

[3] Mateus 22:34-40.

[4] Lucas 9:23.

[5] “Grass”, em inglês, significa “grama”.

[6] “Glass”, em inglês, significa “vidro”.

[7] A tradução da música não foi literal. Considero "Grass of Glass" e "Grama de Vidro" como poemas gêmeos, uma vez que, ainda que estejam correlacionados, não me prendi a cada palavra da versão em português na tradução para a versão em inglês. São poemas próprios em cada idioma, com suas particularidades, mas compartilhando uma mesma essência.

[8] Se você não sabe que Baile de Máscaras foi esse, é só ler “Apenas Mais Um Conto”.

[9] Lamentações 3:21

[10] Cidade fictícia.

[11] Atos 17.28

ABOUT THE AUTHOR

Débora Ciampi Eller



Débora é leitora sem querer e escritora por acaso. Quando criança, não tinha paciência para livros. "Para que ler se posso ver os filmes?", era o que ela costumava pensar - até que leu Crepúsculo e Percy Jackson e, quando viu, se tornou, sem querer, uma leitora assídua. Sua vida com a escrita também não foi intencional. Um dia, aos 12 anos, na hora de dormir, uma frase ficou ecoando em sua cabeça, até que ela precisou levantar e colocá-la no papel. E, assim, por acaso, se tornou escritora. Hoje, lê porque quer e escreve porque gosta. Cria as histórias que leria (como qualquer autor) e constrói lugares em que pode descansar e se divertir.

Acompanhe a autora pelo Instagram: @debora_entreaslinhas

BOOKS IN THIS SERIES

Grama de Vidro

Voz De Âmbar - Um Conto Spin-Off De "Grama De Vidro"

Uma das cenas preferidas dos leitores, agora por outro ponto de vista!

“Voz de Âmbar” é um spin-off de “Grama de Vidro” e contém MUITOS spoilers, por isso é altamente recomendada a leitura do livro antes do conto.

BOOKS BY THIS AUTHOR

Apenas Mais Um Conto

QUAL É O PREÇO DE UM SEGREDO?

A vida de Isabela Castelli parece muito com as histórias das Princesas da Disney que ela assistia quando criança. Órfã aos dez anos, ela foi acolhida pela família dos amigos mais próximos de seus falecidos pais, mas o que parecia um recomeço acabou se tornando um enredo digno de um clássico conto de fadas.

Sentindo-se aprisionada na mansão dos Bastos, Isabela cresceu à mercê das manipulações e vontades de sua tutora e de seus três filhos. Mimados, eles nunca viram a menina como mais do que uma gata borralheira. Agora, aos 16 anos, tudo que Isabela mais deseja é encontrar um escape de sua realidade nada encantada.

Quando sua escola promove um Baile de Máscaras, Isabela se vê em sua noite de princesa, finalmente longe de seus afazeres e obrigações. E é com o Menino da Máscara Preta que ela se sente mais à vontade para se abrir e se sentir novamente como ela mesma.

Mas e se o príncipe se mostrar não tão encantado assim? Isabela terá coragem de se revelar depois de perder um objeto tão importante com ele? Valerá a pena arriscar relações para se manter anônima? Por quanto tempo ela tentará fugir?

Isabela terá que ser corajosa e encarar a verdade. Afinal, a verdade sempre permanecerá.

[Esta é uma obra de ficção cristã]